

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL EM RUÍNAS:
FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ.**

Natália Maldonado Alves Teixeira

2019



PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL EM RUÍNAS:
FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ.

Natália Maldonado Alves Teixeira

Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro

Rio de Janeiro
Setembro / 2019

PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL EM RUÍNAS:
FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ.

Natália Maldonado Alves Teixeira

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro

Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

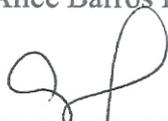
Aprovada por:



Presidente, Prof.^a Dra. Rosina Trevisan Ribeiro



Prof.^a Dra. Alice Barros Horizonte Brasileiro



Prof.^a Dra. Cláudia Carvalho Leme Nóbrega



Prof.^a Dra. Juliana Silva Pavan

Rio de Janeiro

Setembro / 2019

T266p Teixeira, Natália Maldonado Alves
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL
EM RUÍNAS: FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ
/ Natália Maldonado Alves Teixeira. -- Rio de
Janeiro, 2019.
182 f.

Orientadora: Rosina Trevisan M. Ribeiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura,
2019.

1. Ruínas. 2. Patrimônio Cultural. 3. Memória. 4.
Intervenção. I. Ribeiro, Rosina Trevisan M., orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Hernandes, Teixeira e minha mãe, Rosa Maria Maldonado (*in memoriam*), minha força e incentivo para seguir em frente e chegar até aqui, mesmo nos momentos mais difíceis pelos quais passamos nos últimos anos.

A minha irmã, Celeste Maldonado, parceira pra toda vida, pelo fundamental carinho e suporte, tanto nas horas tranquilas quanto nas mais caóticas.

A minha avó, Celeste Alves, pelo amor puro e verdadeiro, transmitindo a tranquilidade e paz que preciso no melhor abraço.

A minha orientadora Prof.^a Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro, por compartilhar sua sabedoria, tempo e experiência, sempre pronta a esclarecer diversas dúvidas de maneira tão atenciosa e paciente.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio do PROARQ/FAU/UFRJ, que contribuíram grandiosamente com a minha trajetória acadêmica.

Ao IPHAN/RJ, pela generosa contribuição que fez à esta pesquisa ao conceder acesso ao seu material referente à Fazenda São Bernardino.

Aos companheiros queridos da turma 2017 do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio, pela amizade, força e cumplicidade, fazendo as sextas-feiras de aulas mais leves e felizes.

Aos meus amigos, por compreenderem os momentos de ausência e a toda força e positividade transmitida a cada decisão tomada.

Ao Patrimônio Cultural em ruínas Fazenda São Bernardino, grande companheiro nessa jornada. Muitas lições aprendidas e um imenso carinho e respeito pelo nosso Patrimônio.

RESUMO

PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL EM RUÍNAS: FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ.

Natália Maldonado Alves Teixeira

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro

Resumo da Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Ruínas em geral, como fragmento de arquitetura existente em época anterior, são dotadas de beleza e capazes de despertar sensações no observador, tal qual uma obra de arte. Tratam-se de espaços de memória, patrimônio cultural de determinada população e um meio de aprendizagem através da imagem, colocando aquele que as admira como herdeiro daquela criação. A Fazenda São Bernardino, localizada às margens da Estrada Federal de Tinguá, em zona rural do município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, originalmente se apresentava como um completo exemplar de fazenda colonial brasileira, composto por Casa Grande, Engenho e Senzala. Atualmente em ruínas, após anos em situação de abandono e exposição a intempéries, apresenta grande caráter contemplativo, sendo admiradas e exploradas pela população exatamente por sua condição de ruínas. A pesquisa tem por objetivo reafirmar a importância da intervenção e do uso na preservação do patrimônio cultural Fazenda São Bernardino. Após estudos aprofundados do objeto e seu contexto, baseando-se em pesquisa bibliográfica diversa, é proposta uma intervenção no sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino e recomendações de preservação para trecho de entorno referente à aleia de palmeiras imperiais. O projeto proposto tem foco na consolidação das ruínas do conjunto, sendo proposta também a construção de uma nova arquitetura de suporte à visitação ao conjunto, sendo este um elemento necessário para a sustentabilidade e preservação do patrimônio.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Ruínas; Memória; Intervenção; São Bernardino.

Rio de Janeiro
Setembro / 2019

ABSTRACT

INTERVENTION PROJECT IN A CULTURAL HERITAGE AT RUINS: FAZENDA SÃO BERNARDINO, NOVA IGUAÇU, RJ.

Natália Maldonado Alves Teixeira

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosina Trevisan M. Ribeiro

Abstract da Dissertação de Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio.

Ruins in general, as a fragment of architecture that existed earlier, are endowed with beauty and capable of housing sensations in the viewer, just like a piece of art. These are memory spaces, cultural heritage of a certain population and a means of learning through the image, placing the one who admires them as heir to that creation. The Fazenda São Bernardino, located on the banks of the Estrada Federal de Tinguá, in a rural area of the municipality of Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, originally presented itself as a complete example of a Brazilian colonial farm, consisting of Casa Grande, Engenho and Senzala. Currently in bad conservation, after years of abandonment and exposure to bad weather, it has a great contemplative character, being admired and explored by the population exactly for its condition of ruins. The research aims to reaffirm the importance of intervention and use in preserving the cultural heritage Fazenda São Bernardino. After in-depth studies of the object and its context, based on diverse bibliographical research, it is proposed an intervention on the site of the Fazenda São Bernardino ruins and recommendations for preservation of the surrounding area that refers to the imperial palms pass. The proposed project focuses on the consolidation of the ruins of the ensemble, and also the construction of a new architecture to support the visitation, which is a necessary element for the sustainability and preservation of the heritage.

Keywords: Cultural Heritage; Ruins; Memory; Intervention; São Bernardino.

Rio de Janeiro
Setembro / 2019

Sumário

Lista de Figuras	x
Lista de Quadros	xv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A Fazenda São Bernardino.....	4
1.1 Localização	5
1.2 Histórico: a Fazenda São Bernardino e seu Contexto	6
1.3 Legislação	19
1.4 Conceitos de Ruína e Memória	22
1.5 A Ruína e seus Valores	26
CAPÍTULO 2: Diagnóstico da Fazenda São Bernardino e seu Contexto	32
2.1 Análise da Paisagem e Entorno	32
2.1.1 Transformação da paisagem.....	37
2.1.2 Estrutura Morfológica Atual	39
2.1.3 Aspectos Funcionais e o Sistema de Espaços Livres	40
2.2 Análise do Sítio das Ruínas da Fazenda São Bernardino.....	44
2.2.1 Dentro das Ruínas	46
2.2.2 Fora das Ruínas	49
2.3 Condições Ambientais.....	53
2.4 Descrição Arquitetônica da Fazenda São Bernardino	56
2.5 Análise do Estado de Conservação do Conjunto Arquitetônico	65
CAPÍTULO 3: Proposta de Intervenção	80
3.1 Área de Intervenção	80
3.2 Diretrizes de Intervenção	82
3.3 Referências Projetuais	86
3.4 Projeto de Intervenção nas Ruínas e Construção de Edificação de Apoio (Anexo).....	94
3.4.1 Diretrizes de Conservação e Restauro das Ruínas	96
3.4.2 Anexo: Nova Edificação	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
APÊNDICES.....	130
Apêndice 1 – Levantamento Arquitetônico.....	131
Apêndice 2 – Mapeamento de Danos: Fachada Frontal da Casa Grande.....	141
Apêndice 3 – Mapeamento de Danos: Trecho de Fachada Lateral da Casa Grande.....	143
Apêndice 4 – Projeto de Intervenção	145
ANEXOS.....	154
Anexo 1 – Parecer do Tombamento.....	155

Anexo 2 – Denúncia de Abandono. Jornal do Brasil, 1982	160
Anexo 3 – Certidão do Corpo de Bombeiros: Incêndio, 1983	162
Anexo 4 – Plantas Originais do Conjunto Arquitetônico.....	164

Lista de Figuras

Figura 1- Imagem aérea das ruínas feita por drone, 2013.	4
Figura 2 - Localização da Fazenda, 2018.	5
Figura 3 – Vista superior do conjunto.	6
Figura 4 - Visadas do Conjunto Arquitetônico.....	6
Figura 5 - Mapa da Vila de Iguassu, 1837.....	8
Figura 6 - Casa Grande da Fazenda São Bernardino, 1950.....	9
Figura 7 - Vista da Casa Grande a partir da Estrada Federal de Tinguá, 1950.	9
Figura 8 - Engenho e Senzala, 1950.	10
Figura 9 - Vista da Fazenda a partir da aleia de palmeiras imperiais.....	10
Figura 10 - Vila de Iguassu. Espólio de Henrique Mesquita, 1951.....	11
Figura 11 - Vila de Iguassu sobreposta em mapa atual.	11
Figura 12- Provável Estação São Bernardino em 1886, ilustrada por Mauro Lemos Azeredo.....	12
Figura 13 - Maxambomba e Vila de Iguaçú.	13
Figura 14 – Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú, início do séc. XX.	14
Figura 15 – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú, 2017.	14
Figura 16 - Vestígios do Porto que se ligava ao Rio Iguaçú.	15
Figura 17 - Casa Grande, década de 40 do séc. XX.	16
Figura 18 - Casa Grande após incêndio, 1984.....	17
Figura 19 - Fachada posterior, escoramentos em destaque, 2017.	18
Figura 20 - Escoramentos em tijolos furados, 2017.	18
Figura 21 - Trecho da Casa Grande, 2017.....	18
Figura 22 - Trecho Engenhos, 2018.	18
Figura 23 - Localização do Bem na APA Tinguá, 2006.	20
Figura 24 - Pompéia, 2015.	26
Figura 25 - Herculano, 2015.....	26
Figura 26 - Edificação e Cúpula Genbaku, Hiroshima, bombardeada na Segunda Guerra Mundial, 1945.....	29
Figura 27 - Memorial da paz de Hiroshima, 2016. Restauro propôs a permanência das marcas da destruição causada pela guerra na edificação.	29
Figura 28 - Paisagem da Fazenda São Bernardino, 1987. Possível a visualização da topografia com vegetação controlada e trecho das ruínas da Senzala aparentes.....	33

Figura 29 - Paisagem da Fazenda São Bernardino, 2017. Vegetação densa não deixa claro o desenho da topografia.....	33
Figura 30 - Vista da paisagem do entorno a partir do nível superior do terreno, em frente à Casa Grande, 1987.....	34
Figura 31 - Vista da paisagem do entorno a partir do nível superior do terreno, em frente à Casa Grande, 2017. Postes e fios, publicidade e aleia oculta por vegetação densa.....	34
Figura 32 - Localização do trecho analisado: Limite da APA Tinguá, uso sustentável.	37
Figura 33 - Transformações na paisagem 1984 x 2018.....	38
Figura 34 - Análise de superfície edificada no contexto delimitado, 2018.	39
Figura 35 - Análise da cobertura vegetal no contexto delimitado, 2018.....	40
Figura 36 - Usos do entorno de São Bernardino, 2018.	41
Figura 37 - Imagem aérea do Sítio Vale do Ipê, implantado na parte posterior à Fazenda São Bernardino. Acesso pela Estrada São Bernardino.....	41
Figura 38 - Residências em alvenaria aparente implantadas de maneira desordenada; originadas provavelmente a partir de invasões.....	41
Figura 39 - Pequeno comércio à beira da Estrada Federal de Tinguá.	41
Figura 40 - Igreja evangélica às margens da Estrada Federal de Tinguá.	41
Figura 41 - Espaços livres públicos: Vias, 2018.	42
Figura 42 - Percurso: análise da paisagem da Fazenda São Bernardino, 2018.	43
Figura 43 - Relação formal da Fazenda São Bernardino com seu entorno.	45
Figura 44 - Dicotomia a ser analisada: Dentro x Fora das ruínas.....	45
Figura 45 - Corte esquemático A. Dicotomias marcadas em diferentes tons de rosa. ...	46
Figura 46 - Interior da Casa Grande e limites da Senzala, 2017.	47
Figura 47 - Espaço livre interno, Casa Grande, limites da Senzala e Engenho.....	48
Figura 48 - Usos nos espaços livres interiores às ruínas.	49
Figura 49 - Espaço livre fora da ruína, nível inferior e superior do terreno, 2018.....	50
Figura 50 - Pavimentação externa às ruínas, nível superior e inferior do sítio.	51
Figura 51 - Aparente acesso a rede de esgoto no sítio, 2018.	52
Figura 52 - Usos nos espaços livres exteriores às ruínas.....	53
Figura 53 - Altitude de Nova Iguaçu.	54
Figura 54 - Temperaturas médias, máximas e mínimas no município de Nova Iguaçu, 2018.	55
Figura 55 - Fatores ambientais incidentes e características do sítio, 2018.....	56
Figura 56 - Casa Grande, 1950.....	57

Figura 57 - Engenhos, década de 1940.....	57
Figura 58 - Senzala, década de 1940.	57
Figura 59 - Cobertura de trecho da Casa Grande, 1985.	58
Figura 60 - Cobertura de trecho da Casa Grande. Vista a partir de pátio interno, 1985.	58
Figura 61 - Detalhe Casa Grande, 1993.	59
Figura 62 - Fragmentos do beiral esmaltado da Casa Grande em exposição organizada pelo pesquisador Victor Antunes.....	59
Figura 63 - Trecho central da fachada frontal da Casa Grande, 1977.	60
Figura 64 - Fachada lateral esquerda da Casa Grande, 1977.....	60
Figura 65 - Pavimento superior e entrada principal na fachada frontal da Casa Grande, 1950.	61
Figura 66 - Pátio Interno Casa Grande, 1985.	62
Figura 67 - Chafariz no pátio interno da Casa Grande, 1977.....	62
Figura 68 - Visão superior do pátio interno. Anexo do banheiro no fundo, 1976.....	62
Figura 69 - Anexo do banheiro, 1984.....	62
Figura 70 - Capela da Casa Grande, década de 40 do séc. XX.	63
Figura 71 - Forro com ornatos estucados na Capela, década de 40 do séc. XX.....	63
Figura 72 - Forro do salão nobre da Casa Grande, década de 40 do séc. XX.	63
Figura 73 - Forro da sala de música, década de 40 do séc. XX.....	63
Figura 74 - Piso e forro em madeira. Interior Casa Grande, década de 50 do séc. XX..	64
Figura 75 - Portas internas de madeira com bandeira fixa em vidraçaria, 1965.	64
Figura 76 - Parede interna da Casa Grande caiada de branco, 1993.	65
Figura 77 - Quadro com pintura antiga de São Bernardino.....	65
Figura 78 - Planta comparativa. Arquitetura existente x inexistente no conjunto, 2017.....	66
Figura 79 - Fachadas à época da construção.	67
Figura 80 - Fachadas. Parte do levantamento cadastral do conjunto, 2017.....	68
Figura 81 - Casa Grande. Estrutura autoportante.	69
Figura 82 - Estrutura autoportante da Casa Grande com alvenaria em diferentes padrões e vãos fechados para evitar desabamentos.	69
Figura 83 - Piso interior Casa Grande.	70
Figura 84 - Piso área externa à Casa Grande.....	70
Figura 85 - Piso interior engenho.	70
Figura 86 - Fachada lateral Casa Grande. Embasamento em cantaria.	71
Figura 87 - Descida da escadaria lateral. À esquerda, muro em cantaria e argamassa. .	71

Figura 88 - Fachada Engenho.....	71
Figura 89 - Alvenarias remanescentes da Sanzala.....	72
Figura 90 - Ornatos na fachada da Casa Grande.	72
Figura 91 - Deslocamentos na fachada lateral da Casa Grande.....	72
Figura 92 - Trecho de fachada lateral da Casa Grande. Fechamento de vãos para contenção da alvenaria.....	73
Figura 93 - Vista interna de trecho de fachada lateral da Casa Grande. Vãos fechados para contenção da alvenaria.....	73
Figura 94 - Vãos do pavimento superior na alvenaria da Casa Grande.	74
Figura 95 - Vãos do pavimento superior na alvenaria da Casa Grande.	74
Figura 96 - Telhas dos beirais em estado precário na fachada lateral da Casa Grande..	74
Figura 97 - Alvenaria interna da Casa Grande. Beiral com telhas em melhor estado....	74
Figura 98 - Degraus em peça de pedra granítica da escadaria de acesso ao nível Casa Grande.	75
Figura 99 - Escadaria de acesso ao nível Casa Grande.	75
Figura 100 - Detalhe da escada na fachada lateral esquerda da Casa Grande.....	76
Figura 101 - Escadaria da fachada lateral direita da Casa Grande.	76
Figura 102 - Escadaria dupla na fachada frontal.	76
Figura 103 - Detalhe da falta de degraus na escadaria da fachada frontal.	76
Figura 104 - Escadas externas: acesso às ruínas do Engenho.	77
Figura 105 - Escada de acesso ao Engenho.....	77
Figura 106 - Esquadrias Casa Grande: pedra e madeira.....	78
Figura 107 - Esquadria Engenho: peças faltantes.....	78
Figura 108 - Vista aérea do sítio e conjunto arquitetônico. Em destaque, árvores de pequeno, médio e grande porte no terreno.	78
Figura 109 - Indicação de primeiro trecho mapeado: Fachada frontal.....	79
Figura 110 - Indicação de segundo trecho mapeado: Trecho fachada lateral.	79
Figura 111 - Delimitação da área de intervenção.....	80
Figura 112 - Setorização no sítio das ruínas de São Bernardino.	81
Figura 113 - Casa Grande da Fazenda São Bernardino após incêndio, 1984.....	82
Figura 114 - Pessoas analisam tijolos após derrubada de trecho da fachada lateral da Casa Grande, conforme reportagem do Jornal de Hoje, diário da Baixada, 2016.....	82
Figura 115 - Encontro de carros antigos no sítio das ruínas.....	84
Figura 116 - Roda de capoeira na área exterior à Casa Grande.	84

Figura 117 - Visitantes fotografando as ruínas da Casa Grande, 2017.	84
Figura 118 - Visitante próximo às ruínas do Engenho, 2017.	84
Figura 119 - Ônibus da empresa São José transitando por Nova Iguaçu, 2017.	85
Figura 120 - Ensaio de casamento, 2017.	85
Figura 121 - Alunos de escola municipal em aula externa em São Bernardino.	85
Figura 122 - Mutirão de limpeza do movimento “Quem Ama Cuida”, 2015.	85
Figura 123 - Ruínas Castelo Sandsfoot, 2014.	87
Figura 124 - Passarelas nas ruínas de Sandsfoot, 2014.	87
Figura 125 - Passarelas em metal e madeira permitem a visitação, 2015.	88
Figura 126 - Jardins em Sandsfoot, 2015.	88
Figura 127 - Ruínas das Termas de Caracalla após intervenção, 2017.	89
Figura 128 - Apresentações e eventos nas ruínas de Caracalla, 2016.	90
Figura 129 - Visão geral das ruínas do Castelo Garcia D’�vila.	90
Figura 130 - Passarelas metálicas suspensas nas ruínas.	91
Figura 131 - Outra vista das passarelas metálicas suspensas nas ruínas.	91
Figura 132 - Vista aérea das Ruínas de San Galgano.	92
Figura 133 - Proteção do topo das alvenarias com telhas com leve inclinação.	92
Figura 134 - Outro �ngulo em que se observa o topo das alvenarias com telhas.	92
Figura 135 - Igreja de Cristo Greyfriars, 2012. Recria�o de toda planta da parte arruinada da Igreja a partir de jardins.	93
Figura 136 - Usos no sítio das Ruínas de São Bernardino.	95
Figura 137 - Ruínas com reforços estruturais em aço corten.	98
Figura 138 - Alvenaria da Senzala: contraventamento em cabos de aço.	98
Figura 139 - Proteção no topo das alvenarias com telha capa e bica.	99
Figura 140 - Percursos para visitação no interior das ruínas.	100
Figura 141 - Intervenção proposta nos limites da Senzala.	100
Figura 142 - Variações na pavimentação proposta em projeto paisagístico do sítio.	102
Figura 143 - Cercamento dos limites do sítio patrimonial.	102
Figura 144 - Perspectiva do sítio com edifica�o anexo.	110
Figura 145 - Vista lateral das ruínas: implanta�o do anexo no sítio.	110
Figura 146 - Setoriza�o no pavimento térreo do anexo.	111
Figura 147 - Setoriza�o no 2� pavimento do anexo.	113
Figura 148 - Vista do anexo e para de ônibus de turismo.	115

Lista de Quadros

Quadro 1 - Áreas do interior do sítio patrimonial a ser objetos de projeto e suas respectivas áreas.	81
Quadro 2 - Descrição de usos no sítio patrimonial.....	95
Quadro 3 - Quadro de usos e área do pavimento térreo do anexo.....	111
Quadro 4 - Quadro de usos e área do 2º pavimento do anexo.....	113

INTRODUÇÃO

[...] o anseio nostálgico do passado também é sempre uma saudade de outro lugar. A nostalgia pode ser uma utopia às avessas. No desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas. A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína, o passado está presente nos resíduos, mas ao mesmo tempo não está mais acessível, o que faz da ruína um desencadeante especialmente poderoso da nostalgia. [...] Essa obsessão contemporânea pelas ruínas esconde a saudade de uma era anterior, que ainda não havia perdido o poder de imaginar outros futuros (HUYSSSEN, 2014, p.91).

A preservação do patrimônio na atualidade, a fim de salvaguardar o bem e manter viva a memória do coletivo, tornou-se uma tarefa que vai além dos historiadores, arqueólogos, arquitetos, urbanistas e demais profissionais. O fascínio pelos vestígios de obras passadas é notável e cada vez mais o indivíduo, dentre os mais diversos grupos, discute questões relativas à preservação do patrimônio que se mostra como marco de um tempo pregresso.

Ao tratar de intervenção no patrimônio em ruínas, deve-se permitir deixar de lado a busca pela reconstrução da feição original do monumento e atentar àquilo que transcende a materialidade do objeto em questão: valores imateriais. Como as pessoas se reconhecem no objeto e quais valores atribuem ao bem?

Pois, de fato, a maior glória de um edifício não está em suas pedras, ou em seu ouro. Sua glória está em sua Idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de aprovação ou condenação, que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade. (RUSKIN, 2008, p.68)

Este trabalho tem por objetivo executar um projeto de intervenção nas Ruínas da Fazenda São Bernardino, Nova Iguaçu, RJ, englobando o sítio no qual o patrimônio está implantado e trecho de paisagem do entorno que compreende a aleia de palmeiras

imperiais, situada à frente do terreno e de equivalente importância histórica. O foco do trabalho está em intervir no conjunto arquitetônico em ruínas - Casa Grande, Engenho e Senzala - visando sua preservação através de ações que consolidem as partes degradadas e da incorporação de novos elementos com características contemporâneas. Assim, permite-se reforçar o caráter contemplativo das ruínas, somado às novas possibilidades de uso do patrimônio pela população.

Intervir nas ruínas da Fazenda São Bernardino e seu sítio patrimonial se faz necessário devido ao alto grau de degradação e abandono em que se encontram e sua importância para a região na qual se inserem. Situadas em uma Zona Rural, em região pertencente à antiga Vila de Iguassu (que deu origem ao município), as ruínas da Fazenda São Bernardino são parte componente da história e da identidade do município de Nova Iguaçu - RJ.

Objeto de curiosidade e admiração pela população que transita pela região, sua imagem é utilizada pela prefeitura como símbolo para as atividades turísticas do município. Mesmo no atual estado de degradação em que se encontram, as ruínas são comumente utilizadas como locação para filmagens e fotografias, e seu sítio atua como palco para eventos de pequeno porte organizados por moradores da região.

O capítulo que inicia o presente trabalho introduz a Fazenda São Bernardino, situando-a e apresentando um histórico que compreende não apenas o bem em questão, mas também o contexto ao qual está relacionado, que originou o município de Nova Iguaçu. Também são apresentados os aspectos legais em torno do patrimônio e reflexões acerca dos conceitos que são relevantes quando se trata de intervir nas ruínas da Fazenda São Bernardino: ruína e memória.

Na sequência, o segundo capítulo realiza um diagnóstico da Fazenda São Bernardino e de um trecho do contexto no qual o bem se insere. Quanto ao entorno, são analisadas as transformações da paisagem, a estrutura morfológica atual, os aspectos funcionais e sistemas de espaços livres. Quanto à análise do sítio das Ruínas da Fazenda São Bernardino, determina-se uma dicotomia - dentro x fora das ruínas - a partir da qual são analisados: o nível hierárquico das edificações no sítio, a classificação por tipo, a relação formal do bem com o entorno, aspectos referentes à infraestrutura encontrada no local e são identificados os usos que atualmente ocorrem no patrimônio em ruínas.

A análise da paisagem, além do objeto em si (quando este apresenta caráter patrimonial), se mostra de grande importância e visa fortalecer ainda mais a justificativa de intervenção no bem junto aos órgãos de patrimônio. Um diagnóstico completo do bem e do entorno realizado no segundo capítulo, permite que a intervenção proposta e apresentada no capítulo seguinte se dê de maneira correta e harmônica, de acordo com as demandas do contexto e do usuário.

Tendo por base toda fundamentação teórica e diagnósticos do objeto de estudo e contexto, no terceiro e último capítulo tem-se então a Proposta de Intervenção no patrimônio cultural em ruínas Fazenda São Bernardino. Partindo da delimitação da área de intervenção - que engloba o sítio das ruínas e aleia de palmeiras imperiais -, são definidas diferentes diretrizes de intervenção em trechos específicos dentro do limite do projeto, acompanhando referências projetuais e propostas de uso e programa.

CAPÍTULO 1: A Fazenda São Bernardino

O patrimônio histórico “Fazenda São Bernardino” tem construção datada no ano de 1875. De estilo neoclássico e originalmente constituída por Casa Grande, Engenho e Senzala, seu valor histórico e artístico para o país foi reconhecido, culminando no tombamento da Casa Grande, parte do conjunto das ruínas, no ano de 1951 pelo atual IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Após ocorrerem diversos fatores que culminaram na decadência e no abandono do bem, o que se observa atualmente são ruínas de uma arquitetura há mais de um século sem receber atitudes de preservação por parte dos proprietários e autoridades do patrimônio. Hoje, sob gestão da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, o estado de arruinamento em que se encontra o conjunto arquitetônico interrompe a função das edificações como abrigo, assumindo caráter contemplativo e educativo (Fig.1). É necessário considerar a importância das ruínas de São Bernardino para a memória da sociedade e a maneira como são valorizadas, admiradas e exploradas pela população em uma futura proposta de intervenção visando salvaguardar o bem.



Figura 1- Imagem aérea das ruínas feita por drone, 2013.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9t7IWkp93bU&t=3s>. Acesso em dez. de 2017.

1.1 Localização

A Fazenda São Bernardino localiza-se às margens da RJ-111, denominada Estrada Federal de Tinguá (também conhecida por Estrada Zumbi dos Palmares), altura do número 2023, no bairro Iguazu Velho (em referência à antiga Vila de Iguassu), próxima à Reserva Biológica de Tinguá e ao Arco Metropolitano, no município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil (Fig. 2).

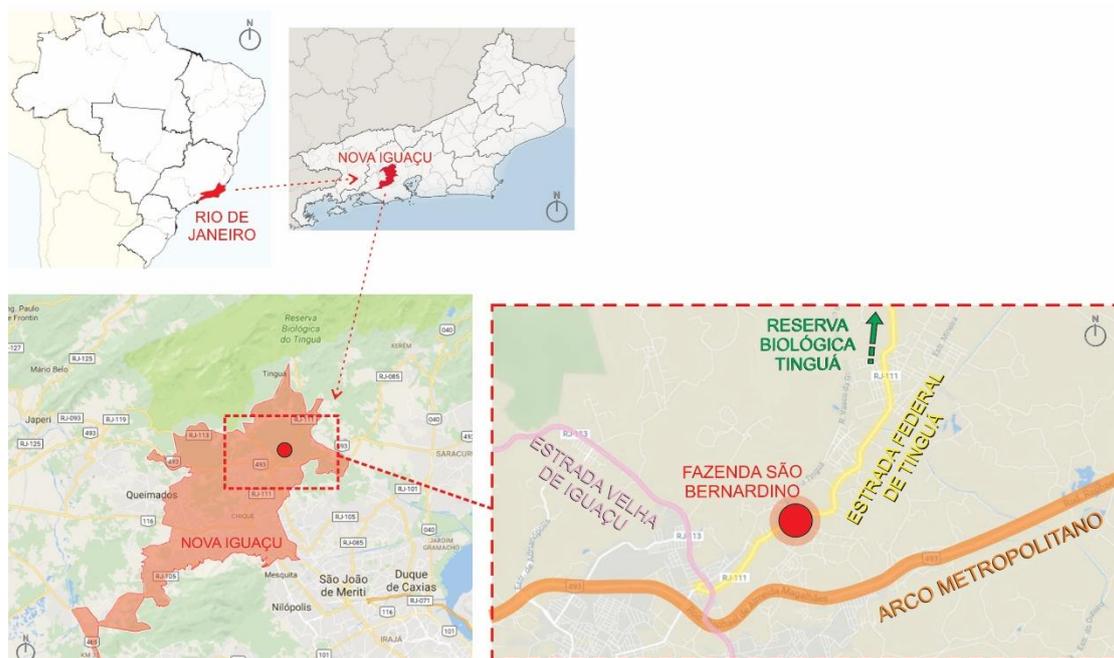


Figura 2 - Localização da Fazenda, 2018.

Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps.

Pertencente à área rural do município de Nova Iguaçu, a Zona Rural São Bernardino, a região onde a Fazenda São Bernardino está implantada se caracteriza por ser uma região de paisagem montanhosa e apresentar pouca superfície edificada, sendo, em maior extensão, preenchida ora por forrações, ora por vegetação densa. Em atual estado de ruína, o conjunto arquitetônico era composto originalmente pelas edificações da Casa Grande, Senzala (com arquitetura já inexistente) e Engenhos (Fig. 3 e 4).

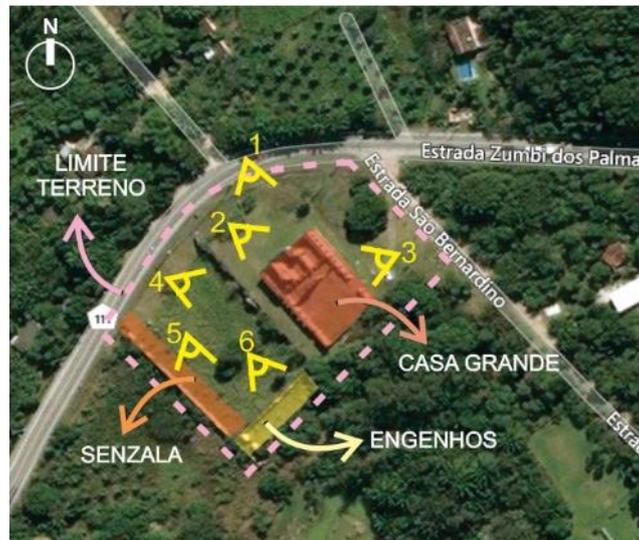


Figura 3 – Vista superior do conjunto.
 Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps, 2017.

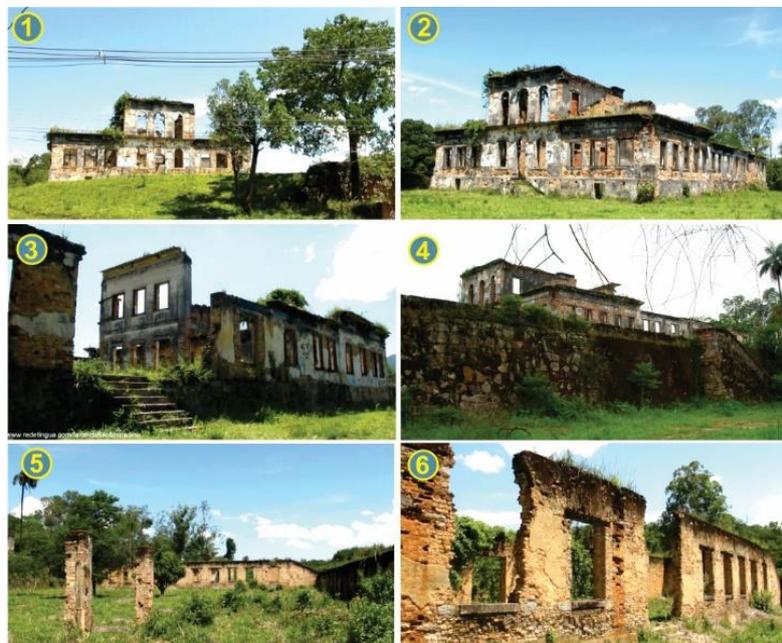


Figura 4 - Visadas do Conjunto Arquitetônico.
 Fonte: A autora, 2016.

1.2 Histórico: a Fazenda São Bernardino e seu Contexto

A construção da Fazenda São Bernardino se faz presente e de grande importância na história do desenvolvimento do município no qual se insere. Segundo informações disponíveis para consulta no site da prefeitura do município de Nova

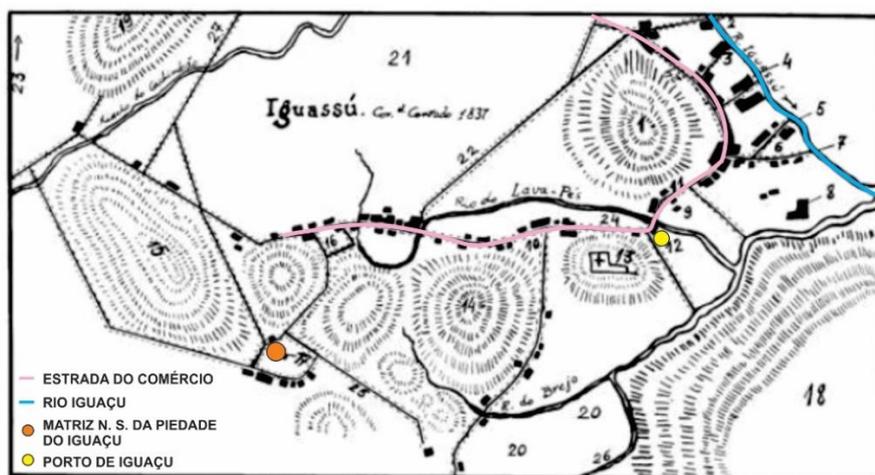
Iguaçu¹ e em jornais virtuais da Baixada Fluminense como o Jornal de Hoje², a região que hoje constitui o município de Nova Iguaçu começou a se modificar a partir de sua colonização em 1566. Com o passar do tempo, principalmente em torno do Rio Iguaçu (à época navegável e um dos principais meios de deslocamento e escoamento de mercadorias), a região foi se modificando, a população aumentando e surgindo freguesias, destacando-se a de Nossa Senhora da Piedade de Iguassu, cuja criação data de 1719. A proximidade com cursos fluviais tornava possível a fertilização das terras e o transporte de mercadorias para a cidade do Rio de Janeiro, tornando Nossa Senhora da Piedade de Iguassu muito próspera e adquirindo sua autonomia no ano de 1833, passando a se chamar Vila de Iguassu.

Em 1879, a população que habitava a Vila de Iguassu se aproximava de 22 mil habitantes, dos quais cerca de 8 mil eram escravos. A então Estrada do Comércio (abrangendo trecho da atual Estrada Federal de Tinguá) era sua artéria principal. Nela, segundo consta em matéria do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, caderno B, datada de 21 de abril de 1980, era possível encontrar, em suas margens, equipamentos públicos importantes para a Vila (Fig. 5):

Sua artéria principal era a Rua do Comércio, onde ficava o Banco do Souto, o Teatro do Giovanni, a Banda de Música Iguçuana, a Pharmácia do Imbu. A cadeia, anexa ao quartel, tinha quatro prisões e o corpo da guarda era composto por seis homens e três cavaladuras. A Rua do Comércio, que começava antes do Largo do Lavapés, ia dar em frente ao Porto de Iguaçu, no rio de mesmo nome, de onde partiam e chegavam as faluas, grandes embarcações da época. Ali perto estavam os prédios da Câmara e do Fórum e, ainda, os armazéns, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade (do Iguaçu), em frente ao cemitério de Nossa Senhora do Rosário, a casa da comadre Antônia, a parteira local, e os trapiches de café. (FLEURY, 1980, p.4)

¹ www.novaiguacu.rj.gov.br/cidade/. Acesso em out. 2017.

² <http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=17594>. Acesso em out. 2017.



- | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|---------------------------|
| 1 - Morro da Cadeia | 10 - Largo dos Ferreiros | 19 - Morro Demetriano |
| 2 - Caminho da Serra | 11 - Armazém Soares e Melo | 20 - Brejo Cambambé |
| 3 - Porto do Pinto | 12 - Porto de Iguaçu | 21 - Marambaia |
| 4 - Porto do Viana | 13 - Morro do Pessoa | 22 - Caminho dos Velhacos |
| 5 - Porto Soares e Mello | 14 - Morro do Marinho | 23 - Caminho para Tinguá |
| 6 - Porto dos Passageiros | 15 - Largo do Vítor | 24 - Estrada do Comércio |
| 7 - Porto dos Saveiros | 16 - Largo Lava-pês | 25 - Estrada do Cambambé |
| 8 - Câmara (Paço) Municipal | 17 - Matriz de N.S. da Piedade | 26 - Córrego Mangangá |
| 9 - Cadeia de Iguaçu | 18 - Morro M. Lima | 27 - Estrada da Olaria |

Figura 5 - Mapa da Vila de Iguassu, 1837.

Fonte: Waldick Pereira, baseado em desenho de Conrado Niemeyer elaborado em 1837. Alterado pela autora, 2019.

Segundo consta no histórico analisado, no que se refere à Fazenda São Bernardino, teve sua construção datada de 1875, reafirmando a prosperidade da Vila de Iguassu. Apresentando estilo neoclássico, tinha como proprietário o comendador português Bernardino José de Souza e Melo.

[...] uma casa grande de 40 quartos que tinha até uma capela em seu interior. As telhas, ferragens e a louça do único banheiro ele [Bernardino] mandou vir de Portugal; as madeiras eram todas de lei; o mobiliário, de jacarandá; e os vitrais, em três cores. (FLEURY, 1980, p.4).

Com base nos estudos realizados a respeito da Fazenda São Bernardino em seus arquivos no IPHAN-RJ³, além da Casa Grande (Fig. 6 e 7), também era constituída por uma edificação destinada à Senzala e outra aos Engenhos de farinha,

³ Documentos analisados referentes à Fazenda São Bernardino, com informações que dizem respeito ao histórico, atos legais, projetos propostos e fotografias do bem encontram-se disponíveis nos arquivos do IPHAN-RJ.

alambique e açúcar (Fig. 8). Nas terras pertencentes à Fazenda, uma aléia de palmeiras imperiais (Fig. 9) marcava o caminho que levava ao acesso à Casa Grande.



*Figura 6 - Casa Grande da Fazenda São Bernardino, 1950.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 7 - Vista da Casa Grande a partir da Estrada Federal de Tinguá, 1950.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 8 - Engenho e Senzala, 1950.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 9 - Vista da Fazenda a
partir da aleia de palmeiras
imperiais.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN -
RJ, 2017.*

Com o auxílio de uma planta elaborada em 1951 (Fig. 10), disponível no acervo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, é possível identificar, através de sobreposição de imagens, onde se localizava a antiga Vila de Iguassu e a implantação da Fazenda São Bernardino, tendo como base imagem de satélite atual (Fig. 11).



Figura 10 - Vila de Iguassu. Espólio de Henrique Mesquita, 1951.
 Fonte: Acervo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçú, 2010.

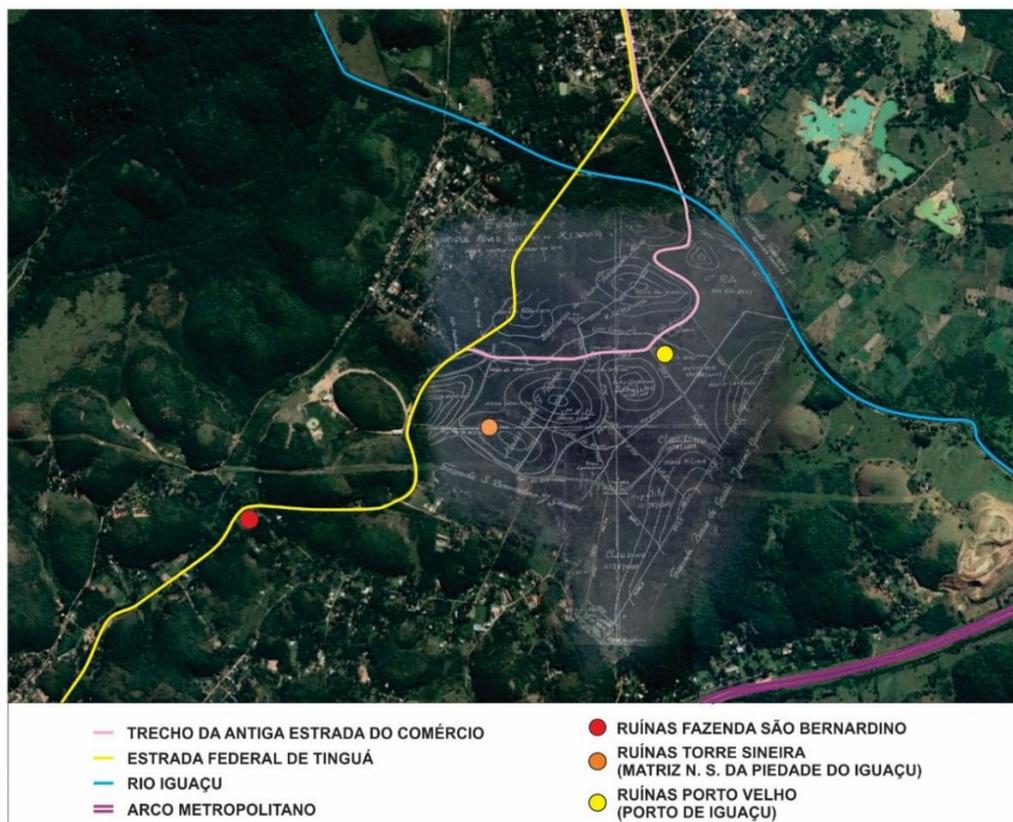
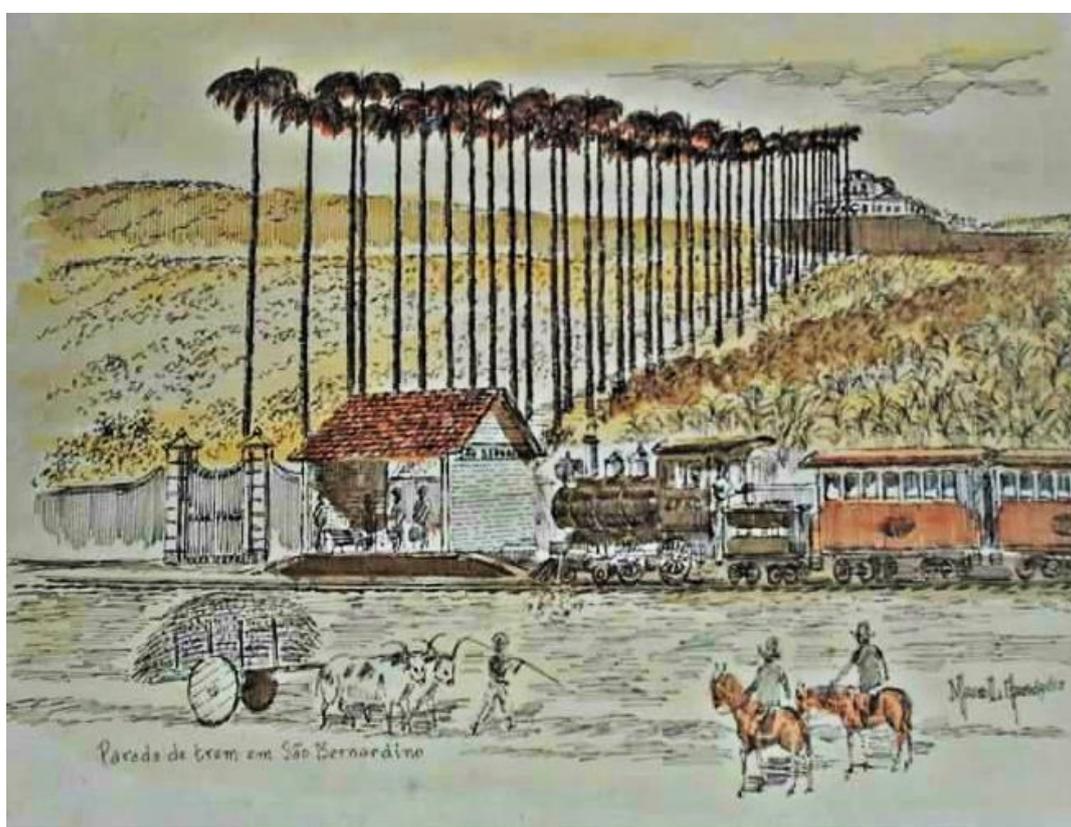


Figura 11 - Vila de Iguassu sobreposta em mapa atual.
 Fonte: Figura produzida pela autora a partir de mapa de 1951 e imagem Google Maps, 2019.

A chegada das ferrovias na Vila de Iguassu, como destacam as pesquisas a respeito do histórico da região onde o bem está implantado, se deram visando agilizar o transporte de mercadorias produzidas nas terras. No ano de 1886 foi inaugurada a estação de São Bernardino (Fig. 12), pertencente ao ramal do Tinguá, provavelmente já aberto em 1883, tendo como linha principal a Estrada de Ferro Rio D'Ouro. Segundo citam historiadores como Carlos Latuff (2007) e Leandro Cesar dos Santos (2009) a respeito de Iguazu Velho, o ramal possivelmente saía da estação de José Bulhões (bairro vizinho a Vila de Cava, onde está situada a Fazenda São Bernardino) e seguia até a localidade de Tinguá. Atualmente não há mais vestígios visíveis da estrada de ferro ou estação São Bernardino na região da Fazenda, para que se comprove com exatidão a localização das paradas e percursos dos ramais.



*Figura 12- Provável Estação São Bernardino em 1886, ilustrada por Mauro Lemos Azeredo.
Fonte: Nova Iguazu em Fatos e Fotos, 2015.*

Breve então foi o período de tempo em que se mantiveram fortes as atividades na Fazenda São Bernardino, pois logo na última década do século XIX, devido a expansão das estradas de ferro em terras próximas, Vila de Iguassu teve suas atividades afetadas. A chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II no ano de 1858 na região do Arraial da

Maxambomba (Fig. 13) teria feito com que esta localidade aos poucos se desenvolvesse, em paralelo ao até então polo econômico da região, a Vila de Iguassu. No decorrer dos anos, o surgimento de epidemias, como cólera, varíola e malária e a abolição da escravatura também tiveram possível contribuição no declínio da economia da região da Vila de Iguassu. É provável que, na chegada das ferrovias nas terras de São Bernardino, que datam de 1886, estas já encontraram uma economia abalada pelo crescimento de Maxambomba.

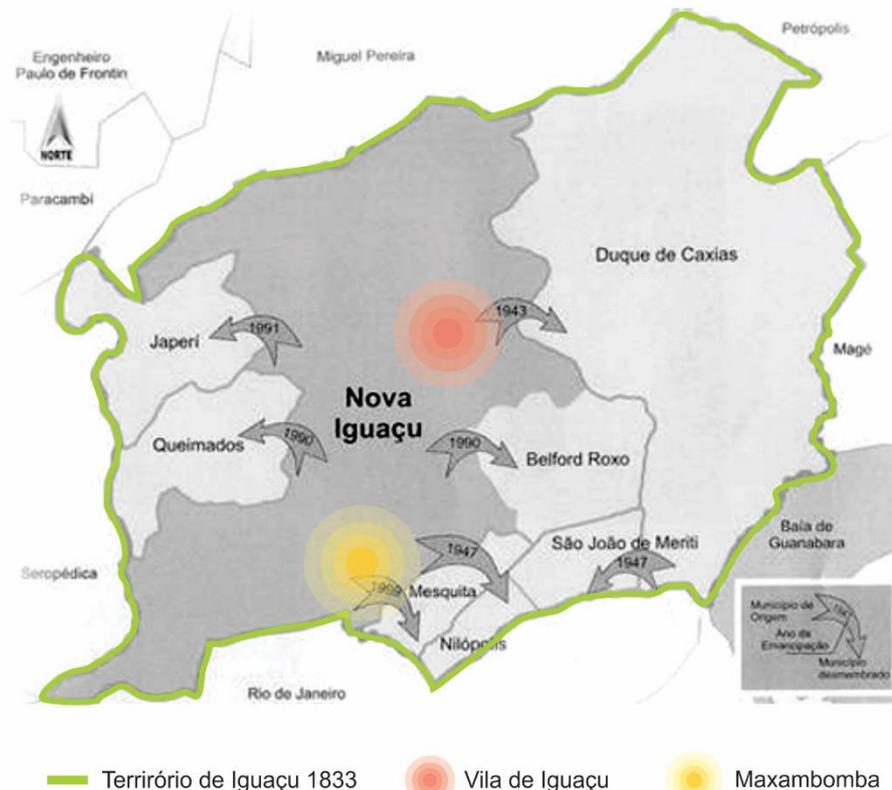


Figura 13 - Maxambomba e Vila de Iguassu.
 Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu, 2018. Editada pela autora, 2019.

Ambas as localidades, Maxambomba e Vila de Iguassu, eram agrícolas, mas, Vila de Iguassu vivia do comércio de seus portos, no escoamento do café e demais produtos (SANTOS, 2009). Em função do assoreamento dos rios, estes já não tinham condições de dar vazão às mercadorias, sendo mais um fator da decadência da região, que deixou de ser sede do município, sendo esta transferida para Maxambomba, após a Proclamação da República. Maxambomba posteriormente viria a se chamar Nova Iguaçu.

Maxambomba acabou virando Nova Iguaçu por volta dos anos 1910. A cidade velha foi paulatinamente abandonada e a floresta tomou conta.

Ainda hoje há escombros da velha Iguassu nas matas de Tinguá, e é possível que quando a EF Rio de Ouro lá chegou com o ramal de Tinguá, pouco ou nada mais restasse da antiga pujança (SANTOS, 2009).

Os trens que circulavam na região passariam então a transportar passageiros até que fechassem suas linhas totalmente no ano de 1964. Hoje, não há qualquer vestígio visível da presença das estações e suas linhas.

Nada, absolutamente nada restou da ferrovia. Em alguns pontos do leito que virou estrada de terra (e que com a chuva virou lama) é possível notar o relevo indicando que ali houve dormentes. [...] Só fiquei sabendo de sua localização após ouvir moradores próximos, e mesmo assim só os mais velhos é que lembram. Todas as paradas foram demolidas (LATUFF, 2007).

A Vila de Iguassu, entrando em decadência na última década do século XIX, sofreu prejuízos que não afetaram somente a economia da região, mas também as edificações que surgiram com o nascimento da Vila. Há registros no histórico da região que algumas outras fazendas no local, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú (Fig. 14 e 15) e o cemitério de Nossa Senhora do Rosário foram sendo depredados e descaracterizados após sofrerem saques. Conforme cresciam pequenas concentrações urbanas nas proximidades, o Rio Iguaçú começaria a secar e o porto a perder sua função, causando então alterações na paisagem original da Vila (Fig. 16).



Figura 14 – Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú, início do séc. XX.

Fonte: <http://paroquianossasenhoraconceicaoatingua.blogspot.com/2008/06/fotos-das-runas-da-freguesia-de-nossa.html>, acesso em jul. 2018.



Figura 15 – Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú, 2017.

Fonte: A autora, 2017.



*Figura 16 - Vestígios do Porto que se ligava ao Rio Iguçu.
Fonte: A autora, 2017.*

Pouco tempo depois de minha chegada à antiga Corte, fui mandado para Iguassu como juiz municipal. A poucas horas da Ponta do Caju, pela estradinha do Rio Douro, a Vila de Iguassu era então um grande povoado morto. (...) Ligada com o interior da baía de Guanabara por canais através da alagadiça baixada fluminense Iguassu fora, por muito tempo, o entreposto comercial entre o litoral e o sertão (OCTAVIO Apud FORTE, 1933, p. 65)

Assim, com toda sua produção voltada apenas para seu próprio sustento, a Fazenda São Bernardino perdia as importantes funções econômicas que possuía originalmente, passando a ser utilizada como casa de campo pelo proprietário, o comendador Bernardino José de Souza e Melo e sua família. Após o falecimento de Bernardino de Melo, no ano de 1917, ainda em bom estado de conservação, consta a venda da Fazenda a João Julião e Giácomo Gavazzi pelos herdeiros do comendador, os filhos Bernardino e Alberto. Com a morte de João Julião, em 1940, Giácomo, passou a ser o único dono da Fazenda que, além de café, produzia lenha, carvão e laranja.

Durante a fase de decadência da Fazenda São Bernardino, com o passar das décadas, a Fazenda deixou de produzir café e a plantação de laranjas se extinguiu, mas tentava-se ainda manter o funcionamento de algumas atividades no Engenho, como a produção de açúcar e alambique. A antiga Senzala transformou-se em coqueira, mas manteve sua edificação preservada.

Apresentando estilo neoclássico, identificada como documento de uma época e detentora de detalhes importantes para a cultura e história do país, a Casa Grande do conjunto arquitetônico, no ano de 1951, por solicitação do prefeito Ricardo Xavier da Silveira, foi tombada pelo antigo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Fig. 17).



*Figura 17 - Casa Grande, década de 40 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – RJ, 2017.*

Uma reportagem do Jonal do Brasil, por Sérgio Fleury (1980), cita que, após o tombamento, São Bernardino permaneceu sob posse de Giácomo até seu falecimento, no ano de 1975, aos 88 anos, quando então seus filhos assumiram a Fazenda. No ano seguinte ao falecimento de Giácomo Gavazzi, através do decreto nº 1520, de 23 de abril de 1976, o então prefeito de Nova Iguaçu João Batista Lubanco declarou a Fazenda São Bernardino de utilidade pública, para fins de desapropriação, dando início à uma batalha judicial que perdurara por anos, afetando diretamente a integridade física da Fazenda.

Os herdeiros Gavazzi entraram na Justiça para discutir a quantia mais justa da indenização e foram obrigados a deixar o prédio da fazenda. Começou a discussão sobre o que fazer com a propriedade tombada que, em 1976, ainda conservava muito não só sua aparência original, como até mesmo o mobiliário, a capela, os quadros, um pouco do seu

passado, da época de 1875, da história da Iguazu Velha, da antiga Vila de Iguazu, cujas ruínas ainda podem ser vistas atualmente: uma torre da Igreja, o cemitério sem as lápides de mármore; a escadaria do porto encoberto pelo matagal. De 1976 a 1980, houve muita discussão sobre o destino da fazenda e, como nada ficasse resolvido em definitivo, nada se fez, quase tudo ficou perdido: nesses últimos quatro anos, a Fazenda São Bernardino foi praticamente depredada e descaracterizada, o que não tinha ocorrido nos 101 anos anteriores, desde a sua construção em 1875. (FLEURY, 1980, p.4)

Em meados da década de 1980, a Fazenda São Bernardino, deteriorada pela ação do tempo, mas apresentando boa parte de seu aspecto original, sofreu um incêndio, que destruiu muito do que restara à época do tombamento (Fig. 18).



*Figura 18 - Casa Grande após incêndio, 1984.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN – RJ, 2017.*

Abandonada após o incêndio, a exposição a intempéries e vandalismo comprometia cada dia mais a integridade do conjunto. A prefeitura do município de Nova Iguazu então, sob gestão de Lindbergh Farias (2005-2010), incentivou um projeto de restauração para evitar o arruinamento total do bem, com recurso advindo do IPHAN. De acordo com denúncias de habitantes locais e visitantes, foi verificada que a obra de restauração do bem se constituiu de nada além de poucos escoramentos nas ruínas de São Bernardino (Fig. 19 e 20).



*Figura 19 - Fachada posterior, escoramentos em destaque, 2017.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 20 - Escoramentos em tijolos furados, 2017.
Fonte: A autora, 2017.*

Após anos de disputa judicial, foi concedido registro de posse do patrimônio ao município de Nova Iguaçu em 11 de outubro de 2017, pertencendo então efetivamente à prefeitura. Apesar de declarações das autoridades transmitirem a intensão do município em recuperar o bem, as ruínas de São Bernardino permanecem em estado de abandono nos dias atuais (Fig. 21 e 22).



*Figura 21 - Trecho da Casa Grande, 2017.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 22 - Trecho Engenheiros, 2018.
Fonte: A autora, 2018.*

1.3 Legislação

O tombamento da Fazenda São Bernardino ocorreu em virtude de pedido formulado em 15 de janeiro de 1940 pelo então Prefeito de Nova Iguaçu, Ricardo Xavier da Silveira, à então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DPHAN (atual IPHAN). O pedido foi aceito em 22 de fevereiro de 1951, sendo então deliberado pelo Conselho Consultivo do IPHAN determinar o tombamento da Casa da Fazenda São Bernardino, por considerá-la “bem particular de elevado valor artístico” (Anexo 1). A partir desse momento, a nível federal, passou a estar sob as condições do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

A Casa da Fazenda São Bernardino constitui, atualmente, bem tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inscrito no Livro das Belas Artes no dia 26 de fevereiro de 1951, sob o número 390, folha 76, processo 432 - T - 50.

Em 8 de dezembro de 1975 o Decreto nº 1459 dava provisão a desapropriação da Fazenda São Bernardino com fins de preservação e criação de um Parque de Múltiplo Uso. No mesmo ano, no dia 30 de dezembro, a Lei nº 50 dispondendo sobre o Uso e Ocupação do Solo/Zoneamento, incluiu a região de Iguaçu Velha e Fazenda São Bernardino na Zona Turística Cultural do município. Localizada em área rural de Nova Iguaçu, a Fazenda São Bernardino se encontra no limite da APA Tinguá, classificada como área de uso sustentável (Fig. 23).

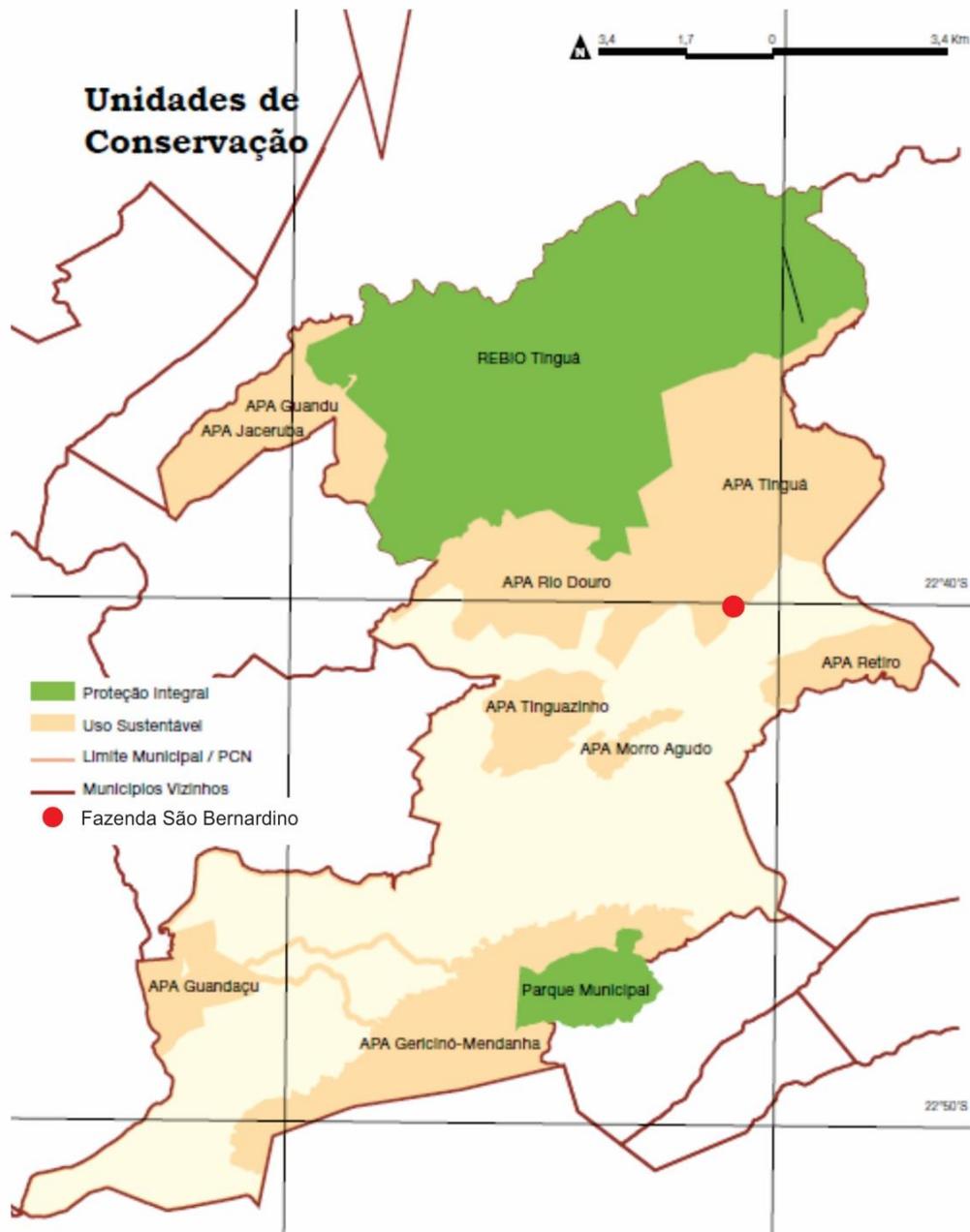


Figura 23 - Localização do Bem na APA Tinguá, 2006.
 Fonte: Fundação Dom Cintra, 2006, modificado pela autora, 2019.

A respeito da legislação do município de Nova Iguaçu, foi feita uma análise do Código de Obras (NOVA IGUAÇU, 2015) e do Plano Diretor (NOVA IGUAÇU, 2011). Como resultado, constatou-se que, na legislação do município, como menciona o artigo 3º do Código de Obras (2015), “as obras a serem realizadas em construções integrantes ao patrimônio histórico municipal, estadual ou federal, deverão atender às normas

estabelecidas pelo órgão de proteção competente.” Logo, não há uma legislação específica do município referente a como atuar sobre este patrimônio edificado.

No Plano Diretor do Município de Nova Iguaçu, o que se menciona a respeito da localidade na qual se insere a Fazenda São Bernardino, a Zona Rural São Bernardino, se aplica a toda a área rural do município, sendo, segundo o artigo 24º, “de especial interesse da municipalidade destinadas a projetos urbano e econômico de caráter estratégicos.”.

Em informações encontradas no site da Controladoria Geral da União (CGU), referentes ao pedido de informação de nº 01590.000343/2016-18, o Serviço de Informação ao Cidadão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) esclareceu em novembro de 2016 que, sobre a Fazenda São Bernardino, Nova Iguaçu, RJ,

não consta nenhuma formalização por parte do Estado, solicitando autorização para intervenção de conservação do bem. [...] Não há exigência para propositura de área de entorno no ato de tombamento. Cada tombamento é um estudo de caso isolado e no ato de seu estudo é que se vê a necessidade ou não de área de entorno. A responsabilidade de qualquer tipo de ação a um imóvel que possui tombamento é de competência de seu proprietário. Ao IPHAN compete a análise de propostas e/ou projetos de intervenções, independente da natureza destas. Dentre nossas atribuições a fiscalização é balizador para verificarmos o estado de conservação de um imóvel e, em caso de restauro, definir que técnica deverá ser instituída para uso, após aprovação de projeto. (CGU, 2016)

Ou seja, não existe uma área de entorno pré-estabelecida para a proteção do bem tombado, Fazenda São Bernardino. Qualquer intervenção proposta será analisada individualmente pelo IPHAN, segundo os critérios do Decreto Lei 25.

1.4 Conceitos de Ruína e Memória

Desde o Século XVIII, a cultura do romantismo já havia intuído o valor estético das ruínas, especialmente quando lançadas em um ambiente natural, selvagem - não urbano. A ruína seria a prova cabal de que tudo na natureza seria perecível e teria seu trágico fim. Ou seja, mesmo a arquitetura, feita pelo homem para durar eternamente - em oposição à fragilidade de seu próprio corpo - acabaria irremediavelmente fenecendo com o tempo. (BAETA e NERY, 2017, p. 220)

Ruínas em geral, como fragmento de arquitetura existente em época anterior, são dotadas de beleza e capazes de despertar sensações no observador, tal qual uma obra de arte. Tratam-se de espaços de memória, patrimônio cultural de determinada população e um meio de aprendizagem através da imagem, colocando aquele que as admira como herdeiro daquela criação. “Entender a importância das ruínas como referências materiais e simbólicas do passado é determinante para as ações de intervenção e preservação nesse patrimônio cultural.” (RIBEIRO, 2016, p.24).

A ruína é uma relíquia, um meio de aprendizagem por meio da imagem, ou seja, contemplar a ruína é um modo de percepção e invenção dos tempos passados a partir de uma perspectiva do presente.

A ruína fundamenta, em si, um modo de se conhecer o passado. A percepção das relíquias, aparentemente, é tornada mais simples pela clara diferença entre as ruínas e o mundo atual, entre seus materiais e modos de representação tão diversos e tão ambicionados pelos atuais. As ruínas habitam simultaneamente dois tempos, o ocorrido e o presente. As ruínas atendem às funções de antiguidade, continuidade, finalismo e sequência do passado, ou seja, não somente colocam aquele que as admira como herdeiro daquela criação como une aqueles dois momentos, passado e presente, de forma indelével. (FORTUNA, 1997 apud MENEGUELLO, 2003).

Ao longo dos séculos, as ruínas vêm sendo objeto de diversas interpretações e abordagens, uma referência para vários campos de estudo (caráter multidisciplinar), sendo esta a perspectiva documental de sua importância. Outra perspectiva importante a destacar no que se refere às ruínas é a simbólica, onde a ruína é associada à ideia de

eternidade daquilo que remanesce, à destruição, à superficialidade, à perda, ao abandono. (RODRIGUES, 2017). São os testemunhos dos processos de destruição de uma edificação ao longo da história.

Segundo Huyssen (2014), vivemos em uma era de preservação em que as ruínas assumem novas versões, onde todos os modos de intervenção acabam por anular o que ele cita como “ruína autêntica”:

[...] As “ruínas autênticas”, tais como ainda existiam nos Séculos XVIII e XIX, parecem não ter lugar na cultura de mercadoria e memória do capitalismo avançado. Na condição de *commodities*, as coisas em geral não lidam bem com o envelhecimento. Tornam-se obsoletas e são descartadas ou recicladas. (HUYSSSEN, 2014, p.94).

Os modos de intervenção em ruínas na contemporaneidade se revelam diversificados, variando entre a reconstrução, a predominância da manutenção do caráter de ruína e a inserção de elementos novos que contrastam e podem gerar impacto aos olhos do observador. Bens em ruínas proporcionam diferentes abordagens, tratamentos e intervenções, implicando na preservação ou não da condição de ruína da edificação (*status quo*). Trata-se de um tema de grande complexidade e dificuldade de abordagem, em relação ao grau de degradação do patrimônio, não havendo no Brasil uma unidade de método na abordagem e tratamento de edificações em ruínas.

No presente trabalho, parte-se da ideia de intervir na ruína a fim de garantir a manutenção de seus significados, preservando a materialidade e a memória do patrimônio construído, mantendo as marcas de sua passagem no tempo. Entende-se que todo conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino, mesmo tendo apenas a Casa Grande tombada pelo IPHAN, constitui por sua importância histórica, conforme mencionado no artigo 216º da Constituição de 1988, um “patrimônio portador de referência à identidade e à memória de um grupo formador da sociedade brasileira”. A forma de ruínas como o conjunto hoje se apresenta se faz devido a descaracterização que sua arquitetura original vem sofrendo ao longo de mais de 100 anos. Não parece cabível nesse caso uma reconstrução completa das edificações como à época da construção.

Esse sentido de sublimidade que as ruínas passariam a provocar no indivíduo moderno seria um dos ingredientes que levariam muitos arquitetos contemporâneos a respeitarem sua integridade e conceberem intervenções que têm como fundamento essencial a pura conservação e

consolidação dos objetos arquitetônicos remanescentes, preservando seus vestígios como documentos essenciais da história e resgatando sua integridade em respeito à paisagem na qual estariam inseridas. Logo, apesar da ruína ser um estado de degradação da obra de arte, do edifício ou do espaço urbano no qual não é mais possível a apreciação de sua condição artística preexistente, frequentemente o processo de arruinamento acaba gerando uma nova obra de arte, mais interessante que a própria massa edificada 'original'. (BAETA e NERY, 2017, p. 221)

Quando um bem se mostra comum à vida de todo um conjunto de pessoas, torna-se uma peça importante da memória do coletivo. Cada indivíduo se relaciona com o objeto de caráter patrimonial de alguma maneira, diferente uns dos outros, mas os fatos podem se cruzar em dado momento da história e agregar à memória do próximo. Se um determinado período ou evento é apagado, perde-se um dado importante, apaga-se um trecho da memória e o contato com o próximo, que compunha o grupo social ao qual o indivíduo pertence ou pertencia, pode ser perdido.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa [...]. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Existe uma estreita relação entre memória do coletivo e memória individual, ambas relacionadas diretamente à existência do patrimônio, que pode então ser apontado como a base da memória coletiva:

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

Afirmando a importância da preservação das ruínas para a manutenção da memória do coletivo, pode-se destacar a afirmação colocada por Pierre Nora, de que "[...] a memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos." (NORA, 1993, p.

25). O patrimônio atua como uma memória que é gerada a partir das demandas do presente. O autor pontua uma questão pertinente para o contexto da ruína, relacionada ao “valor de história” e “valor de memória”, ambos presentes e importantes na percepção do objeto de estudo em questão: “A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.” (NORA, 1993, p.9).

Os diversos momentos da história e as conseqüentes modificações físicas do bem, marcas da passagem do tempo, podem ser identificadas como os pontos de contato entre as memórias individual e coletiva, estas não podendo ser apagadas. O patrimônio, como herança cultural adquirida de gerações passadas, contribui na formação da identidade de um povo, formação de grupos e resgate da ligação entre o cidadão e suas raízes.

Quanto à questão do patrimônio e identidade cultural,

[...] o discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. (HALL, 2005, p.56).

Em geral a ruína - assim como ocorre no conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino - se apresenta como um importante elemento que compõe a identidade de um determinado povo que dela se apropria. Diversas atividades organizadas pela população local ocorrem esporadicamente no sítio das ruínas de São Bernardino, que se torna um ponto de encontro entre locais e visitantes, de várias gerações.

“O ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.” (HALL, 2005, p.72). Preservar o patrimônio mostra-se como uma medida eficaz que possibilita a sociedade conhecer sua própria história. Pode-se afirmar que

[...] quando nos referimos ao conceito de patrimônio, apreendido como expressão mais profunda da “alma dos povos” e como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, admitimos que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentido de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos. (PELEGRINI, 2007, p.97)

1.5 A Ruína e seus Valores

A valorização do antigo e o olhar voltado para a arquitetura da antiguidade como referência ao fazer arquitetônico teve início entre o renascimento e o século XIX. Essa “sedução pelo passado” se fazia presente de certa forma na civilização ocidental desde o Renascimento com a idealização da arquitetura da antiguidade clássica, podendo ser citado o trabalho de Alberti (1404 - 1472) *De re aedificatoria* (impresso já depois de sua morte), que tomava como base de referência a arte da Antiguidade. A idealização da arquitetura da antiguidade clássica foi reafirmada no século XVIII, com a descoberta das ruínas de cidades romanas, como Pompéia (1748) e Herculano (1738), que deram novos rumos à arqueologia e à história da arte (Fig. 24 e 25).



Figura 24 - Pompéia, 2015.

Fonte: www.viajeroscaljeros.com/herculano-y-pompeya-en-un-dia/, acesso em fev 2019.



Figura 25 - Herculano, 2015.

Fonte: www.viajeroscaljeros.com/herculano-y-pompeya-en-un-dia/, acesso em fev 2019.

Como consequência dessa valorização da antiguidade, um novo significado passou a ser atribuído para as ruínas na modernidade, tornando-as mais que apenas fragmentos de uma arquitetura aparentemente sem valor, o que levou à ampliação do significado de monumento. O conceito de monumento é citado por Alois Riegl⁴ (2006, p.43) como “obra criada pela mão do homem e edificada com o propósito preciso de conservar presente e viva, na consciência de gerações futuras, a lembrança de uma ação

⁴ **Alois Riegl** (1858-1905). Advogado, Filósofo e Historiador da arte, nascido em Viena, Áustria. Trabalhou como curador do Museu de Artes Aplicadas de Viena, tornando-se, mais tarde, professor na Universidade de Viena, fundando a Escola Vienense de História da Arte. Foi nomeado presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria no ano de 1902, onde tornou-se encarregado da reorganização da legislação de conservação dos monumentos austríacos.

ou destino (ou a combinação de ambos)”. Este conceito foi se ampliando à medida que a arquitetura da antiguidade passava a se tornar referência para a arquitetura contemporânea, onde então todos os períodos da arte foram reconhecidos.

Desde a Renascença [...], quando o valor histórico foi reconhecido pela primeira vez, até o século XIX, prevaleceu entre os artistas a tese de que existia um cânone artístico inatingível, um ideal artístico objetivo e absoluto, um propósito final em parte inacessível. E a Antiguidade havia se aproximado tanto desse cânone que algumas de suas criações representavam mesmo esse ideal. O século XIX aboliu, definitivamente, esse privilégio cedido à Antiguidade e reconheceu a quase todos os períodos da arte suas especificidades (RIEGL, 2006, p. 46-47).

Para Riegl (2006) então, nessa nova etapa da modernidade iniciada no século XIX, há o reconhecimento da existência de um valor artístico relativo ao seu tempo, não apenas restrito à antiguidade clássica, sendo ampliado para todos os estilos.

Referindo-se às ruínas e ao ato de intervir na arquitetura da antiguidade, Viollet-Le-Duc⁵ (2006) defende o restauro como a criação de uma nova arquitetura a partir de uma preexistência, enquanto Ruskin⁶ (1989) apresenta total oposição a intervenções radicalmente transformadoras e profundamente criativas defendidas por Le-Duc. Ruskin (1989) ressalta a importância do valor de antiguidade do monumento, defendendo ações de conservação a fim de frear a autodestruição. Na visão de Riegl (2006), as ruínas são apontadas como obras inadequadas quanto ao seu uso prático na atualidade, devendo então ser consideradas da maneira como se apresentam, o que o autor chama de “restos de monumentos”. Riegl (2006) afirma que as ruínas, então destituídas de significação prática, apresentam valor de ancianidade, devendo, portanto, permanecer como ruínas, jamais sendo reconstruídas com o objetivo de retomar uma suposta configuração original.

⁵ **Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc** (1814 - 1879) Francês, nascido em Paris, era arquiteto e restaurador de monumentos, ligado ao revivalismo da arquitetura do século XIX. Le-Duc foi um dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico e um dos responsáveis pelo reconhecimento do gótico como uma das mais importantes etapas da história da arte ocidental.

⁶ **John Ruskin** (1819 - 1900) Crítico de arte, arquitetura e sociedade, nascido em Londres, Inglaterra. Embora não fosse arquiteto, ao longo de toda sua vida, atuou escrevendo diversos livros, entre eles, *The Stones of Venice* (1851-53) e pintando. Ruskin ajudou na proliferação dos movimentos do Renascimento Romântico e Gótico na Inglaterra.

Cesare Brandi⁷ (2004), em suas teorias a respeito da restauração dos monumentos, condiciona o ato de restaurar à compreensão da obra de arte enquanto tal, havendo o prevalecimento da instância estética do monumento sobre a histórica, pois, “se ela perder-se, não restará nada além de um resíduo”. (BRANDI, 2004, p. 32). Embora indique o prevalecimento da instância estética no ato da restauração, o autor aponta que a instância histórica não pode ser excluída, pois está intrínseca a todo monumento. Porém, no que se refere ao monumento que se apresenta em situação de ruínas, o autor aponta que se faz importante então o prevalecimento de sua instância histórica, devendo o mesmo ser tratado como ruína, recebendo ações conservativas, pois esta não se refere somente ao momento de criação da obra, mas também ao momento presente, em que se reconhecem seus valores. O processo de arruinamento do monumento pode então ser compreendido como parte da história do bem.

Camillo Boito⁸ (2002) defende em suas teorias uma posição caracterizada como intermediária entre as ideias de Ruskin e Le-Duc. Quanto às intervenções em ruínas, Boito as limita à sua consolidação e, caso necessário, intervenções mínimas possíveis para garantir sua conservação, estabelecendo que os novos elementos de integração devem ser claramente distinguíveis dos elementos preexistentes.

A visão romantizada das ruínas ao longo dos séculos XVIII e XIX na Europa e o fascínio estético que despertavam deu lugar ao símbolo da barbárie humana na contemporaneidade durante o século XX, por consequência das duas Guerras Mundiais. Deixando então de ser apenas uma referência a civilizações antigas e arquiteturas distanciadas pelo tempo, as ruínas adquiriram contornos mais drásticos durante o século XX, quando, em alguns monumentos, optou-se no ato do restauro por deixar evidente na arquitetura as marcas da destruição causada pelas guerras (Fig. 26 e 27).

⁷ **Cesare Brandi** (1906 - 1988) Personagem de notável importância no campo das artes no século XX, dedicou sua carreira à crítica e à história da arte, à estética e à restauração. Brandi teve papel fundamental na criação do Istituto Centrale del Restauro (ICR) em Roma, dirigindo-o por duas décadas.

⁸ **Camillo Boito** (1836 - 1914) Arquiteto, restaurador, crítico, historiador, professor e teórico literato, Boito foi figura destacada no panorama cultural do século XIX e um analista dos mais argutos de seu tempo, tendo papel relevante na transformação da historiografia da arte e também na formação de uma nova cultura arquitetônica na Itália.



Figura 26 - Edificação e Cúpula Genbaku, Hiroshima, bombardeada na Segunda Guerra Mundial, 1945.

Fonte: www.infoescola.com/japao/memorial-da-paz-de-hiroshima/, acesso em fev 2019.



Figura 27 - Memorial da paz de Hiroshima, 2016. Restauro propôs a permanência das marcas da destruição causada pela guerra na edificação.

Fonte: madeinjapan.com.br/2016/01/06/patrimonio-da-humanidade-7-memorial-da-paz-de-hiroshima/, acesso em fev 2019.

No ano de 1931 ocorreu a Conferência de Atenas, na qual lançou-se o conceito da anástilose para a recuperação dos monumentos históricos, ou seja, onde, na restauração do monumento em ruínas, utiliza-se, para uma possível reconstrução, elementos originais da edificação, o quanto mais for possível.

Quando se trata de ruínas, uma conservação escrupulosa se impõe, com a recolocação em seus lugares dos elementos originais encontrados (anástilose), cada vez que o caso o permita; os materiais novos necessários a esse trabalho deverão ser sempre reconhecíveis. (CARTA DE ATENAS, 1931, p. 3)

Passaram a ocorrer então diversos encontros a fim de discutir a questão da preservação do patrimônio. Debates realizados durante as décadas de 1940 e 1960 tiveram como ponto comum o denominado restauro crítico conservativo. Este então negava que os monumentos históricos pudessem ser enquadrados em categorias previamente determinadas, sendo entendidos como obras únicas em sua conformação e, por isso, exigindo soluções únicas em ações de intervenção. Estas soluções deveriam acontecer a partir de uma análise atenta do monumento, não podendo o ato do restauro ser admitido como uma atividade empírica, oriundo de exigências práticas, mas como um ato cultural, fundamentado na história e na estética.

A partir da década de 1960 ocorreram diversas mudanças no que se refere à visão patrimonial. Após a Segunda Guerra Mundial, as ciências humanas se integraram às discussões de patrimônio e o conceito de bem cultural se ampliou. As ruínas passaram, ao longo dos séculos, a ser objeto de interpretações e abordagens diversas e referência para vários campos de estudo, assumindo caráter multidisciplinar.

No de 1964 houve a publicação da Carta de Veneza, documento referência, utilizado em diversos países, no que se refere ao restauro dos monumentos. A respeito de edificações em ruínas, a Carta de Veneza (1964) estabelece o ordenamento e a conservação dos remanescentes arquitetônicos de modo respeitoso, apontando a impossibilidade da reconstrução tal qual sua forma original, reiterando a prescrição já apresentada na Carta de Atenas (1931), citando a anastilose e a distinguibilidade no ato de intervir no bem.

A Carta de Burra (2013)⁹, no que diz respeito a reconstrução, não admite que esta ocorra em grande parte do monumento, sendo permitida apenas para completar lacunas, devendo estas serem distinguíveis e baseadas em testemunhos materiais ou documentais. Indica que a reconstrução deve se limitar à colocação de elementos que reafirmam o significado cultural do bem, não devendo significar a construção da maior parte de sua substância, sendo identificáveis.

Discussões sobre intervir no patrimônio edificado passaram a tratar dos valores patrimoniais citando conceitos de identidade e autenticidade a partir da Conferência de Nara, ocorrida no Japão, em 1994. É afirmada a importância na conservação da “autenticidade” cultural, com intervenções harmônicas na arquitetura, respeitando os significados e valores que cada cultura estabelece, de seu próprio legado, ampliando a preservação a outros aspectos que contemplam não só a questão da materialidade do edifício.

Michel Parent (1916-2009), o primeiro entre os consultores da UNESCO que estiveram em visita ao Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 a convite do IPHAN, destacou em sua análise não haver no Brasil ruínas consideradas suficientemente relevantes associadas a uma civilização distante, ao contrário do que se faz presente em outros países como Itália, por exemplo. Embora haja ausência da ruína que remeta a

⁹ Documento local da Austrália, não referendado pela Assembleia Geral do ICOMOS, porém podendo ser utilizado como uma referência no que trata a ideia da reconstrução no patrimônio cultural.

civilizações distantes, o consultor destaca que há a necessidade de “‘salvar da ruína’ o nosso patrimônio” (PARENT, 1966 apud RODRIGUES, 2017, p.51), apontando a necessidade da proteção do monumento brasileiro, para que este não se perca com o passar do tempo.

O tratamento das edificações em ruínas no Brasil é um tema de grande complexidade e dificuldade de abordagem, pois não há uma unidade de método e suas quantificações de operações. Edificações em ruínas podem proporcionar diferentes abordagens, tratamentos e intervenções, implicando na preservação ou não da condição de ruína da edificação (*status quo*).

Como testemunhos dos processos de destruição de uma edificação ao longo da história, outra perspectiva importante da ruína é a simbólica, onde é associada à ideia de eternidade daquilo que remanesce, à destruição, à superficialidade, à perda e ao abandono. Podendo apresentar diferentes graus de destruição, promovidos por diversos fatores (cronológicos, naturais, ou de ação humana), a apreciação da ruína tem sido fundamental no campo da preservação do patrimônio. É importante destacar a relação usuário-objeto, onde, no caso da ruína, há a questão da contemplação e da memória do coletivo, pontos fortes a serem considerados em atitudes de intervenção.

CAPÍTULO 2: Diagnóstico da Fazenda São Bernardino e seu Contexto

2.1 Análise da Paisagem e Entorno

Quando se trata de intervir em uma edificação ou espaço livre deve-se atentar ao contexto no qual se insere, sua evolução e a relação que as transformações ocorridas na paisagem podem ter com o objeto em questão. No que se refere ao objeto de caráter patrimonial, a análise da paisagem visa fortalecer ainda mais a justificativa de intervenção no bem junto aos órgãos de patrimônio e faz com que esta aconteça de maneira correta e harmônica, de acordo com as demandas do contexto e do usuário.

Segundo os princípios do ICOMOS-IFLA relativos a “paisagens rurais como patrimônio”, adotados pela 19ª Assembleia Geral do ICOMOS em Nova Deli, Índia, no dia 15 de dezembro de 2017 (ICOMOS, 2017a), toda paisagem rural se apresenta como um componente vital do patrimônio da humanidade. Compreendendo tanto áreas bem geridas quanto as degradadas e em aparente estado de abandono, as paisagens rurais são dinâmicas e seus elementos se somam a relações funcionais, produtivas, espaciais, visuais e simbólicas. Fazendo-se presente no meio com aspectos e graus de conservação variados, a paisagem rural se relaciona com diferentes períodos históricos, e a conscientização da população a respeito dos valores e da importância desta e seu papel na formação e manutenção do patrimônio ao qual está relacionada deve ocorrer através da promoção de ações que visam a educação patrimonial.

Para que sejam propostas atitudes de intervenção adequadas aos monumentos históricos, devem ser consideradas as relações bem-paisagem (Fig. 28 e 29). Segundo a Carta de Atenas, de 1931, no que se refere à valorização dos monumentos, “em certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas.”. A Carta cita que “deve-se também estudar as plantações e ornamentações vegetais convenientes a determinados conjuntos de monumentos para lhes conservar o caráter antigo.” (CARTA DE ATENAS, 1931, p. 2).



Figura 28 - Paisagem da Fazenda São Bernardino, 1987. Possível a visualização da topografia com vegetação controlada e trecho das ruínas da Senzala aparentes.

Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 29 - Paisagem da Fazenda São Bernardino, 2017. Vegetação densa não deixa claro o desenho da topografia

Fonte: A autora, 2017.

A fim de garantir a valorização do bem no contexto ao qual está inserido, a Carta de Atenas recomenda também “a supressão de toda publicidade, de toda presença abusiva de postes ou fios telegráficos, de toda indústria ruidosa, mesmo de altas chaminés, na vizinhança ou na proximidade dos monumentos, de arte ou de história [Fig. 30 e 31].” (CARTA DE ATENAS, 1931, p. 2).



Figura 30 - Vista da paisagem do entorno a partir do nível superior do terreno, em frente à Casa Grande, 1987.

Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 31 - Vista da paisagem do entorno a partir do nível superior do terreno, em frente à Casa Grande, 2017. Postes e fios, publicidade e aleia oculta por vegetação densa.

Fonte: A autora, 2017.

A Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), ampliando o conceito de patrimônio cultural para além do edifício insulado, menciona que a ambiência do monumento deve ser preservada, devendo atentar-se também à preservação dos sítios, sejam eles urbanos ou rurais.

Art. 1º. A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. (ICOMOS, 1964).

São necessárias, por parte das autoridades competentes, ações no patrimônio cultural que não somente o valorizem, mas que, ao mesmo tempo, tragam benefícios econômicos através de investimentos da iniciativa privada e desenvolvimento turístico na região do bem. A Recomendação de Nairóbi (UNESCO, 1976), propagou esta ideia ao tratar da dinâmica entre os conjuntos históricos a salvaguardar e as relações sociais, econômicas e culturais que dali nascem.

Cada conjunto histórico ou tradicional e sua ambiência deveria ser considerado em sua globalidade, como um todo coerente cujo equilíbrio e caráter específico dependem da síntese dos elementos que o compõem e que compreendem tanto as atividades humanas como as construções, a estrutura espacial e as zonas circundantes. Dessa maneira, todos os elementos válidos, incluídas as atividades humanas, desde as mais modestas, têm, em relação ao conjunto, uma significação que é preciso respeitar (UNESCO, 1976, p. 3).

A atividade turística, em diversos locais pelo mundo, tem sido uma alternativa para que se repense o desenvolvimento econômico e a sustentabilidade ambiental, social e cultural, agindo como um instrumento para o desenvolvimento econômico, com potencial de gerar oportunidades de melhorias para o bem e a região em que se insere.

Visando utilizar o patrimônio como atrativo turístico, como ocorre no Sítio das Ruínas da Fazenda São Bernardino, que apresenta trechos de potencial arqueológico, é fundamental o planejamento e a gestão das atividades que possam ocorrer em seus limites. Trechos no interior do sítio patrimonial com potencial arqueológico devem ser controlados e ter seu impacto minimizado, para não haver risco ao patrimônio. As

Diretrizes de Salalah para a Gestão de Sítios Públicos Arqueológicos (ICOMOS, 2017b) expõem sugestões para aqueles interessados na gestão do patrimônio sobre como agir, caso abram o sítio arqueológico ao público. O documento indica a necessidade de estabelecer limites de onde (trechos no sítio) pode ser aberto à visitação e a criação de zonas de gerenciamento dentro do sítio, determinando usos desejados em cada área, com o objetivo de minimizar possíveis problemas e evitar danos irremediáveis.

Segundo a Declaração de Xi'an sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural (ICOMOS, 2005), a contribuição do entorno para o significado dos monumentos deve ser reconhecida. “O entorno de uma edificação, um sítio ou uma área de patrimônio cultural se define como o meio característico seja de natureza reduzida ou extensa, que forma parte de – ou contribui para – seu significado e caráter peculiar.” (ICOMOS, 2005, p. 2).

Diante destas referências a respeito da importância do entorno para o patrimônio, é necessário realizar uma análise do sítio onde o bem em ruínas Fazenda São Bernardino está implantado, assim como do contexto onde está inserido. “Compreender, documentar e interpretar os entornos é essencial para definir e avaliar a importância como patrimônio de qualquer edificação, sítio ou área.” (ICOMOS, 2005, p. 2).

Foi analisada uma área equivalente à um quadrilátero de aproximadamente 23km², onde a Fazenda São Bernardino está inserida. Esta análise em ampla escala foi fundamental para a compreensão das atividades que ocorrem na área rural de São Bernardino, as concentrações urbanas mais próximas e análise das transformações ocorridas na paisagem que podem também afetar o patrimônio.

O diagnóstico obtido através destes estudos da paisagem da Fazenda São Bernardino auxilia na definição das diretrizes de intervenção no bem, que visem não somente a valorização do patrimônio em ruínas, como também de seu entorno.

A área analisada está localizada em Zona Rural do Município de Nova Iguaçu, no limite da APA Tinguá, classificada como área de uso sustentável (Fig. 32). O trecho, que abrange parte da Estrada Federal de Tinguá e do Arco Metropolitano, é caracterizado, de maneira geral, por uma extensa superfície composta por vegetação densa e forrações (não edificadas), englobando também partes de concentrações urbanas mais próximas à Fazenda São Bernardino.

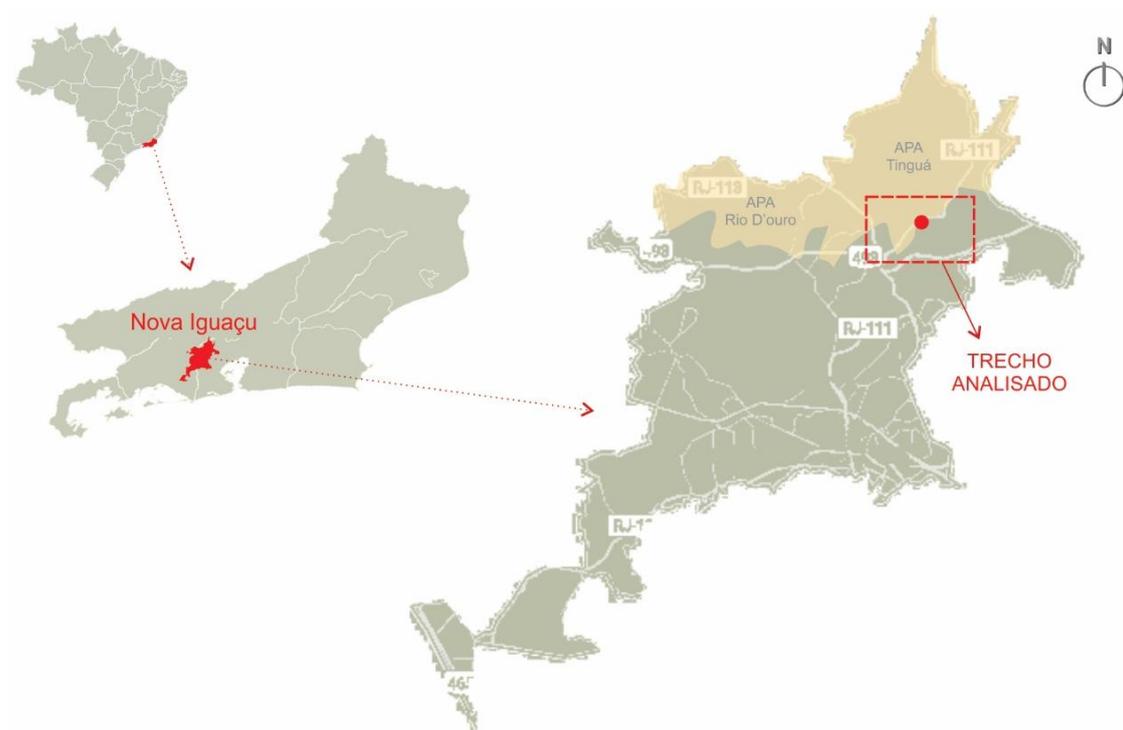


Figura 32 - Localização do trecho analisado: Limite da APA Tinguá, uso sustentável.
Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps, 2019.

2.1.1 Transformação da paisagem

Para verificar as transformações ocorridas ao longo do tempo na paisagem onde estão inseridas as ruínas da Fazenda São Bernardino, são apresentados um mapa do ano de 1984 e outro de 2018. Optou-se, para esta análise comparativa, uma escala um pouco maior que a do trecho de entorno determinado no tópico anterior, visando facilitar a visualização do bairro de Tinguá e maior trecho do Arco Metropolitano (Fig. 33).

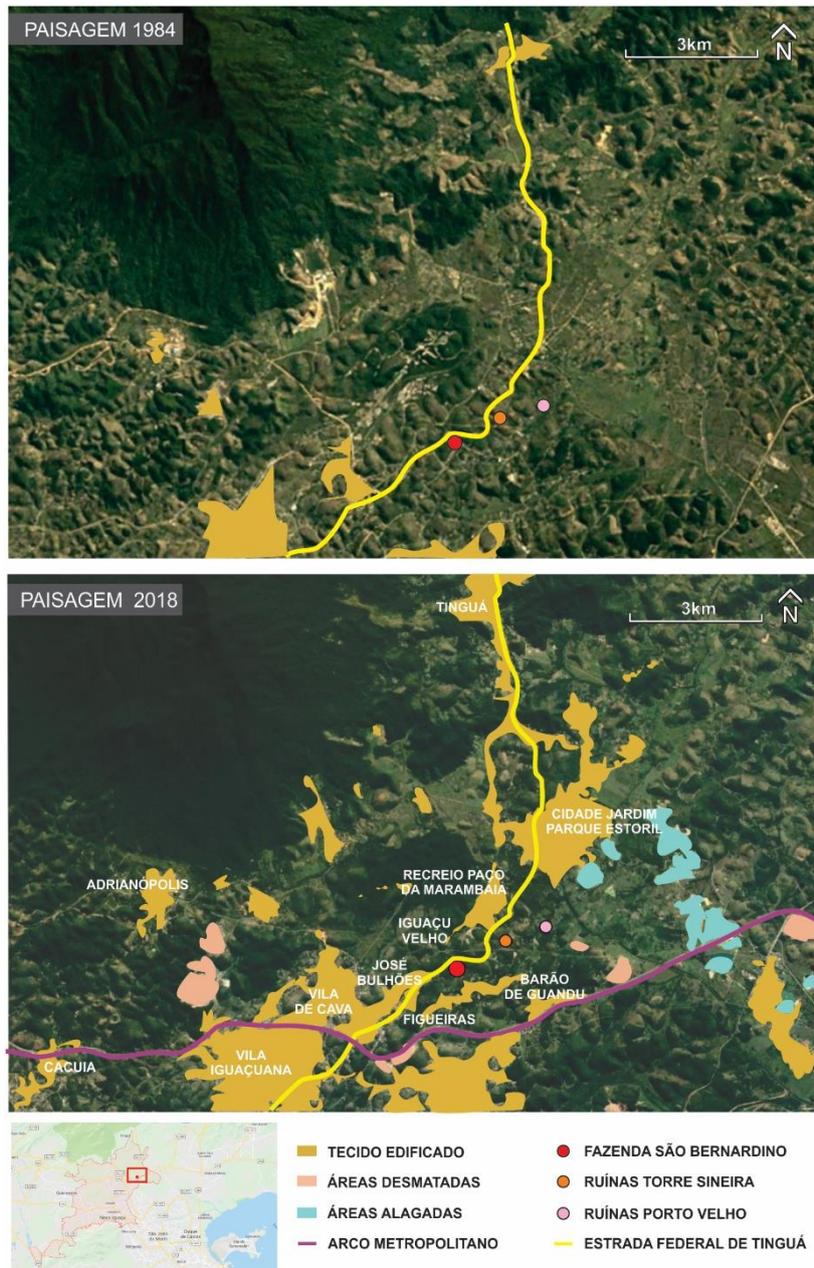


Figura 33 - Transformações na paisagem 1984 x 2018.

Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps, 2018.

Nota-se através dessa análise comparativa das transformações da paisagem um crescimento da massa edificada em todos os bairros no entorno das ruínas, a chegada da via expressa Arco Metropolitano, datada do ano de 2014, e um aumento de áreas desmatadas próximas a esta via. Chama atenção no mapa de 2018 as manchas referentes aos trechos alagados, fato que se deu devido ao crescimento de áreas edificadas próximo aos cursos d'água, causando assoreamento de rios, dificultando o escoamento.

2.1.2 Estrutura Morfológica Atual

Nos últimos anos, investimentos do PAC, Programa de Aceleração de Crescimento do governo federal, foram alterando a imagem de Nova Iguaçu, conforme consta em informações obtidas no site do Município. Estes recursos foram aplicados no saneamento, na instalação de redes de água e esgoto e urbanização de quase todos os bairros da periferia, o que gerou aumento das concentrações urbanas, atingindo também, de maneira menos densa e em partes pontuais, a região rural.

Através da elaboração de um mapa figura x fundo, foi possível identificar de maneira mais clara a volumetria construída e os espaços livres de edificação no trecho em análise (Fig. 34).



Figura 34 - Análise de superfície edificada no contexto delimitado, 2018.

Fonte: A autora, 2018.

A área onde está localizada a Fazenda São Bernardino caracteriza-se por planície e trechos de colinas com altitude variando de 50 a 100m. Apesar da massa edificada ter avançado na área rural conforme os recursos chegavam ao município e, conseqüentemente, alterações terem ocorrido na paisagem, ainda permanece forte na região a presença de vegetação densa e forrações (Fig. 35).



Figura 35 - Análise da cobertura vegetal no contexto delimitado, 2018.

Fonte: A autora, 2018.

2.1.3 Aspectos Funcionais e o Sistema de Espaços Livres

Em escala mais próxima à Fazenda São Bernardino, pode-se identificar e classificar os usos que ocorrem próximo ao bem (Fig. 36). Nota-se a presença, em grande maioria, de fazendas e sítios de lazer (Fig. 37), residências pontuais (Fig.38), locais de uso religioso (Fig. 39) e comércio, quase inexistente (Fig. 40).



*Figura 36 - Usos do entorno de São Bernardino, 2018.
Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps, 2018.*



*Figura 37 - Imagem aérea do Sítio Vale do Ipê, implantado na parte posterior à Fazenda São Bernardino. Acesso pela Estrada São Bernardino.
Fonte: Imagem de drone por Lucas Vidal, 2018.*



*Figura 38 - Residências em alvenaria aparente implantadas de maneira desordenada; originadas provavelmente a partir de invasões.
Fonte: Imagem Google Maps, 2015.*



*Figura 39 - Pequeno comércio à beira da Estrada Federal de Tinguá.
Fonte: Imagem Google Maps, 2015.*



*Figura 40 - Igreja evangélica às margens da Estrada Federal de Tinguá.
Fonte: Imagem Google Maps, 2015.*

Há na região a carência de equipamentos que atraiam um maior número de turistas e visitantes, não se limitando a atividades que ocorram apenas aos fins de semana ou períodos de férias escolares, quando os sítios de lazer na região são mais utilizados e, por consequência, um número maior de visitantes circula pelas ruínas da Fazenda São Bernardino, de acordo com pesquisas *in loco*.

No que se refere aos espaços livres públicos, destacam-se as próprias ruínas do patrimônio da Fazenda São Bernardino. Além delas, há na região as ruínas históricas da Torre Sineira da Antiga Igreja de Nossa Senhora do Iguassu (localizada juntamente às ruínas do chamado Cemitério Nossa Senhora da Piedade de Iguazu Velho, atualmente desativado) e ruínas do Antigo Porto. Quanto às vias, foram identificadas as vias locais e coletoras (internas dos bairros), vias arteriais (destacando-se trecho da Estrada Federal de Tinguá) e via expressa Arco Metropolitano (Fig. 41).



Figura 41 - Espaços livres públicos: Vias, 2018.
Fonte: A autora, 2018.

Através de exercício de observação do percurso (Fig. 42) é possível notar como a presença de elementos de infraestrutura (postes de iluminação e fios de energia), juntamente à vegetação de médio e grande porte, são marcantes na paisagem e que, em determinados pontos de vista, causam poluição visual e impedem a visualização do patrimônio. A alameda de palmeiras imperiais, localizada à frente do sítio das ruínas, hoje

encontra-se encoberta pelas árvores de médio e grande porte que surgiram de maneira espontânea e cresceram ao longo dos anos à beira da Estrada Federal.



*Figura 42 - Percurso: análise da paisagem da Fazenda São Bernardino, 2018.
Fonte: A autora, 2018.*

Através da análise do trecho de entorno pôde-se concluir que a Fazenda São Bernardino, embora localizada em área rural que apresenta superfície pouco edificada, recebe fluxo considerável de pessoas que ali param antes de seguir seu percurso pela Estrada Federal de Tinguá, principalmente aos fins de semana. Esse fator é um dos poucos

que tornam o patrimônio conhecido, pois, embora de grande importância histórica para o município, não há qualquer sinalização ao longo ou próxima à Estrada Federal que indique a presença das ruínas na região.

O crescimento de bairros e o desmatamento de algumas áreas se destacam na análise do contexto do bem, fato ocorrido principalmente após a chegada do Arco Metropolitano na região no ano de 2014. A paisagem das Ruínas da Fazenda São Bernardino é marcante no trecho onde está implantada, sendo a imponência das ruínas da Casa Grande reforçada por estarem implantadas em plano elevado do sítio. Esta paisagem é prejudicada pela presença de postes e fios, que poluem a perspectiva do bem a partir da Estrada Federal de Tinguá.

Situação parecida ocorre com a Alameda de Palmeiras Imperiais (Rua Barão de Tinguá), localizada à frente do sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino, de grande importância histórica junto ao patrimônio. A perspectiva da rua e suas palmeiras centenárias, que compõem a aléia, está prejudicada por árvores que surgiram espontaneamente ao longo dos anos à beira da Estrada Federal. Em grande parte da estrada não há demarcação de calçadas ou paradas de ônibus, principalmente no trecho próximo à Fazenda São Bernardino, o que prejudica a chegada e circulação de visitantes pelo patrimônio.

2.2 Análise do Sítio das Ruínas da Fazenda São Bernardino

A Casa Grande da Fazenda São Bernardino está construída no centro do nível mais elevado, de destaque no terreno. As edificações de Engenho e Senzala foram implantadas no nível inferior, nas bordas do atual terreno da Fazenda. O conjunto se localiza em área rural, onde é predominante a vegetação, não sendo próximo a edificações. Possui forte relação com a paisagem montanhosa do entorno e com a Estrada Federal de Tinguá, via de chegada de visitantes (Fig. 43).



Figura 43 - Relação formal da Fazenda São Bernardino com seu entorno.
 Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem de drone The Inspector Tv, 2013.

As edificações em ruínas da Fazenda São Bernardino já não apresentam mais trechos com cobertura, o que permite que, na situação atual em que se encontra o conjunto, os trechos de pátios e trechos originalmente edificados (hoje, ruínas) assumam caráter de espaços livres. Assim, optou-se por identificar nos espaços livres do conjunto uma dicotomia, para que a partir desta seja realizada uma análise completa do sítio: dentro das ruínas x fora das ruínas (Fig. 44 e 45).



Figura 44 - Dicotomia a ser analisada: Dentro x Fora das ruínas.
 Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagens Google Maps, 2018.

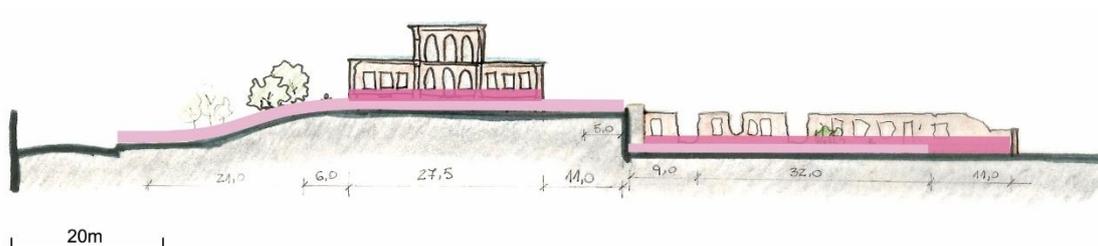


Figura 45 - Corte esquemático A. Dicotomias marcadas em diferentes tons de rosa.

Fonte: A autora, 2018.

2.2.1 Dentro das Ruínas

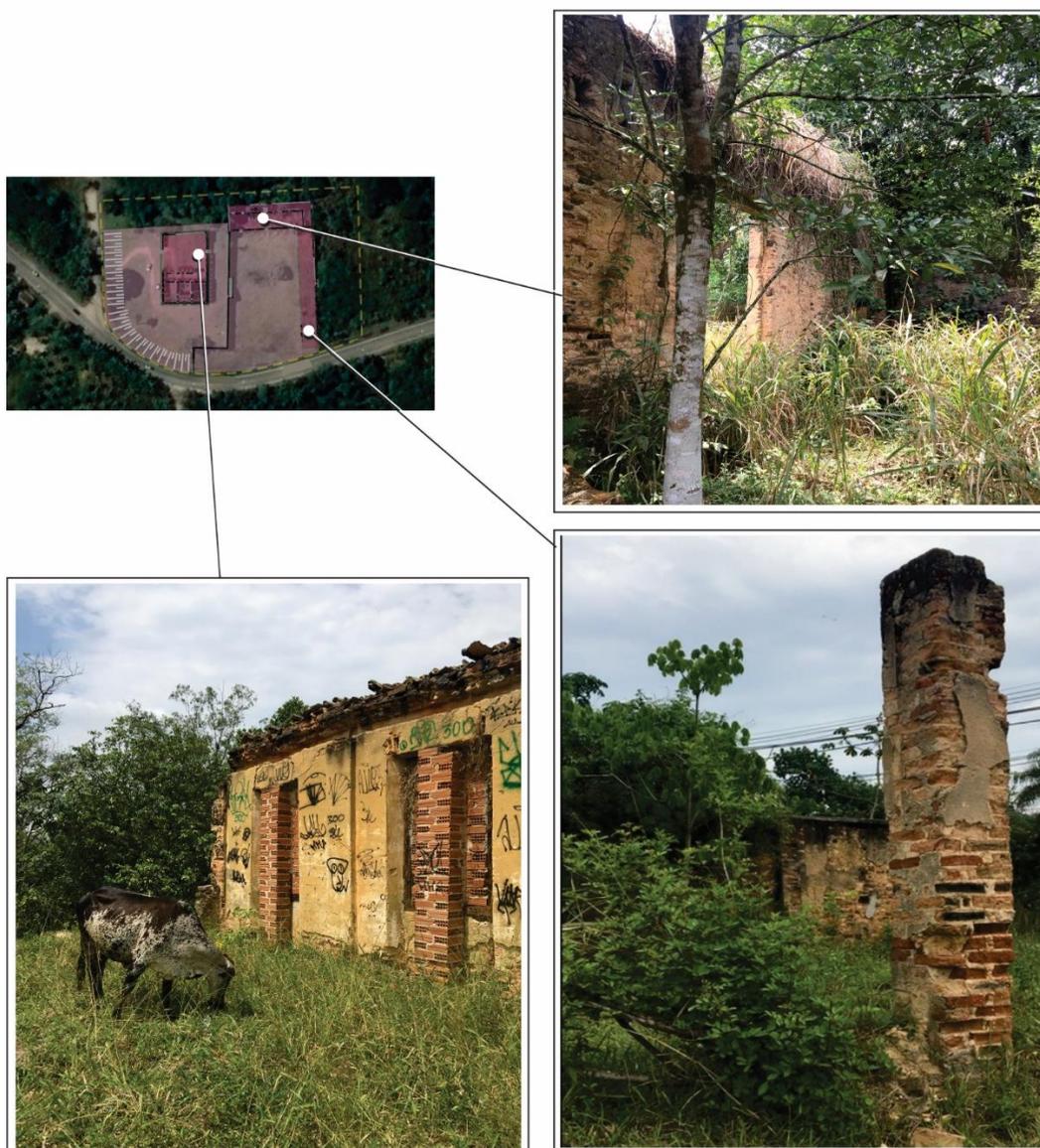
A Casa Grande, Engenho e Senzala eram originalmente de propriedade privada, com acesso restrito aos proprietários, trabalhadores e escravos. A Casa Grande possui maior peso na hierarquia do conjunto arquitetônico, objeto de destaque na paisagem da fazenda, localizada no nível superior no terreno. Atualmente em ruínas, o conjunto, de importante valor histórico, apresenta função contemplativa, sem barreiras que impeçam ou controlem a visitação.

O espaço livre interior às ruínas se refere às áreas dentro dos limites que originalmente compreendiam o interior das edificações em ruínas: Espaços livres Casa Grande, Engenho e Senzala (Fig. 46).



*Figura 46 - Interior da Casa Grande e limites da Senzala, 2017.
Fonte: A autora, 2017.*

Todos os pisos originais dos espaços livres interiores às ruínas encontram-se inexistentes ou não visíveis, encobertos por terra e vegetação. Há a presença de arbustos e árvores de médio porte muito próximas e, algumas vezes, no interior das ruínas (Fig. 47).



*Figura 47 - Espaço livre interno, Casa Grande, limites da Senzala e Engenho.
Fonte: A autora, 2018.*

As ruínas da Casa Grande, no nível superior do terreno, têm sua parte interna como plano de fundo de filmagens e fotografias, além de atuarem como objeto de estudos durante aulas externas de escolas dos bairros próximos e visitas guiadas organizadas por historiadores. De maneira geral, as ruínas de São Bernardino também são ponto de parada de curiosos que transitam pela Estrada Federal de Tinguá, rumo aos bairros vizinhos ou à Reserva Biológica de Tinguá. Porém, de todo conjunto, as ruínas do Engenho e trecho do sítio com remanescentes pertencentes à Senzala são áreas pouco atrativas - quando comparadas à Casa Grande - e, na maior parte do tempo, se encontram tomadas por vegetação, dificultando a visita. (Fig. 48).

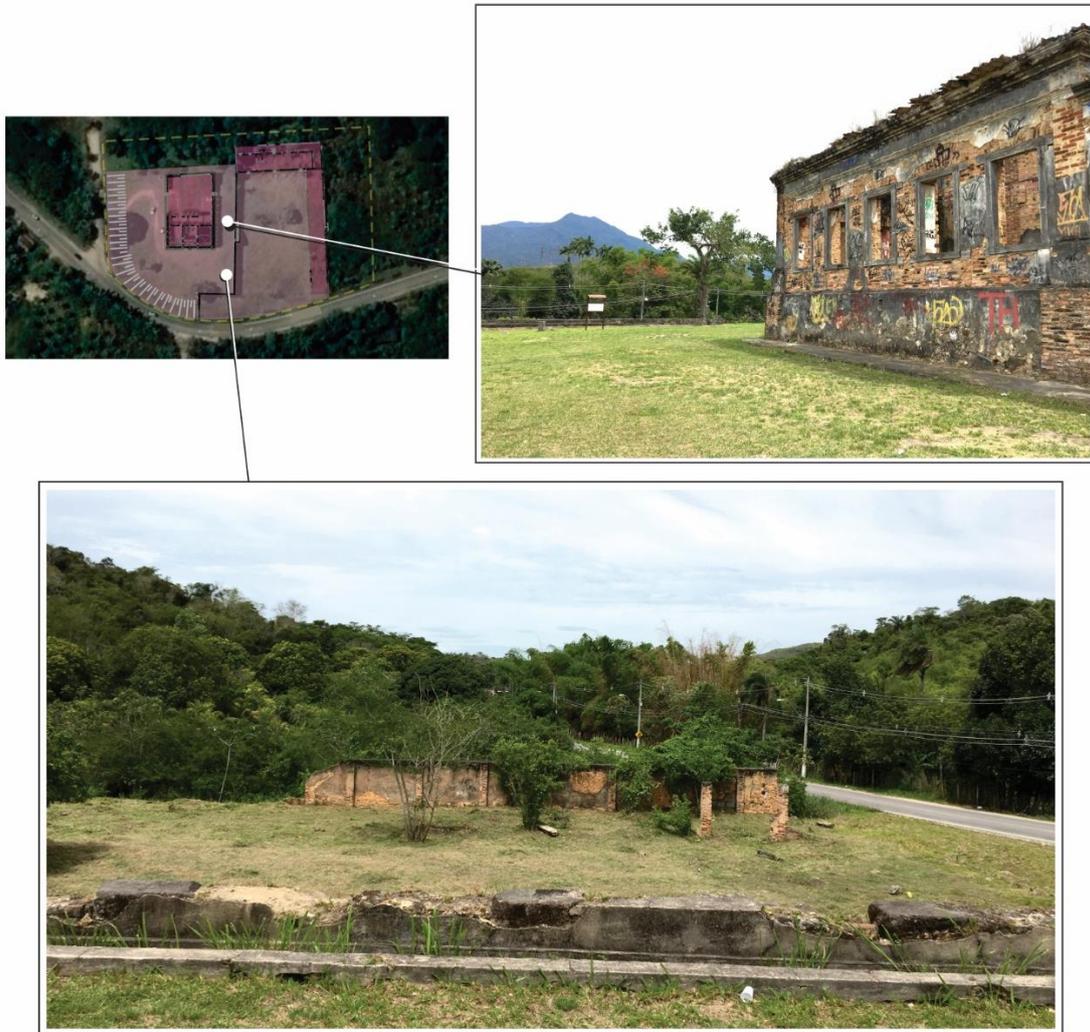


*Figura 48 - Usos nos espaços livres interiores às ruínas.
 Fonte: facebook.com/fazendasaobernardino, acesso em dez. 2018.*

2.2.2 Fora das Ruínas

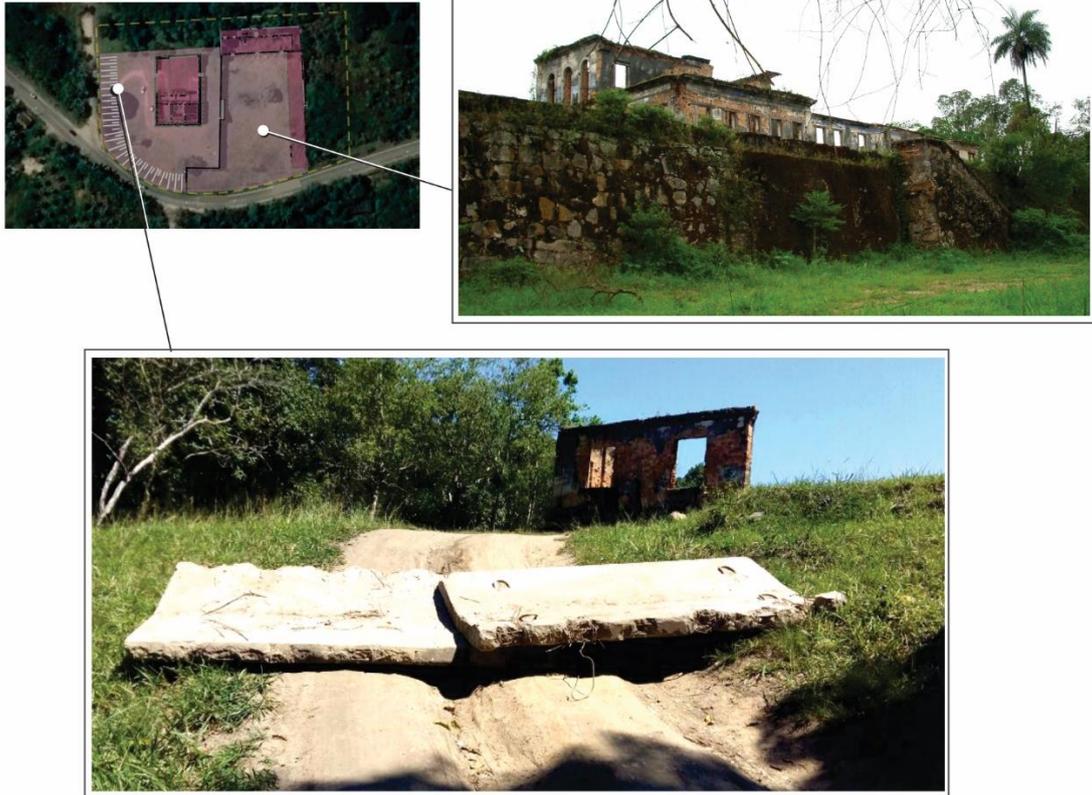
Os espaços livres fora das ruínas se referem às áreas externas aos limites das edificações do conjunto arquitetônico (Fig. 49). Originalmente essas áreas livres do sítio eram privadas, de acesso restrito aos proprietários, trabalhadores da Fazenda e escravos. De acordo com pesquisas referentes ao histórico do bem, o espaço livre fora das ruínas no nível inferior do sítio abrigava meios de transporte e era destinada ao escoamento da produção do engenho. Atualmente, o nível inferior do sítio possui função de circulação e passagem de uma ruína a outra durante visitação e, no nível superior, circulação e

permanência para contemplação do exterior das ruínas da Casa Grande. Pedro Gavazzi, filho de Giacomio Gavazzi, em entrevista ao jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro no dia 11 de abril de 1976, página 8, cita que na frente da Casa Grande era feita a secagem do café produzido das terras de Giacomio.



*Figura 49 - Espaço livre fora da ruína, nível inferior e superior do terreno, 2018.
Fonte: A autora, 2018.*

Todos os pisos originais dos espaços livres externos encontram-se inexistentes ou em parte encobertos por terra e vegetação. Há a presença de arbustos, árvores de médio e grande porte (Fig. 50).



*Figura 50 - Pavimentação externa às ruínas, nível superior e inferior do sítio.
Fonte: A autora, 2018.*

Em visita ao bem após limpeza do terreno realizada por funcionários da prefeitura do município de Nova Iguaçu, foi possível detectar um provável acesso a esgoto no terreno, que antes se encontrava encoberto por vegetação rasteira (Fig. 51).



Figura 51 - Aparente acesso a rede de esgoto no sítio, 2018.
Fonte: A autora, 2018.

É de costume ocorrer algumas atividades no espaço livre exterior à Casa Grande, no nível superior do terreno, oferecendo como plano de fundo o grande atrativo do conjunto: as ruínas da Casa Grande da Fazenda. O índice de visitação no espaço livre do nível inferior do sítio é menor quando comparado ao que ocorre no nível superior da Casa Grande. Observa-se durante pesquisas *in loco* que a exploração do nível inferior do terreno costuma ocorrer de maneira muito breve e, por vezes, se limitando à escadaria lateral do conjunto das ruínas (Fig. 52).



*Figura 52 - Usos nos espaços livres exteriores às ruínas.
 Fonte: facebook.com/fazendasaobernardino, acesso em dez. 2018.*

2.3 Condições Ambientais

O relevo de Nova Iguaçu é representado por dois grandes maciços rochosos situados nas porções norte e sul do município: o maciço de Tinguá e o maciço do Gericinó-Mendanha, respectivamente. O primeiro possui altitude máxima de 1600m, e o segundo, 974m. Entre os dois, estende-se uma grande área de planície (baixada) e de colinas com cristas vertentes e convexas (meias-laranjas), com altitudes inferiores as dos maciços. As colinas em formato de meias-laranjas tendem a ser em maior número à

medida que se aproximam do maciço de Tinguá, sendo este o relevo predominante nas proximidades de São Bernardino (Fig. 53).

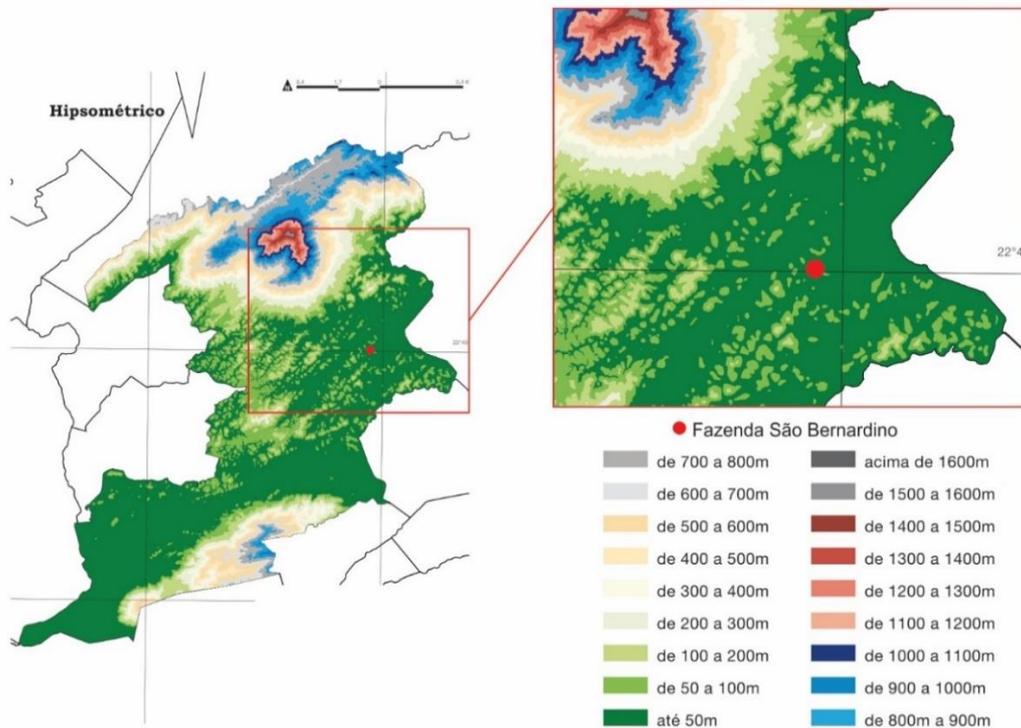


Figura 53 - Altitude de Nova Iguaçu.

Fonte: NIMA. LabGis PUC-RIO 2010, modificado pela autora, 2018.

A região de Nova Iguaçu apresenta verão curto, quente, úmido, com precipitações e de céu encoberto. O inverno é agradável, de céu quase sem nuvens. Ao longo do ano, a temperatura varia de 16°C a 34°C, raramente inferior a 13 °C ou superior a 38 °C. A superfície terrestre característica da zona rural onde a Fazenda São Bernardino se implanta tem estimativa de temperatura variando entre 32°C e 34°C (Fig. 54).

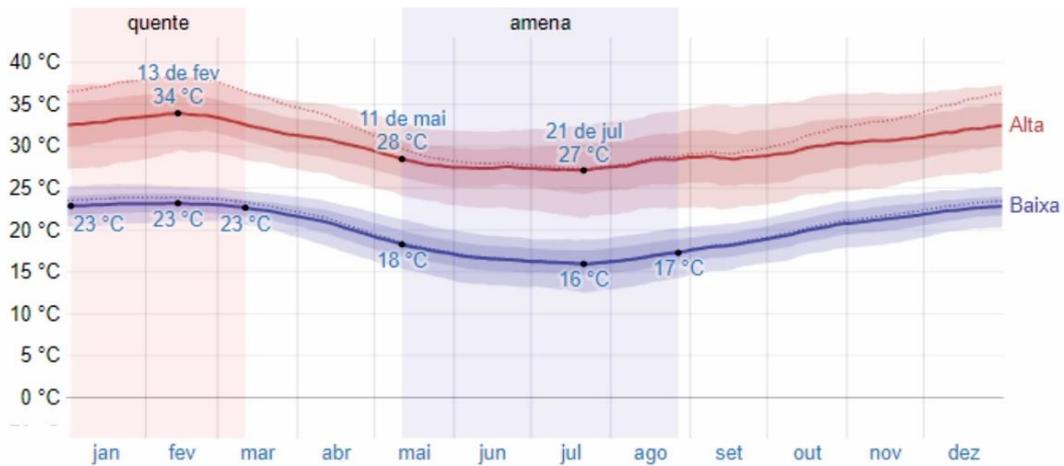


Figura 54 - Temperaturas médias, máximas e mínimas no município de Nova Iguaçu, 2018.
 Fonte: Weather Spark. Acesso em ago. 2018.

Elementos como luz e calor, frio, chuvas, ventos, ruídos e até mesmo a poluição atuam sobre a edificação podendo causar danos diversos. A região onde está implantada a Fazenda São Bernardino apresenta clima quente úmido e grandes variações de temperatura ao longo do ano, como característico em todo município de Nova Iguaçu e Rio de Janeiro. Porém, o fato de estar situada em área rural do município ameniza alguns fatores que poderiam agravar ainda mais a situação do bem, como impactos causados por ruídos excessivos e poluição proveniente de veículos e/ou indústrias, que podem ser encontradas em grandes concentrações urbanas.

A situação de abandono em que se encontra o bem Fazenda São Bernardino, sem quaisquer atitudes de preservação desde a época que antecedeu seu tombamento, somado ao incêndio sofrido na década de 80 fez agravar o processo de degradação do bem, que hoje, em ruínas, se encontra totalmente exposto a intempéries.

Após visitas *in loco*, pôde ser elaborada uma análise referente aos fatores ambientais e características atuais do sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino (Fig. 55).



Figura 55 - Fatores ambientais incidentes e características do sítio, 2018.
 Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps, 2018.

2.4 Descrição Arquitetônica da Fazenda São Bernardino

Fotografias antigas, plantas arquitetônicas (cópias de desenhos originais e levantamentos), textos descritivos das edificações da Fazenda São Bernardino e demais conteúdo foram encontrados em pesquisas realizadas nos arquivos da Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro, material divulgado na internet e livros que tratam da história do município e através de conversas informais com historiadores e moradores locais. Com base nesse material, tornou-se possível identificar e descrever algumas das soluções construtivas empregadas no conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino (Fig. 56, 57 e 58).



Figura 56 - Casa Grande, 1950.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 57 - Engenhos, década de 1940.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 58 - Senzala, década de 1940.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.

Detalhes do conjunto constam em artigo elaborado pelo Subsecretário do Patrimônio Cultural de Nova Iguaçu, Arq. Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro, publicado no Cadernos PROARQ nº 12 em 2008:

A edificação é situada em uma elevação do terreno, tendo como característica arquitetônica o estilo neoclássico e a construção em forma de U, sendo que a parte central elevada em um sobrado de três andares e as duas alas laterais simétricas. Possuía um bom acabamento na execução das alvenarias e revestimentos e requinte no emprego das esquadrias. A porta principal de acesso era em madeira trabalhada e as janelas em guilhotinas com bandeiras de esmerado trabalho de marcenaria. Existiam aproximadamente 40 cômodos, entre eles salões

ornados com espelhos e paredes trabalhadas. Na capela, havia a imagem de São Bernardino e o forro era estucado com motivos litúrgicos. Na sala de entrada havia no forro recriações de instrumentos musicais. Até o início da década de 1980, muitos dos elementos que denotavam o grande requinte com o qual a sede da fazenda havia sido construída podiam ser encontrados, como por exemplo, o chafariz no pátio interno e as telhas em louça dos beirais dos telhados, procedentes provavelmente da Fábrica Rato do Porto, Portugal (PROARQ, 2008, p. 95-96).

Observa-se que pouco se descreve a respeito dos subsistemas das edificações Engenho e Sensala, enquanto um maior número de informações pôde ser colhido do material a respeito da edificação principal, Casa Grande. Em todas as edificações do conjunto, as coberturas eram compostas por estrutura de madeira e telhado cerâmico (Fig. 59 e 60). As esquadrias, também em madeira, eram simples nas edificações do Engenho e Sensala, enquanto exibiam detalhes na edificação da Casa Grande.



*Figura 59 - Cobertura de trecho da Casa Grande, 1985.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 60 - Cobertura de trecho da Casa Grande.
Vista a partir de pátio interno, 1985.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*

A edificação principal do conjunto arquitetônico, Casa Grande, segundo registros feitos à época do tombamento, possuía coberturas em estrutura de madeira e telha cerâmica capa e canal. Dotada de platibandas com ornatos estucados (Fig. 61), apresentava beirais com telhas portuguesas esmaltadas em tons de branco e azul (Fig. 62).



*Figura 61 - Detalhe Casa Grande, 1993.
Fonte: Lilian Jansen. Cópia do original, Arquivo
Central do IPHAN - RJ, 2017*



*Figura 62 - Fragmentos do beiral esmaltado da
Casa Grande em exposição organizada pelo
pesquisador Victor Antunes.
Fonte: A autora, 2017.*

No trecho central da fachada principal, vergas se apresentam em arco pleno, juntamente com as ombreiras e soleira (na porta principal) e peitoril (nas janelas), todos em pedra (Fig. 63). O que se diferenciava das demais esquadrias da fachada principal e restante da edificação, estas todas com verga reta, ombreiras e peitoril em madeira (Fig. 64). As janelas, de madeira, eram compostas por folhas duplas de pinázios com vidros e bandeira fixa com vidraçaria.



Figura 63 - Trecho central da fachada frontal da Casa Grande, 1977.

Fonte: Lilian Jansen. Cópia do original, Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 64 - Fachada lateral esquerda da Casa Grande, 1977.

Fonte: Lilian Jansen. Cópia do original, Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.

Janelas de púlpito eram presentes no pavimento superior, se abrindo para sacada, com espaço de circulação entre elas formando um balcão corrido com piso de pedra (bacia), reforçados por consolos de pedra e protegidos por gradis de ferro. A entrada principal da Casa Grande, com porta em madeira trabalhada, era marcada por marquise e acessada por escadaria dupla em pedra com gradis de ferro. Não se obtém informações exatas sobre a execução da marquise na entrada principal que, aparentemente, com base em imagens registradas na época, era constituída de estuque e estrutura em madeira, com formato semelhante a uma pequena cúpula (Fig. 65).



*Figura 65 - Pavimento superior e entrada principal na fachada frontal da Casa Grande, 1950.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*

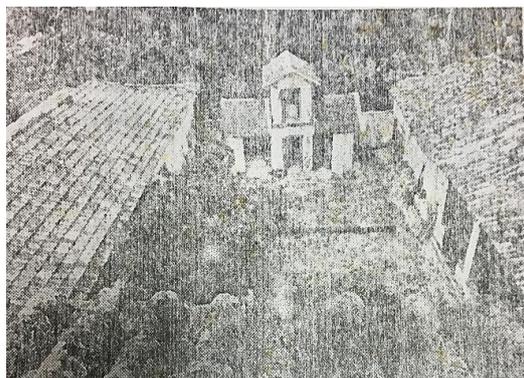
A edificação da Casa Grande contava com pátio interno com chafariz (Fig. 66 e 67) e, ao fundo, um banheiro em uma espécie de edificação anexa (Fig. 68 e 69). Atualmente, sem apresentar vestígios nas ruínas, o anexo do banheiro pode ser visualizado em imagens antigas do bem.



*Figura 66 - Pátio Interno Casa Grande, 1985.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 67 - Chafariz no pátio interno da Casa Grande, 1977.
Fonte: Lilian Jansen. Cópia do original, Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 68 - Visão superior do pátio interno.
Anexo do banheiro no fundo, 1976.
Fonte: Jornal do Brasil, 1º caderno, 25 abr. 1976. Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 69 - Anexo do banheiro, 1984.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*

Internamente, em alguns cômodos como a capela (Fig. 70 e 71), salão nobre (Fig. 72) e sala de música (Fig. 73), os forros eram estucados com ornatos que variavam de acordo com o ambiente.



Figura 70 - Capela da Casa Grande, década de 40 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 71 - Forro com ornatos estucados na Capela, década de 40 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 72 - Forro do salão nobre da Casa Grande, década de 40 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.



Figura 73 - Forro da sala de música, década de 40 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.

Os pisos dos extintos pavimentos superior e mirante da Casa Grande, sua estrutura e as escadas que ligavam os três pavimentos eram em madeira. Há registros de cômodos do primeiro pavimento da Casa Grande com forros e piso em madeira (Fig. 74), mesmo material das portas internas da edificação, estas sem muitos ornatos, apresentando bandeira fixa com vidraçaria (Fig. 75).



*Figura 74 - Piso e forro em madeira. Interior Casa Grande, década de 50 do séc. XX.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 75 - Portas internas de madeira com bandeira fixa em vidraçaria, 1965.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*

De acordo com o texto do pesquisador Nelson Aranha, baseado em material de entrevistas com proprietários do patrimônio (herdeiros de Bernardino de Mello e Gavazzi) ocorridas em 1986-7, a Casa Grande,

construída sobre um promontório que dominava a região, tinha as paredes externas originalmente pintadas na cor amarelo-creme. Portões, janelas, portas e guarnições pintadas de verde-escuro. As paredes internas “caídas de branco” (conforme inscrição datada de 1887, encontrada em uma das dependências do engenho em 1977). (ARANHA, [20--?], p.4)

Imagens antigas e ilustrações da Casa Grande destacam as cores da edificação anteriormente descritas (Fig. 76 e 77). Não foram mencionadas cores referentes às edificações da Senzala e Engenho.



*Figura 76 - Parede interna da Casa Grande caiada de branco, 1993.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 77 - Quadro com pintura antiga de São Bernardino.
Fonte: <http://www.tgvbr.org/viewtopic.php?t=5378>. Acesso: 14 out. 2017.*

2.5 Análise do Estado de Conservação do Conjunto Arquitetônico

Após anos de abandono e ausência de atitudes de preservação no conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino, com o agravante de um incêndio ocorrido na Casa Grande na década de 1980, muito se perdeu - e continua a se perder até os tempos atuais - no patrimônio. A atual condição de ruínas do conjunto arquitetônico ajuda a revelar muito de seu sistema construtivo.

Podem ser observados no conjunto, nos dias atuais, algumas das alvenarias, escadarias externas, soleiras e muros de contenção. Nota-se também a existência de algumas peças de madeira e pedra, bastante deterioradas, em algumas das fachadas, provenientes das esquadrias originais. Pavimentos superiores que compunham originalmente a Casa Grande da Fazenda já não mais existem em meio às ruínas, assim como coberturas da Casa Grande e Engenhos e praticamente toda edificação pertencente à Senzala, sendo visíveis apenas trechos de alvenaria da fachada posterior da edificação.

A partir de plantas das edificações originais, à época da construção, encontradas durante as pesquisas referentes à Fazenda São Bernardino nos arquivos da Superintendência do IPHAN na região central Rio de Janeiro, foi elaborada uma planta

baixa indicando o existente, hoje em ruínas, e as partes inexistentes, que compunham a edificação original, afim de auxiliar na compreensão das transformações que ocorreram no bem (Fig. 78).

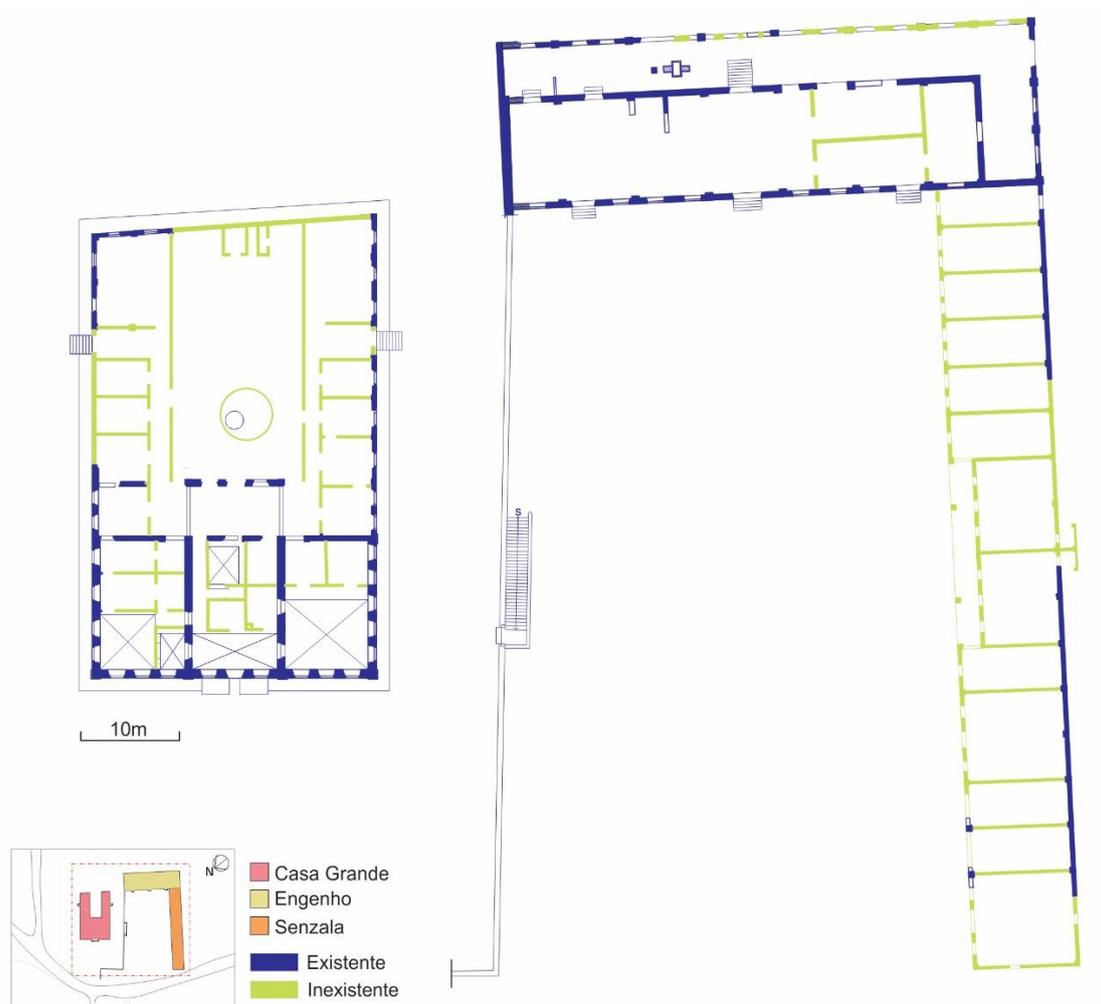
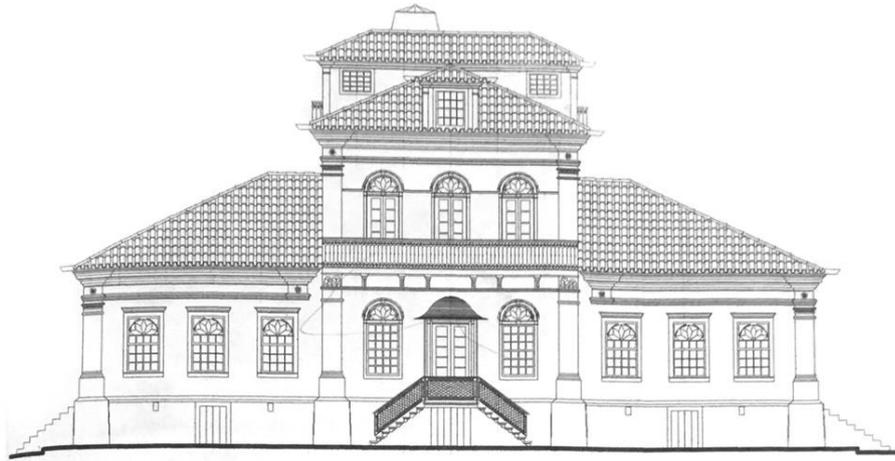
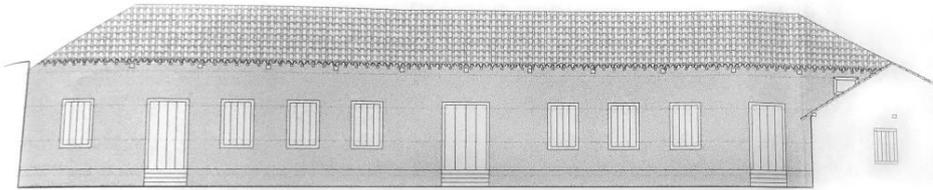


Figura 78 - Planta comparativa. Arquitetura existente x inexistente no conjunto, 2017.
Fonte: A autora, 2017.

Pôde-se também, através de reprodução de plantas originais encontradas nos arquivos do patrimônio, comparar as fachadas das edificações Casa Grande, Engenho e Senzala à época da construção (Fig. 79) e na atual situação de ruínas, após levantamento físico realizado *in loco* (Fig. 80).



FACHADA CASA GRANDE ORIGINAL

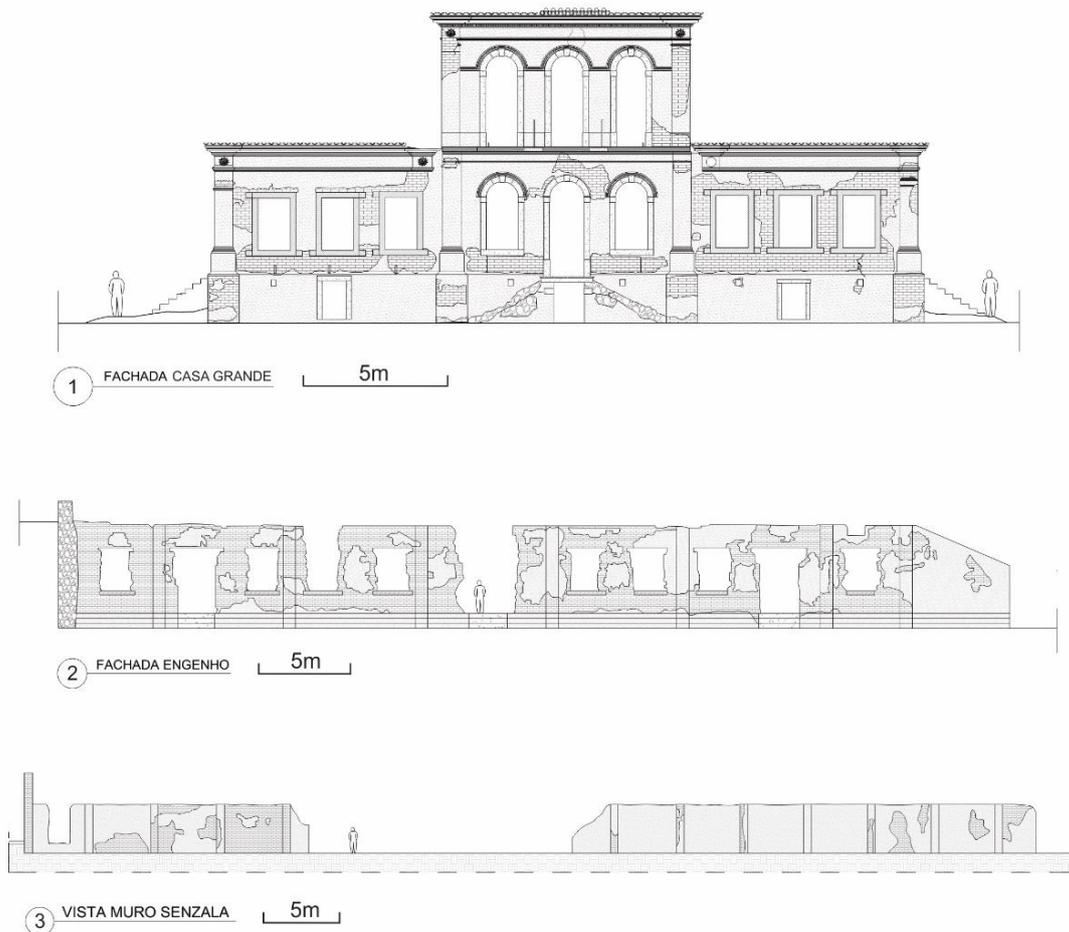


FACHADA ENGENHO ORIGINAL



FACHADA SENZALA ORIGINAL

*Figura 79 - Fachadas à época da construção.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN - RJ, 2017.*



*Figura 80 - Fachadas. Parte do levantamento cadastral do conjunto, 2017.
Fonte: A autora, 2017.*

Um levantamento arquitetônico completo do conjunto em ruínas Fazenda São Bernardino foi realizado, conforme consta no apêndice 1.

As edificações da Casa Grande, Engenhos e Senzala apresentam as mesmas características e se encontram igualmente em situação de ruínas. Sendo assim, foi realizada a análise do estado de conservação do conjunto arquitetônico como um todo, sem haver necessidade de analisar cada edificação de maneira isolada.

Fundação:

Não é possível detectar o tipo de fundação utilizado na construção da Casa Grande e Senzala. Devido ao tempo de construção da edificação e os materiais e meios utilizados

na época, a fundação provavelmente é em baldrame de pedra, da mesma forma como foi descrito pelo pesquisador Nelson Aranha, baseado em material de entrevistas com proprietários da Fazenda, sobre o Engenho, o qual foi edificado “em sólidos alicerces de pedra e cal” (ARANHA, [20--?], p.4).

Estrutura:

A atual condição de ruínas do conjunto arquitetônico revela de forma clara seu sistema construtivo autoportante, em tijolos maciços cerâmicos e argamassa, com paredes medindo aproximadamente 45cm de espessura. Em estado precário, apresenta infiltrações e desgastes devido à ausência de cobertura. Não foi identificada umidade ascendente no conjunto, apenas infiltrações por exposição dos topos de parede, que propiciaram o surgimento de manchas negras (Fig. 81 e 82).



Figura 81 - Casa Grande. Estrutura autoportante.

Fonte: A autora, 2017.



Figura 82 - Estrutura autoportante da Casa Grande com alvenaria em diferentes padrões e vãos fechados para evitar desabamentos.

Fonte: A autora, 2017.

Piso:

Os pisos originais são inexistentes em toda edificação, tanto internamente quanto externamente. Atualmente o piso de todo conjunto é de terra batida com vegetação (Fig. 83, 84 e 85).



*Figura 83 - Piso interior Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 84 - Piso área externa à Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 85 - Piso interior engenho.
Fonte: A autora, 2017.*

Alvenarias e Revestimentos:

As alvenarias encontradas nas edificações são em tijolos cerâmicos maciços cozidos, assentados em argamassa provavelmente de areia e cal, em precário estado de conservação. Há o uso de cantaria no embasamento da Casa Grande (Fig. 86) e no muro de contenção que limita a diferença de nível superior, onde está implantada a Casa Grande, e o nível inferior, onde se encontram as ruínas do Engenho e Senzala. O muro de contenção que separa os diferentes níveis do terreno se encontra em estado precário de conservação, apresentando grande quantidade de vegetação (Fig. 87).



*Figura 86 - Fachada lateral Casa Grande.
Embasamento em cantaria.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 87 - Descida da escadaria lateral. À
esquerda, muro em cantaria e argamassa.
Fonte: A autora, 2017.*

As alvenarias do Engenho ainda resistem apesar da precária situação em que se encontram (Fig. 88), enquanto as da Senzala, em sua maior parte, já não existem mais. Apenas trecho de fachada posterior e duas estruturas em alvenaria podem ser observadas no sítio (Fig. 89).



*Figura 88 - Fachada Engenho.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 89 - Alvenarias remanescentes da Sanzala.
Fonte: A autora, 2017.*

Trechos de revestimento com argamassa estão em processo de desprendimento e desintegração. Ornatos em argamassa que decoram as fachadas frontal e laterais da Casa Grande, estão em estado de conservação precário, apresentando deslocamentos e perdas em diversos trechos (Fig. 90 e 91).



*Figura 90 - Ornatos na fachada da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 91 - Deslocamentos na fachada lateral da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*

Há algumas rachaduras nas alvenarias e fissuras na argamassa de revestimento das fachadas, causadas por stress mecânico. Esse stress está relacionado à existência de vegetação arbustiva de pequeno e médio porte com suas raízes entranhadas nos topos das alvenarias e também ao fluxo de veículos que, em determinados momentos, entram no sítio das ruínas. A subida de automóveis até o nível superior onde se localiza a Casa Grande ocorre de maneira irregular no sítio das ruínas, causando impacto no terreno e contribuindo com danos ao bem.

As alvenarias do conjunto arquitetônico apresentam também lacunas, manchas negras, trechos de cantaria exposta (no embasamento da Casa Grande) e muito grafitismo. Na edificação da Casa Grande houve a implementação de tijolos furados em alguns vãos, como forma de contenção e prevenção de desabamentos (Fig. 92 e 93).



*Figura 92 - Trecho de fachada lateral da Casa Grande. Fechamento de vãos para contenção da alvenaria.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 93 - Vista interna de trecho de fachada lateral da Casa Grande. Vãos fechados para contenção da alvenaria.
Fonte: A autora, 2017.*

As alvenarias dos pavimentos superiores, presentes originalmente na Casa Grande, hoje são inexistentes. Resquícios da presença desses pavimentos superiores se mostram atualmente nas ruínas através da fachada frontal e trechos de alvenaria interna, que exibem os vãos de portas e janelas do segundo pavimento da edificação (Fig. 94 e 95).



*Figura 94 - Vãos do pavimento superior na alvenaria da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 95 - Vãos do pavimento superior na alvenaria da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*

Alguns trechos de topos de alvenarias ainda possuem remanescentes das telhas dos beirais da edificação da Casa Grande. O estado de conservação destas em sua maioria é precário, onde se encontram apenas alguns cacos das telhas portuguesas esmaltadas em tons de branco e azul (Fig. 96). Em um trecho de alvenaria interna, as telhas do beiral aparentam condição menos precária que nas demais do conjunto (Fig. 97).



*Figura 96 - Telhas dos beirais em estado precário na fachada lateral da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 97 - Alvenaria interna da Casa Grande. Beiral com telhas em melhor estado.
Fonte: A autora, 2017.*

Escadarias

Quanto às escadarias do conjunto arquitetônico, todas são feitas em cantaria com degraus em largas peças de pedra granítica. A escadaria de maior dimensão, que se encontra junto ao muro de contenção em cantaria e dá acesso ao nível superior do sítio (onde se localiza a Casa Grande), está em situação precária, com degraus apresentando desgaste e vegetação (Fig. 98). O muro em cantaria que engloba a escadaria apresenta argamassa desgastada e manchas negras (Fig. 99).



*Figura 98 - Degraus em peça de pedra granítica da escadaria de acesso ao nível Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 99 - Escadaria de acesso ao nível Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*

Nas ruínas da Casa Grande, que apresentam pavimento térreo elevado, estão outras três escadarias de menor dimensão para acesso à edificação. Destas, as escadarias presentes nas fachadas laterais direita e esquerda estão em estado de conservação precário, apresentando desgastes e vegetação (Fig. 100 e 101).



*Figura 100 - Detalhe da escada na fachada lateral esquerda da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 101 - Escadaria da fachada lateral direita da Casa Grande.
Fonte: A autora, 2017.*

A escadaria dupla na fachada frontal, que originalmente marcava o acesso principal da edificação, também está em condições precárias, já sem os degraus e com trechos de cantaria solta e exposta, com vegetação (Fig. 102 e 103).



*Figura 102 - Escadaria dupla na fachada frontal.
Fonte: A autora, 2017.*

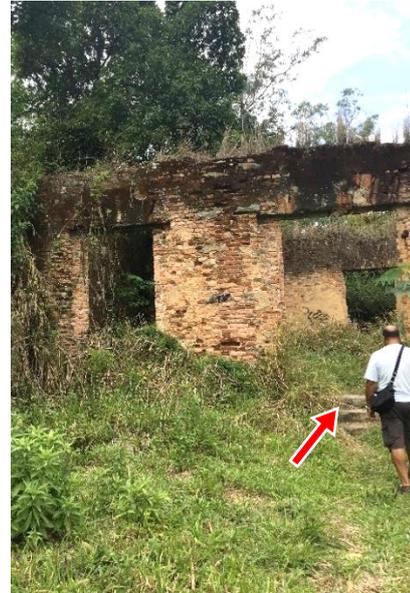


*Figura 103 - Detalhe da falta de degraus na escadaria da fachada frontal.
Fonte: A autora, 2017.*

As ruínas do Engenho apresentam pavimento térreo um pouco elevado com relação ao nível do terreno, sendo notadas três escadarias externas para acesso à edificação e outras para vencer desníveis em seu interior, todas apresentando desgastes e vegetação (Fig. 104 e 105).



*Figura 104 - Escadas externas: acesso às ruínas do Engenho.
Fonte: A autora, 2017.*



*Figura 105 - Escada de acesso ao Engenho.
Fonte: A autora, 2017.*

Esquadrias

Na edificação em ruínas da Casa Grande há a presença de peças em pedra nas esquadrias da faixa central da fachada frontal, em estado de conservação ruim, com desgaste e pichações (Fig. 106). Também nas ruínas da Casa Grande e nas ruínas do Engenho notam-se peças em madeira, provenientes das esquadrias originais, que se apresentam ressecadas, com rachaduras, deformações, marcas por ataques biológicos (insetos xilófagos, bactérias, fungos, etc.) e, em alguns vãos, inexistentes (Fig. 107). Na Senzala, as alvenarias com vãos de esquadrias são inexistentes.



Figura 106 - Esquadrias Casa Grande: pedra e madeira.
Fonte: A autora, 2017.



Figura 107 - Esquadria Engenho: peças faltantes.
Fonte: A autora, 2017.

Cobertura

A cobertura de todo conjunto arquitetônico hoje é totalmente inexistente.

Terreno

Não foram identificados focos de cupim no solo ou árvores próximas às ruínas cujas raízes causem danos à arquitetura. As características que o terreno atualmente apresenta são o solo em terra batida com vegetação e a presença de árvores pontuais, de pequeno, médio e grande porte, afastadas das edificações (Fig. 108).



Figura 108 - Vista aérea do sítio e conjunto arquitetônico. Em destaque, árvores de pequeno, médio e grande porte no terreno.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9t7IWkp93bU&t=3s>. Acesso em dez. de 2017.

Devido ao conjunto de ruínas apresentarem quase em sua totalidade as mesmas características arquitetônicas e também os mesmos danos, optou-se por mapear a fachada frontal da Casa Grande (Fig. 109) e um trecho de fachada lateral que, de todo conjunto, apresenta maior nível de degradação (Fig. 110).

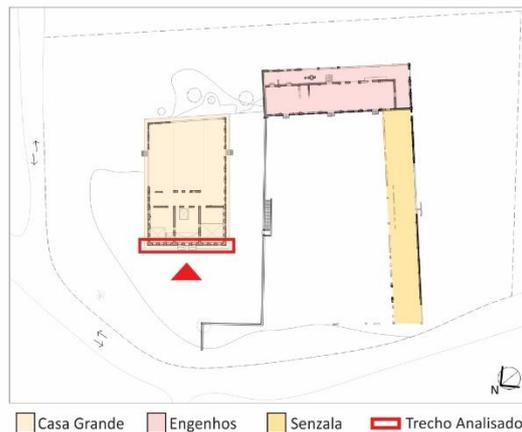


Figura 109 - Indicação de primeiro trecho mapeado: Fachada frontal.
Fonte: A autora, 2017.

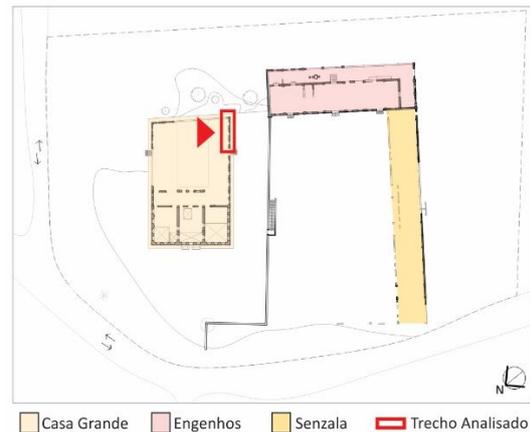


Figura 110 - Indicação de segundo trecho mapeado: Trecho fachada lateral.
Fonte: A autora, 2017.

Os mapeamentos de danos, elaborados da fachada frontal e trecho de fachada das ruínas da Casa Grande, podem ser visualizados nos apêndices 2 e 3.

CAPÍTULO 3: Proposta de Intervenção

3.1 Área de Intervenção

O produto desta dissertação abrange o sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino e o trecho da Aleia de Palmeiras Imperiais, localizada imediatamente à frente do terreno da Fazenda, um marco na paisagem do bem e elemento importante para o conjunto e historicamente relacionado ao patrimônio (Fig. 111).



Figura 111 - Delimitação da área de intervenção.

Fonte: Figura produzida pela autora a partir de imagem Google Maps.

A aleia de palmeiras imperiais é demarcada como área de preservação, sendo recomendado o replantio de palmeiras faltantes, poda de árvores que prejudicam sua visualização e recuperação da pavimentação da Rua Barão de Tinguá. A intervenção que ocorre no sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino abrange as áreas pertencentes à Casa Grande, Engenhos e Senzala e áreas livres do sítio até os limites do terreno.

O projeto de intervenção na área do sítio patrimonial abrange uma área de aproximadamente 16.500m² e se dá de duas maneiras: a primeira com o projeto de intervenção no sítio patrimonial, que engloba a intervenção de consolidação das ruínas da Casa Grande, Engenho e Senzala, criação de área de estacionamento e projeto paisagístico, agregando elementos que possam dar suporte à visita no sítio, e a segunda

com o desenvolvimento de um projeto para a construção da nova edificação, o anexo (Fig. 112 e Quadro 1).

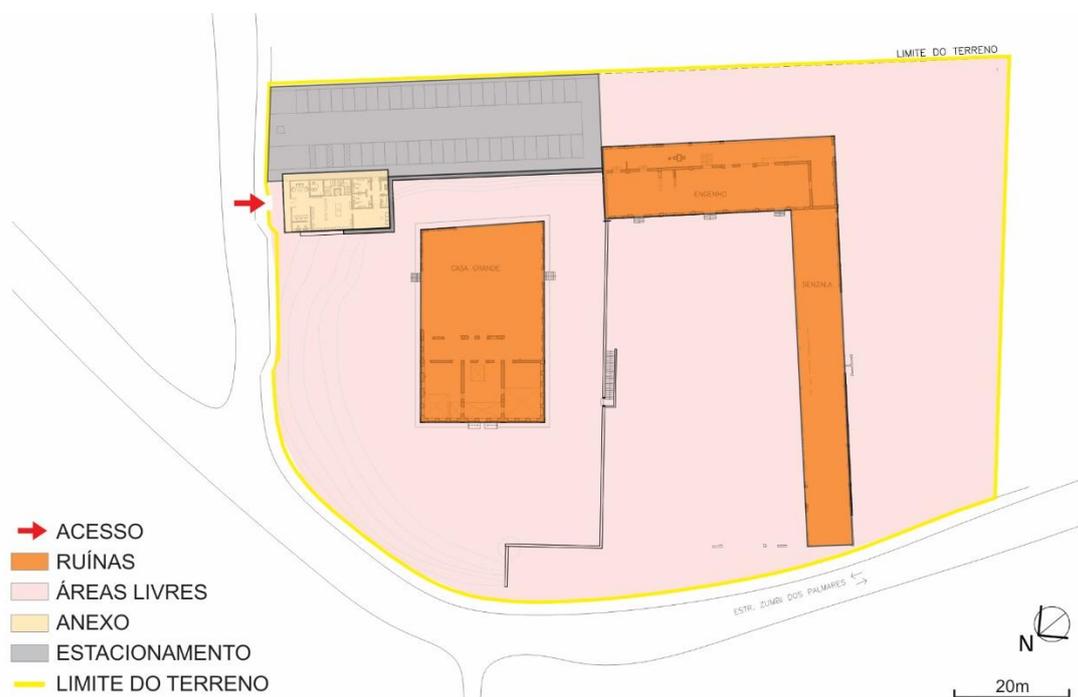


Figura 112 - Setorização no sítio das ruínas de São Bernardino.
 Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.

Ruínas da Casa Grande	1.133,20m ²
Ruínas do Engenho	774,70m ²
Limites da Senzala arruinada	721,40m ²
Estacionamento projetado (40 vagas)	1.140,0m ²
Anexo (área de projeção)	286,50m ²
Áreas Livres (exteriores às ruínas)	12.445,0m ²

Quadro 1 - Áreas do interior do sítio patrimonial a ser objetos de projeto e suas respectivas áreas.
 Fonte: A autora, 2019.

3.2 Diretrizes de Intervenção

Todo conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino, mesmo tendo apenas a Casa Grande tombada pelo IPHAN, constitui, por sua importância histórica, como mencionado no artigo 216º da Constituição de 1988, um “patrimônio portador de referência à identidade e à memória de um grupo formador da sociedade brasileira”. O conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino foi fortemente descaracterizado. Desde sua arquitetura ainda como exemplar colonial brasileiro em bom estado de conservação (na década de 50, época do tombamento) até sua atual situação de ruínas, diversos fatores ocorreram alterando o aspecto do bem. O que se presenciou no conjunto arquitetônico ao longo do tempo foi apenas destruição, devido ao abandono, a um incêndio sofrido na década de 80, à exposição a intempéries e atos de vandalismo (Fig. 113 e 114).



Figura 113 - Casa Grande da Fazenda São Bernardino após incêndio, 1984.
Fonte: Arquivo Central do IPHAN- RJ, 2017.



Figura 114 - Pessoas analisam tijolos após derrubada de trecho da fachada lateral da Casa Grande, conforme reportagem do Jornal de Hoje, diário da Baixada, 2016.
Fonte: <http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=22616>. Acesso em dez. de 2017.

Consta no artigo 3º da Carta de Veneza, documento-base do ICOMOS, que “a intenção de conservar e restaurar monumentos é salvaguardá-los, não somente, como obras de arte, mas também como evidência histórica” (1964, tradução nossa). Em seus artigos 12º e 13º, o documento procura estabelecer diretrizes para as intervenções que visam o completamento das edificações:

Art. 12. Os elementos destinados a substituir as partes faltantes devem integrar-se harmonicamente ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das

partes originais, a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte ou de história.

Art. 13. Os acréscimos só poderão ser tolerados na medida em que respeitarem todas as partes interessantes do edifício, seu esquema tradicional, o equilíbrio de sua composição e suas relações com o meio ambiente. (CARTA DE VENEZA, 1964.)

No caso das ruínas de São Bernardino, uma intervenção visando o completamento total da edificação e a substituição das partes faltantes não seria a melhor solução, pois constata-se facilmente, através de vivência e observação em visitas ao bem, que as ruínas da Fazenda São Bernardino, além de muito importantes para a memória social, são valorizadas, admiradas e exploradas pela população exatamente por sua condição de ruínas. O incêndio que acelerou o processo de arruinamento da Casa Grande do conjunto arquitetônico é um fato ocorrido há mais de 30 anos. Embora este episódio pareça recente e a edificação completa ainda se faça viva na memória de alguns visitantes e habitantes antigos da região, a forma de ruínas como o bem se apresenta na atualidade é a mais impactante esteticamente e como novas gerações que hoje a exploram, a reconhecem. Toda história do patrimônio Fazenda São Bernardino está intrínseca às suas ruínas.

Em atual estado de ruínas, o conjunto arquitetônico da Fazenda São Bernardino é então portador de novos valores, sendo estes o contemplativo, estético, e o histórico, e esses valores devem ser considerados no ato de intervir no patrimônio. Como aponta o Documento de Nara, “a conservação do patrimônio cultural em todas as suas formas e períodos históricos está enraizada nos valores atribuídos ao patrimônio” (1994, tradução nossa).

Apesar dos lamentos pela falta de atitudes de preservação, a população local, como forma de manter a memória e reforçar a importância do patrimônio, organiza esporádicos encontros e eventos de pequeno porte no sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino (Fig. 115 e 116).



Figura 115 - Encontro de carros antigos no sítio das ruínas.

Fonte: [facebook.com/fazendasaobernardino](https://www.facebook.com/fazendasaobernardino), acesso em dez. 2018.



Figura 116 - Roda de capoeira na área exterior à Casa Grande.

Fonte: [facebook.com/fazendasaobernardino](https://www.facebook.com/fazendasaobernardino), acesso em dez. 2018.

Para aqueles que visitam a região, as ruínas costumam ser objeto de curiosidade, sendo exploradas e fotografadas, apesar dos riscos da falta de conservação das alvenarias (Fig. 117 e 118).



Figura 117 - Visitantes fotografando as ruínas da Casa Grande, 2017.

Fonte: A autora, 2017.



Figura 118 - Visitante próximo às ruínas do Engenho, 2017.

Fonte: A autora, 2017.

O conjunto arquitetônico hoje é um dos locais utilizados como meio de divulgação para turismo do município de Nova Iguaçu em transportes coletivos (Fig. 119), locação de ensaios fotográficos e filmagens (Fig. 120), objeto de estudo em visitas guiadas organizadas por professores da rede municipal de ensino (Fig. 121) e, por iniciativas dos moradores, recebe esporadicamente mutirões de limpeza, organizados através de páginas

em redes sociais (Fig. 122). Os mutirões minimizam o aspecto de abandono da região, evidenciando o carinho e cuidado da população com o patrimônio.



Figura 119 - Ônibus da empresa São José transitando por Nova Iguaçu, 2017.
Fonte: A autora, 2017.



Figura 120 - Ensaio de casamento, 2017.
Fonte: Campos fotografia, 2017.



Figura 121 - Alunos de escola municipal em aula externa em São Bernardino.
Fonte: www.youtube.com/watch?v=s84awrbCMKQ, acesso em fev. 2019.



Figura 122 - Mutirão de limpeza do movimento “Quem Ama Cuida”, 2015.
Fonte: Bia Lourenço, 2017.

A Declaração de Québec (2008), é parte de uma série de medidas e ações tomadas pelo ICOMOS “[...] para proteger e promover o espírito dos lugares, isto é, sua essência de vida, social e espiritual”. Essa essência de vida, social e espiritual, e as diversas sensações e interpretações que podem surgir ao adentrar a ruína são questões que podem ser notadas na relação usuário-bem em São Bernardino. Mesmo com o fato de a Casa da Fazenda São Bernardino ter sido tombada pelo IPHAN enquanto edificação completa, as ruínas são a forma como o patrimônio tem se feito presente no cotidiano de grande parte da população há muitos anos e a forma pela qual as gerações mais novas a conhecem e admiram. Segundo a Declaração de Quebec, diversos valores compõem um lugar, que pode ser compartilhado por diferentes grupos, havendo então diferentes maneiras de se

apropriar e compreender o espaço e dessa forma o uso se faz presente hoje em São Bernardino.

As Ruínas da Fazenda São Bernardino serão tratadas como ruínas, consolidadas, sendo inseridos, quando necessário, elementos novos para a consolidação das alvenarias. No sítio haverá também a implantação de uma nova arquitetura de apoio (anexo), para que todo sítio seja devolvido à população de maneira segura e dotado de qualidade de uso.

A concepção do anexo, com base em com conceitos de Beatriz Kühl (2008), busca respeitar a identidade das edificações em ruínas presentes no sítio e integrar-se ao meio em que se insere de maneira harmônica, havendo a diferenciação em consonância, onde a nova edificação se destoa através da materialidade e técnicas construtivas, mas dialoga com o conjunto, sem que haja exagero. Pretende-se assim, através da criação de um anexo composto por materiais contemporâneos, de forma simples e linhas retas, que uma nova escrita seja criada no sítio das ruínas, mantendo o diálogo com a anterior.

3.3 Referências Projetuais

A fim de embasar as atitudes de intervenção no patrimônio, juntamente com o referencial teórico adquirido, foram selecionados exemplos de intervenção em ruínas que - ainda que distintas em alguns aspectos das ruínas de São Bernardino - dispõem de decisões projetuais semelhantes ao posicionamento a ser adotado na proposta de intervenção no patrimônio em ruínas da Fazenda.

Intervenções em ruínas como as ocorridas no Castelo Sandsfoot, na Inglaterra, nas Termas de Caracalla, em Roma, no Castelo Garcia D`Ávila, no Brasil e na Abadia de San Galgano, Itália, promovem sua consolidação, contemplação e manutenção do caráter de espaço aberto, possivelmente tirando partido também de áreas onde podem haver vestígios arqueológicos.

Castelo Sandsfoot, Inglaterra¹⁰

Datando do séc. XVI, o Castelo Sandsfoot, localizado na Inglaterra, em Weymouth, foi construído por Henrique VIII entre 1539 e 1541, servindo como proteção contra ameaças estrangeiras provenientes das águas. O castelo se encontrava em estado de ruína e fechado para visitação, até receber um projeto de intervenção que permitiu a reabertura ao público no ano de 2012. Financiado pelo Conselho de Weymouth & Portland, o escritório de arquitetura Levitate entrevistou nas ruínas, tratando e conservando as pedras de arenito que compõem suas alvenarias e inserindo passarelas que permitiram a visitação por toda edificação, abrindo o castelo novamente ao público (Fig. 123 e 124).



*Figura 123 - Ruínas Castelo Sandsfoot, 2014.
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>. Acesso em abr. 2018.*



*Figura 124 - Passarelas nas ruínas de Sandsfoot, 2014.
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>. Acesso em abr. 2018.*

A conservação das rochas se deu através de pequenos reforços e aplicação de argamassa de cal. A passarela é composta de aço galvanizado e madeira, projetada para tocar o mínimo possível nas ruínas, gerando aspecto de leveza e respeitando a preexistência (Fig. 125). Próximo às ruínas foram projetados jardins, áreas de estar e um café, inaugurado algum tempo após a abertura das ruínas ao público, incentivando a permanência de visitantes no local (Fig. 126).

¹⁰ Informações extraídas de https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate?ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em abr. 2018.



*Figura 125 - Passarelas em metal e madeira permitem a visita, 2015.
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>. Acesso em abr. 2018.*



*Figura 126 - Jardins em Sandsfoot, 2015.
Fonte: www.love-weymouth.co.uk/things_to_do/weymouth/. Acesso em fev. 2019.*

Termas de Caracalla, Roma¹¹

Localizada em Roma, Itália, as Termas de Caracalla foram construídas entre 212 e 217 pelo imperador romano Caracalla. Além de instalações diretamente relacionadas aos banhos, este complexo oferecia diversas atividades como natação, massagens e exercícios, o que explica sua dimensão; abrangia uma área de mais de 11 hectares.

Hoje em ruínas, recebeu projeto de restauração que foi executado sob gestão da superintendência especial do Coliseu e da área arqueológica central de Roma, sendo financiado por instituições privadas, reabrindo ao público em 2001. Dentre os aspectos interessantes observados na intervenção destacam-se os percursos pelas ruínas com uso de passarelas, com desníveis vencidos através de rampas que contrastam com os materiais originais da edificação histórica, totalmente acessíveis (Fig. 127).

¹¹ Informações extraídas de Garbagna, Cristina, ed. (2016). The Baths of Caracalla guide. Mondadori Electa. ISBN 978-88-370-6302-3.



Figura 127 - Ruínas das Termas de Caracalla após intervenção, 2017.

Fonte: <https://www.360meridianos.com/dica/as-termas-de-caracalla-em-roma>. Acesso jun. 2018.

Esses percursos permitem ao visitante, através de visitas guiadas ou apenas com o auxílio de placas informativas, compreender o espaço edificado que precedeu a ruína. Caminhos determinados pelos quais os turistas podem percorrer pelo espaço protegem áreas de arqueologia, com peças expostas, formando um grande museu a céu aberto. Durante o verão, atividades de teatro e demais apresentações e eventos acontecem no sítio das ruínas de Caracalla (Fig. 128).

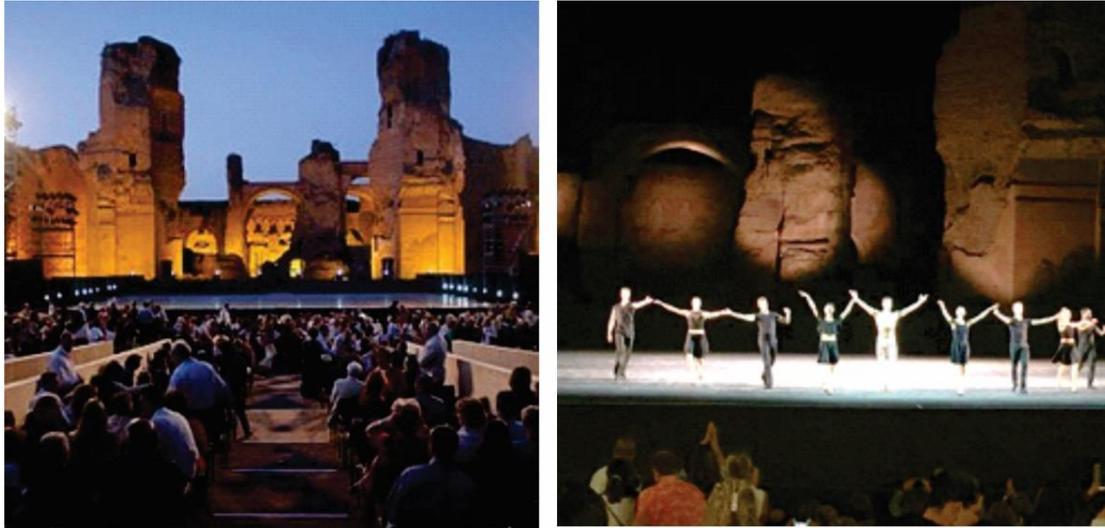


Figura 128 - Apresentações e eventos nas ruínas de Caracalla, 2016.

Fonte: <https://ilpadiglioneoro.wordpress.com/2016/08/02/il-gala-roberto-bolle-and-friends-torna-alle-terme-di-caracalla-e-la-magia-si-ripete/>. Acesso em jun. 2018.

Castelo Garcia D'Ávila, Mata de São João, BA, Brasil¹²

Localizado na Bahia, Brasil, a construção teve início em 1551, por Garcia D'Ávila. A Casa da Torre se destacou na história da colonização e defesa do Brasil durante mais de três séculos e, em estado de abandono, chegou ao estado de ruína. A edificação foi tombada pelo IPHAN no ano de 1938, já em ruína (Fig. 129).

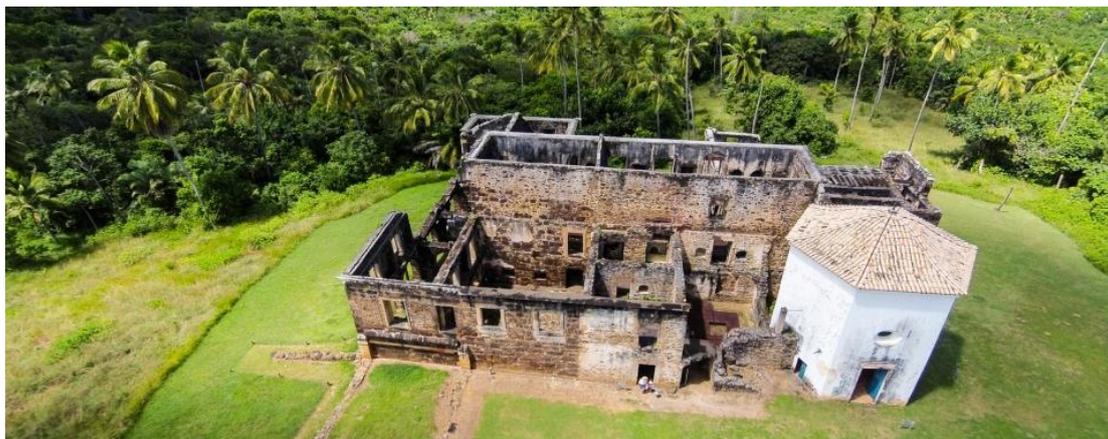


Figura 129 - Visão geral das ruínas do Castelo Garcia D'Ávila.

Fonte: <http://maisregiao.com.br/noticias/23953/www.matadesaojoao.ba.gov.br>. Acesso em jul. 2019.

¹² Informações extraídas de <http://maisregiao.com.br/noticias/23953/www.matadesaojoao.ba.gov.br>, acesso em jul. 2019.

No projeto de intervenção nas ruínas, de autoria de Ubirajara Avelino de Mello, realizado entre 1999 e 2002, destacam-se os percursos em passarelas metálicas suspensas afastadas das alvenarias das ruínas. É interessante observar a escolha do material utilizado nas passarelas, o metal, que se distingue da edificação original e ao mesmo tempo interage de maneira harmoniosa com as ruínas (Fig. 130 e 131).



Figura 130 - Passarelas metálicas suspensas nas ruínas.

Fonte:

<http://maisregiao.com.br/noticias/23953/www.mataesaojoao.ba.gov.br>. Acesso em jul. 2019.

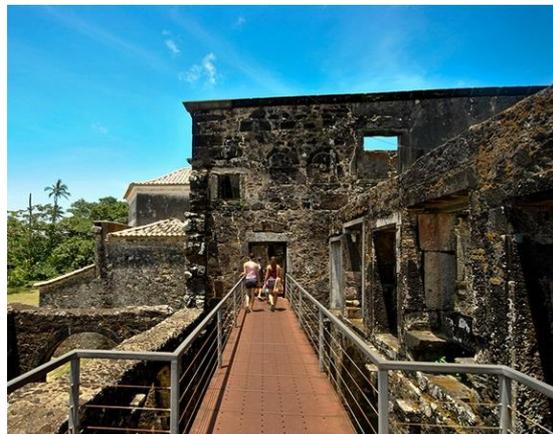


Figura 131 - Outra vista das passarelas metálicas suspensas nas ruínas.

Fonte:

<http://maisregiao.com.br/noticias/23953/www.mataesaojoao.ba.gov.br>. Acesso em jul. 2019.

Abadia de San Galgano, Itália¹³

Trata-se da primeira igreja gótica construída na Toscana, entre 1218 e 1288, localizada em região que faz parte da comuna de Chiusdino, província de Siena (Fig. 132). O sítio tendeu às ruínas a partir de 1700, quando ocorreram desabamentos das coberturas.

¹³ Informações extraídas do site de roteiros históricos <https://desalinha.com.br/conheca-abadia-de-san-galgano/>. Acesso em jul. 2019.



Figura 132 - Vista aérea das Ruínas de San Galgano.

Fonte: <https://cenciturismo.com.br/toscana-religiosa-san-galgano-e-santantimo/>. Acesso em jul. 2019.

No ano de 1926 foi realizada uma intervenção a fim de consolidar a estrutura. Hoje, permanecem apenas as alvenarias consolidadas, sem coberturas. Um aspecto interessante da intervenção é a solução adotada com a finalidade de proteger o topo das alvenarias das ruínas e preservar a edificação, aplicando telhas que ocupam a largura das alvenarias em toda extensão da edificação (Fig. 133 e 134).



Figura 133 - Proteção do topo das alvenarias com telhas com leve inclinação.

Fonte:

<https://www.facebook.com/watch/?v=10155956682679593>. Acesso jul. de 2019.



Figura 134 - Outro ângulo em que se observa o topo das alvenarias com telhas.

Fonte:

<https://www.facebook.com/watch/?v=10155956682679593>. Acesso jul. de 2019.

Igreja de Cristo Grayfriars, Londres, Inglaterra¹⁴

Situada em Londres, Inglaterra, originalmente era uma Igreja de ordem Franciscana, datada de 1225. A intervenção nas ruínas da igreja data de 1989 (de autor não encontrado durante as pesquisas) e preserva a torre da igreja, que hoje assume uso residencial. Um jardim de rosas reflete a planta baixa da igreja original, marcando a posição dos bancos originais e pilares representados por estruturas de madeira, criando uma praça pública em meio à densa urbanização de Londres. Este é um exemplo de intervenção em ruínas que trabalha diretamente a questão da memória, recriando, através de projeto paisagístico, uma parte arruinada da edificação original (Fig. 135).



Figura 135 - Igreja de Cristo Greyfriars, 2012. Recriação de toda planta da parte arruinada da Igreja a partir de jardins.

Fonte: <http://www.geograph.org.uk/photo/2988882>. Acesso em jun. 2018.

¹⁴ Informações extraídas do site <https://www.cityoflondon.gov.uk/things-to-do/green-spaces/city-gardens/visitor-information/Pages/christchurch-greyfriars-church-garden.aspx>. Acesso em jun. 2018.

3.4 Projeto de Intervenção nas Ruínas e Construção de Edificação de Apoio (Anexo)

O projeto de intervenção propõe atuar com o mínimo impacto no sítio patrimonial, visando a manutenção de sua característica atual de ruína. A paisagem natural, rural, que circunda as ruínas da Fazenda São Bernardino - da qual a aleia de palmeiras imperiais faz parte - tem forte relação com o patrimônio. Reforçada por sua implantação no nível mais alto do terreno, aproximadamente 6m em relação ao nível da Estrada Federal de Tinguá, as ruínas da Casa Grande do conjunto arquitetônico assumem caráter de obra de arte, tão expressiva ou mais que aquele que possuía enquanto edificação íntegra.

A proposta tem como principal objetivo preservar as ruínas da Fazenda São Bernardino, consolidando os remanescentes de arquitetura, mantendo o caráter de ruína das edificações, e incorporando novos elementos que deem suporte ao uso e apropriação de todo sítio, sendo um deles o anexo de 2 pavimentos, implantado em área de desnível do sítio patrimonial, na parte posterior à Casa Grande.

Conforme citado anteriormente, as ruínas da Fazenda São Bernardino apresentam uso predominantemente contemplativo. Fora dos limites do anexo proposto situa-se a área destinada à estacionamento. Poderão ser abrigados no sítio eventos de pequeno porte e atividades diversas, como a utilização dos espaços livres, tanto interiores quanto exteriores às ruínas para ensaios fotográficos, filmagens, aulas e visitas guiadas (Fig. 136 e Quadro 2).



Figura 136 - Usos no sítio das Ruínas de São Bernardino.
 Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.

Quadro 2 - Descrição de usos no sítio patrimonial.

Anexo Proposto	Edificação de acesso ao sítio das ruínas, com áreas de apoio à visitação e administrativa.	286,50m ² (projeção)
Estacionamento Proposto	Parada de veículos de visitantes / funcionários.	1.140,0m ²
Área de uso contemplativo / educativo	Limites da Senzala, arruinada, com potencial arqueológico, que receberá projeto paisagístico.	721,40m ²
Área de uso contemplativo / educativo / eventos	Áreas livres interiores às ruínas da Casa Grande e Engenho e áreas livres exteriores, que poderão comportar atividades variadas e eventos de pequeno porte.	9.665,0m ²
Área com manutenção do caráter original	Área livre posterior ao Engenho e Senzala. Apresentando baixo atrativo a visitação e provável potencial arqueológico, será mantido o caráter original do terreno, com vegetação.	4.200,0m ²

Fonte: A autora, 2019.

3.4.1 Diretrizes de Conservação e Restauro das Ruínas

Analisado o estado de conservação das edificações e identificados os danos e suas possíveis causas, conforme consta no capítulo 2 deste trabalho, são indicadas técnicas de restauração e conservação a serem aplicadas nas ruínas da Fazenda São Bernardino.

Fundação

Deverá ser contratado um engenheiro para a verificação do estado de conservação dos materiais da fundação e, caso necessário, executar reforço.

Ações de Consolidação das Alvenarias Autoportantes

Deve ser realizada a limpeza dos panos de alvenaria e cantarias, nos trechos expostos e nos revestidos de argamassas. Antes que se inicie as operações de limpeza, deve ser procedido em todas as alvenarias e cantarias revestidas de argamassas (incluindo os ornatos em argamassa na Casa Grande) um mapeamento para identificação das áreas que apresentam descolamento do substrato, com utilização de percussão a ser efetuada com aparelho de ultrassom e martelo de borracha. Caso estas placas de argamassas de revestimento das fachadas que foram identificadas como ocas no teste de percussão se encontrem íntegras, deverão ser consolidadas nas alvenarias através de injeções de consolidantes.

A limpeza das cantarias englobará a remoção de crostas negras, e das pichações, com uso de solventes, sendo recomendados testes para avaliar o melhor produto a ser utilizado por mão de obra especializada.

A vegetação presente nos topos das paredes do conjunto das ruínas deverá ser retirada após a aplicação de biocida, com o propósito de matar as raízes e sementes entranhadas na alvenaria. Há materiais no solo como pedras e tijolos, remanescentes de desabamentos e demolições (vandalismo), que podem ser selecionados e utilizados para complementos necessários ao reforço das partes danificadas. Os trechos de alvenarias que apresentam rachaduras devem ser recuperados através de injeção de argamassa. As fissuras de superfície presentes em algumas fachadas do conjunto, devem ser colmatadas, assim como as rachaduras, afim de evitar o avanço da deterioração.

Há grande quantidade de pichações presentes nas fachadas. Onde estas atingirem os tijolos, deverão ser minimizadas através de aplicação de solventes e limpeza. Quando

as pichações atingirem os revestimentos em argamassa e estes se apresentarem firmes, deverão ser pintados. Os trechos de argamassa muito degradados e com pichação deverão ser removidos.

Todas as alvenarias devem receber aplicação de hidrofugante, que visa impedir a absorção de água pela alvenaria e minimizar os processos de degradação causados pelo acúmulo de água (umidade) e poluição atmosférica, responsáveis pelo surgimento de colonização biológica e infiltrações.

Intervenções de consolidação da estrutura das ruínas da Fazenda São Bernardino devem ser coerentes estática e esteticamente e conservar a aparência e a lógica da estrutura original. Busca-se aplicar na alvenaria existente novas estruturas auxiliares que sejam eficientes na estabilização das ruínas e de baixo impacto visual. Como citado no 10º artigo da Carta de Veneza de 1964,

Onde as técnicas tradicionais se revelam inadequadas, a consolidação de um monumento pode ser alcançada pelo uso de qualquer técnica moderna de conservação e construção, a eficácia dos quais deve ser demonstrada por dados científicos e provada por experiência. (CARTA DE VENEZA, 1964.)

É proposta na intervenção de consolidação da estrutura a limpeza geral e remoção de toda vegetação que estiver presente nas alvenarias e cantarias do conjunto arquitetônico com uso de biocida. Elementos de alvenaria e cantaria no conjunto que estiverem íntegros e se apresentarem soltos devido à perda de aderência devem ser reassentados. Em trechos de estrutura que apresentar trincas e fissuras, deverá ser realizado o embrechamento com argamassa de cal e areia.

As alvenarias da Casa Grande e Engenhos devem ser estabilizadas com o uso de vigas e pilares em aço corten que, fixadas, permitam a reversibilidade¹⁵ destes novos elementos inseridos (Fig. 137). Em todo trecho de alvenaria remanescente referente à Senzala (Fig. 138) e outros pequenos trechos da Casa Grande e Engenho que não apresentam ligação à outras alvenarias, já arruinadas, a estabilização deverá ser realizada através de cabos de aço ligados à chapa de aço corten fixada na alvenaria. Os cabos estarão ligados a sapatas de concreto.

¹⁵ A “reversibilidade” é considerada um dos princípios básicos da restauração, juntamente com a mínima intervenção e distinguibilidade dos elementos contemporâneos inseridos na intervenção. Termo recorrente nas propostas de Cesare Brandi (1906 - 1988), passou a ser enunciada em meados do século XX.



*Figura 137 - Ruínas com reforços estruturais em aço corten.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*



*Figura 138 - Alvenaria da Senzala: contraventamento em cabos de aço.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

No topo das alvenarias, em todo conjunto, deverão ser aplicadas telhas com leve inclinação a fim de conter a ação das águas pluviais e manter sua integridade. As telhas

dos beirais que ainda se apresentam íntegras no conjunto deverão ser removidas, limpas e reutilizadas como capa, sendo colocadas telhas novas na função de bicas (Fig. 139).



*Figura 139 - Proteção no topo das alvenarias com telha capa e bica.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

Piso

O atual piso em terra batida e vegetação do interior dos limites das edificações reforça o caráter de ruína no conjunto, o que deverá ser mantido. A vegetação deverá ser controlada e constantemente aparada. De acordo com futuro projeto, serão propostos caminhos e passarelas elevadas (nos trechos que apresentarem rebaixado e porões) em aço corten perfurado, a serem dispostos no interior das ruínas da Casa Grande e Engenho, sobre o piso existente (Fig. 140).



*Figura 140 - Percursos para visitação no interior das ruínas.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

No trecho do sítio onde se encontram os remanescentes da antiga Sensala é proposto o redesenho de sua planta original através da pavimentação com peças de piso intertravado cerâmico onde originalmente eram localizadas as paredes e gramado onde se localizavam os antigos cômodos. A proposta da área respectiva   Sensala   que seja uma área contemplativa no conjunto, cuja mínima intervenção permita futuras prospecções arqueológicas no local (Fig. 141).



*Figura 141 - Intervenção proposta nos limites da Sensala.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

Escadarias

A escadaria junto ao muro, em cantaria, de acesso ao nível superior do conjunto arquitetônico, as escadarias laterais da Casa Grande e as do Engenho, deverão ser limpas com o uso de água, detergente neutro e o auxílio de escovas de nylon de cerdas macias. Onde houver trechos mais degradados, a limpeza deve se dar com água corrente sem nenhum tipo de pressão e com a ajuda de emplastros com algodão e detergente neutro. As vegetações devem ser removidas após a aplicação de biocidas para matar as raízes. A escadaria dupla frontal de acesso à Casa Grande deve ser limpa e as pedras soltas da cantaria deverão ser removidas.

Esquadrias

Todas as madeiras presentes nas esquadrias das edificações da Casa Grande e Engenho deverão ser tratadas e imunizadas contra xilófagos. Não é possível saber se existem cupins em atividade. Se forem detectados focos ativos, com insetos ou larvas, é recomendável que seja pincelado produto inseticida. Caso haja peças de madeira das esquadrias soltas das alvenarias, estas devem ser novamente solidificadas.

Os enquadramentos em pedras das esquadrias, presentes na faixa central da fachada frontal da Casa Grande, deverão ser limpas com o uso de água, detergente neutro e o auxílio de escovas de nylon de cerdas macias.

Terreno

A atual característica do terreno é de solo em terra batida e vegetação. Uma árvore de pequeno porte que se desenvolveu de forma espontânea e está localizada no centro do nível inferior do terreno prejudica a visão das ruínas do Engenho a partir da Estrada Federal de Tinguá e deverá ser removida. Em todo sítio, onde através de análises forem identificadas estruturas arqueológicas de interesse, estas permanecerão expostas. Para tal será necessário um projeto arqueológico com profissionais especializados. O solo do terreno, nas áreas livres exteriores aos limites das ruínas, deverá ter a vegetação controlada e ser preparado para receber pavimentação com pisos intertravados cerâmicos largos nas extremidades, conforme projeto paisagístico proposto, permitindo a circulação

de visitantes portadores de necessidades especiais de maneira segura. Ao centro destas áreas livres, haverá a pavimentação com pisograma, que deverá ser constantemente aparado para manter o gramado baixo, garantindo a permeabilidade do solo e a manutenção do seu aspecto natural (Fig. 142).



*Figura 142 - Variações na pavimentação proposta em projeto paisagístico do sítio.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

Os limites do sítio das ruínas devem ser protegidos por grades e paisagismo, visando além da proteção física do conjunto arquitetônico, maior eficiência no controle de acesso ao bem, mantendo a sensação de amplitude e permeabilidade (Fig.143).



*Figura 143 - Cercamento dos limites do sítio patrimonial.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

No trecho correspondente à aleia de palmeiras imperiais, é proposta a preservação, recomendando-se o replantio das palmeiras imperiais faltantes e a poda ou remoção das árvores que se encontram bloqueando a perspectiva do caminho histórico.

Nas páginas a seguir, o projeto de intervenção nas ruínas da Fazenda São Bernardino é ilustrado através de plantas e cortes esquemáticos, com trechos em destaque e indicação de materiais aplicados.

PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL



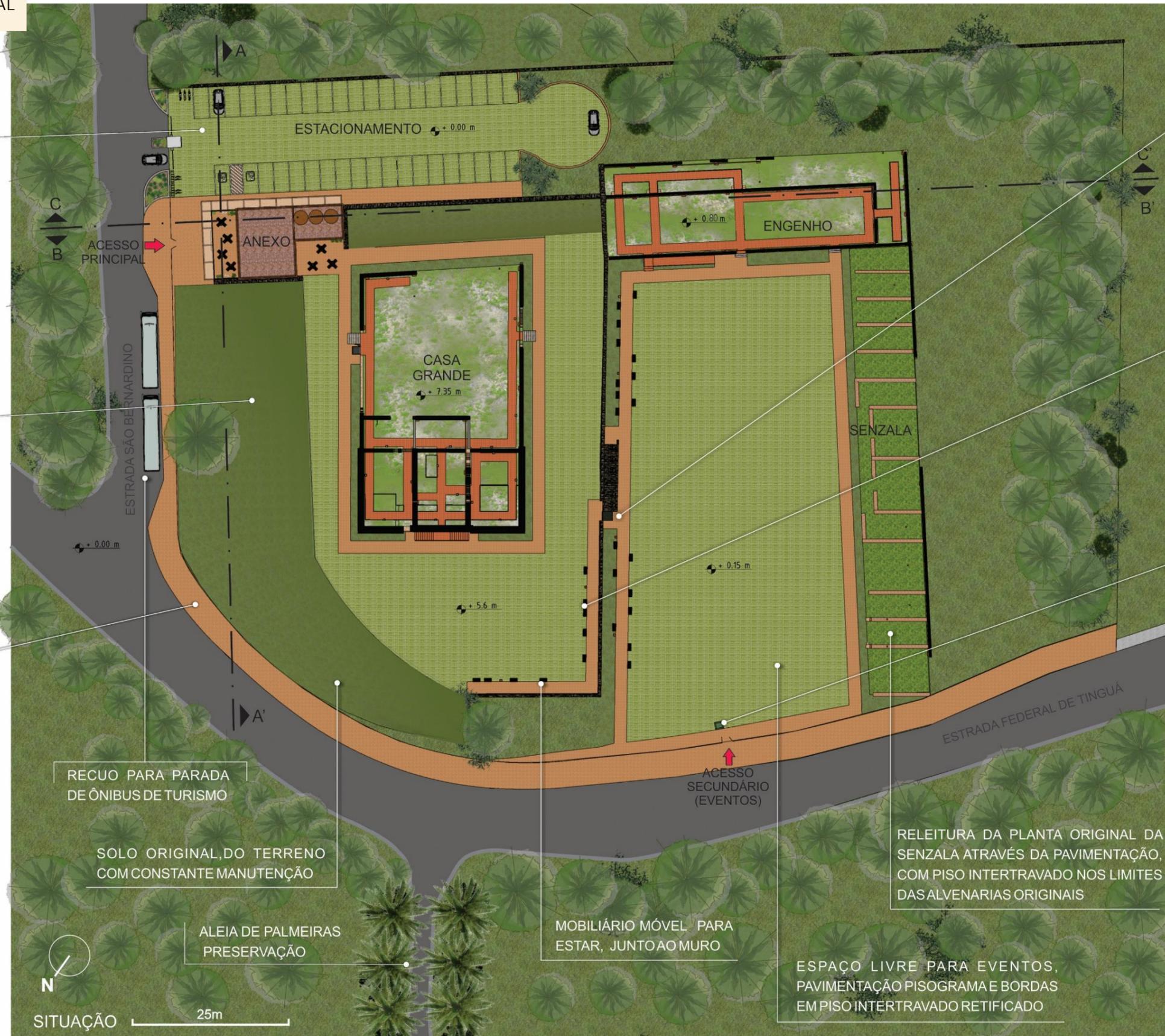
Pisograma



Cobertura natural do solo



Piso tijoleira intertravado retificado



ACESSO PRINCIPAL

ACESSO SECUNDÁRIO (EVENTOS)

RECUO PARA PARADA DE ÔNIBUS DE TURISMO

SOLO ORIGINAL DO TERRENO COM CONSTANTE MANUTENÇÃO

ALEIA DE PALMEIRAS PRESERVAÇÃO

MOBILIÁRIO MÓVEL PARA ESTAR, JUNTO AO MURO

ESPAÇO LIVRE PARA EVENTOS, PAVIMENTAÇÃO PISOGRAMA E BORDAS EM PISO INTERTRAVADO RETIFICADO

RELEITURA DA PLANTA ORIGINAL DA SENZALA ATRAVÉS DA PAVIMENTAÇÃO, COM PISO INTERTRAVADO NOS LIMITES DAS ALVENARIAS ORIGINAIS

SITUAÇÃO 25m



Referência: elevador para portadores de necessidades especiais



Referência: mobiliário móvel bancos e lixeiras



Referência: guarita móvel em fibra de vidro para controle em dias de eventos

PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL



CORTE AA' 10m

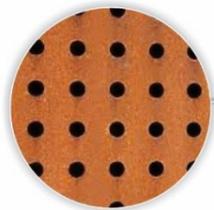


CORTE BB' 10m



CORTE CC' 10m

PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL
CASA GRANDE



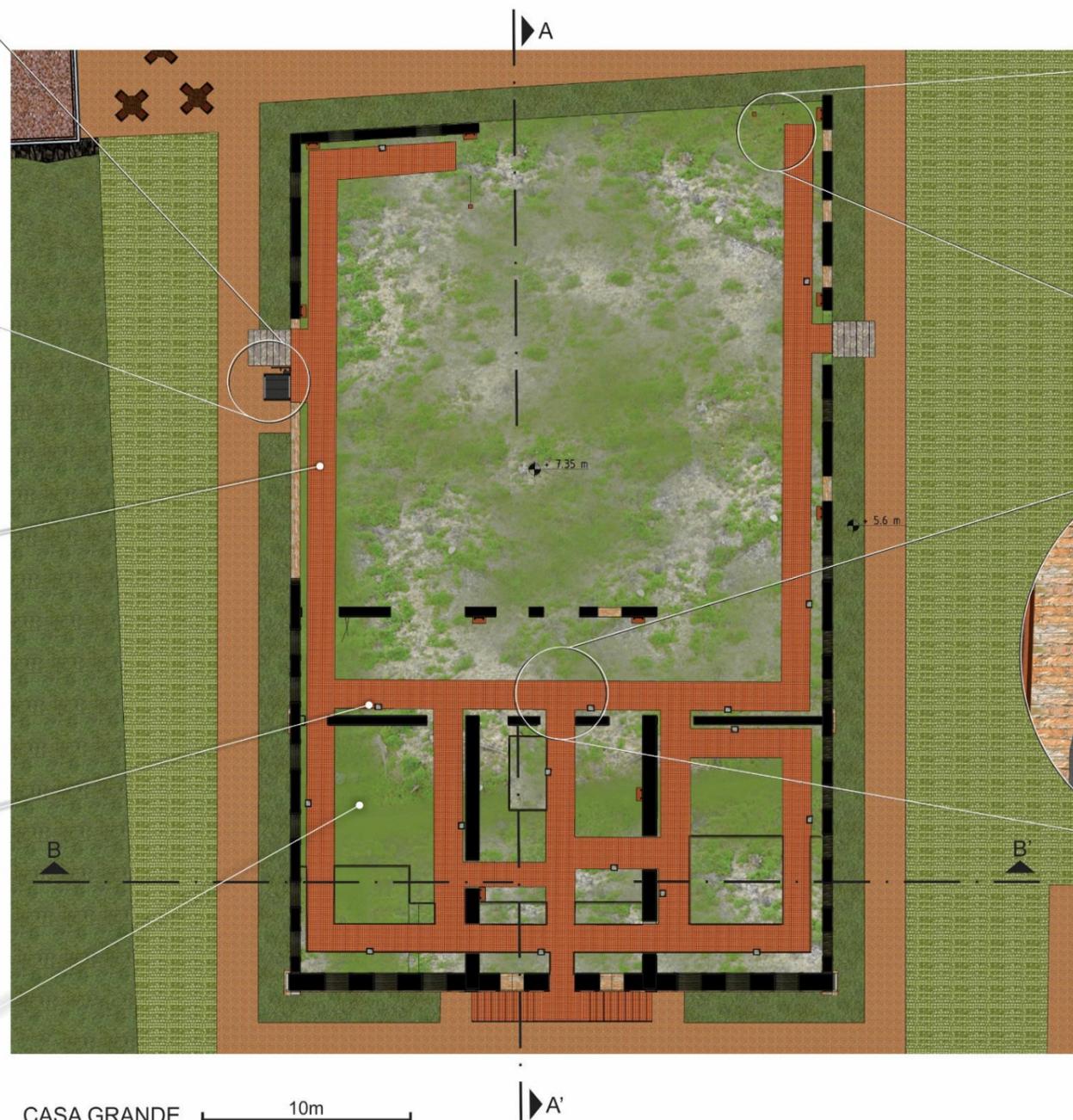
Placas de aço corten
perfuradas nas passarelas



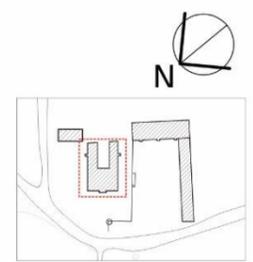
Tótems informativos ao
longo do percurso pelas
ruínas sobre as passarelas



Cobertura natural
do solo



CASA GRANDE 10m



PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL
CASA GRANDE



CORTE AA' 5m



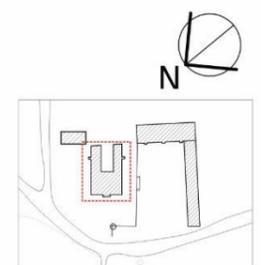
Reforços estruturais em perfil U de aço corten



Estrutura: aço corten perfis I e H e laje pré-fabricada



CORTE BB' 5m



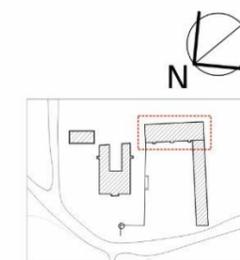
PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL
ENGENHO



ENGENHO 5m



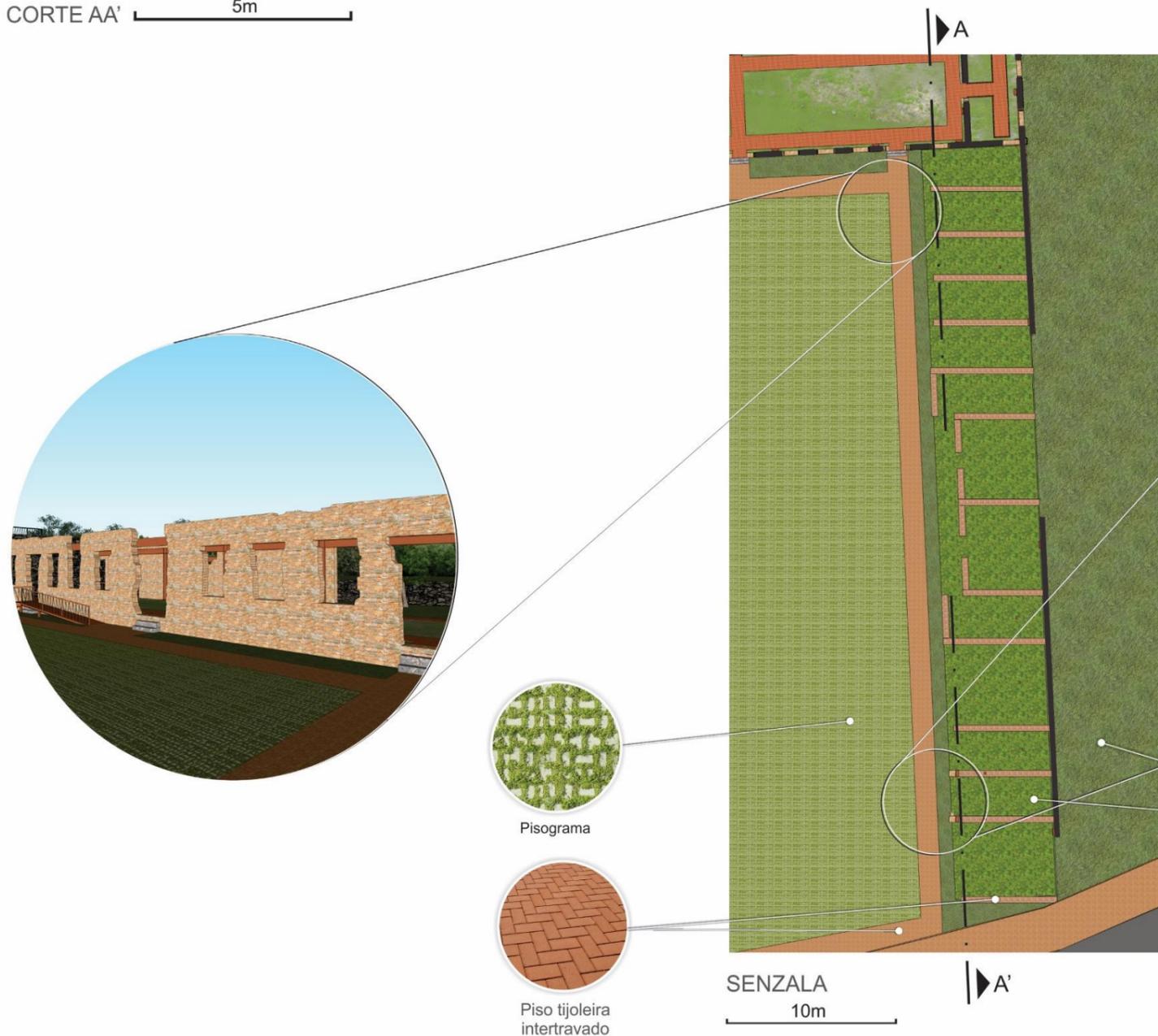
CORTE AA' 5m



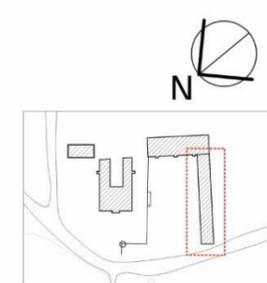
PROPOSTA: RUÍNAS
E SÍTIO PATRIMONIAL
SENZALA



CORTE AA' 5m



Cobertura natural do solo



3.4.2 Anexo: Nova Edificação

Visando dar suporte à visitação e futuras atividades que poderão ocorrer no sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino, é proposta a criação de um anexo de 2 pavimentos, de aproximadamente 435m² de área total edificada, a ser executado em estrutura metálica juntamente à aplicação de materiais contemporâneos, que se diferem das ruínas, como vidro, placas cimentícias, policarbonato e elementos vazados. O anexo foi localizado em trecho do terreno pouco explorado anteriormente. Há pouco impacto visual do anexo com relação às ruínas pelo fato de estar implantado em desnível natural do terreno, na parte posterior à Casa Grande (Fig. 144 e 145).



*Figura 144 - Perspectiva do sítio com edificação anexo.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*



*Figura 145 - Vista lateral das ruínas: implantação do anexo no sítio.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

O acesso ao anexo e a todo conjunto das ruínas se dá pela recepção localizada no pavimento térreo da nova edificação, onde os visitantes serão recebidos e encaminhados à sala de exposições sobre história da Fazenda São Bernardino, a intervenção realizada e todo seu contexto. Ao fim do percurso proposto na sala de exposições, o visitante acessa

o segundo pavimento do anexo através de escada ou elevador para PNE¹⁶, atingindo o mesmo nível das ruínas da Casa Grande. O primeiro pavimento do anexo conta ainda com uma sala destinada à administração, sala de segurança e área restrita a funcionários que dispõe de vestiários feminino e masculino, depósito de acervo de exposições e equipamentos que possam ser utilizados em eventos e aulas de educação patrimonial (que podem ocorrer qualquer local do sítio), depósito de materiais de limpeza e depósito temporário de lixo (Fig. 146 e Quadro 3).



Figura 146 - Setorização no pavimento térreo do anexo.
 Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.

Quadro 3 - Quadro de usos e área do pavimento térreo do anexo.

Recepção	Ambiente para receber visitantes e turistas, com balcão de informações e pequeno estar para espera.	35,0m ²
----------	---	--------------------

¹⁶ PNE – Portador de Necessidades Especiais

Sala de Segurança	Local onde se concentram os equipamentos de controle e monitoramento do sítio patrimonial.	8,0m ²
Administração	Ambiente onde se localizam os responsáveis pela administração de todo sítio patrimonial.	9,30m ²
Sala de Exposições	Local destinado à exposição permanente a respeito da história do patrimônio cultural Fazenda São Bernardino e possíveis exposições temporárias, através do qual se dá o acesso ao pavimento superior do anexo.	65, 0m ²
Vestiário Masculino	Destinado a funcionários, conta com armários, banco de apoio, cabines com ducha, sanitário e pia. Acessado internamente ou externamente ao anexo.	14,30m ²
Vestiário Feminino	Destinado a funcionários, conta com armários, banco de apoio, cabines com ducha, sanitário e pia. Acessado internamente ou externamente ao anexo.	14,70m ²
DML	Depósito de materiais de limpeza com armários e tanque.	6,65m ²
DTL	Depósito temporário de lixo, para armazenamento até a coleta.	6,40m ²
Depósito de Exposições	Depósito para guarda de objetos referentes à sala de exposições. Conta com uma cisterna subterrânea e bombas.	27,12m ²
Área de Circulação	Circulação vertical (elevadores e escadas) ao lado da sala de exposições e corredor de circulação da parte de serviço.	29,70m ²

Fonte: A autora, 2019.

Chegando ao segundo pavimento do anexo, o visitante encontra um espaço destinado a café, com capacidade para 50 pessoas, com área coberta e trecho a céu aberto, com vista para as ruínas da Casa Grande e paisagem do entorno. Localizam-se também neste espaço um depósito de apoio e sanitários, masculino, feminino e PNE (Fig. 147 e Quadro 4).

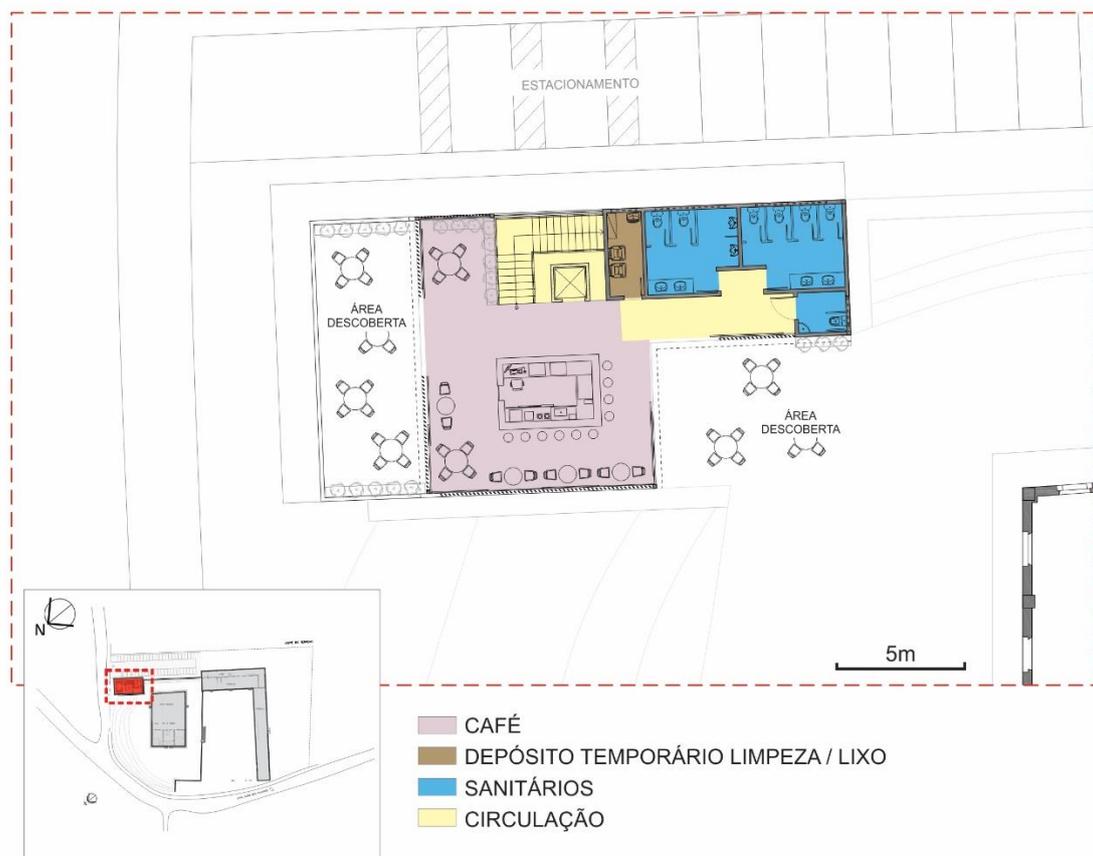


Figura 147 - Setorização no 2º pavimento do anexo.
 Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.

Quadro 4 - Quadro de usos e área do 2º pavimento do anexo.

Café	Destinado a alimentação, com capacidade para comportar 50 pessoas na parte coberta e descoberta, ocupando a varanda a céu aberto do anexo.	65m ²
Depósito	Depósito de apoio para guarda de materiais de limpeza com armário e tanque e para armazenamento de lixo produzido no café, até que seja transportado ao DTL no térreo.	4,50m ²
Sanitário Masculino	Voltado para o público de visitantes, conta com duas cabines com sanitários, mictórios e pias.	11,20m ²

Sanitário Feminino	Voltado para o público de visitantes, conta com quatro cabines com sanitários e pias.	12,35m ²
Sanitário PNE	Adaptado, voltado para portadores de necessidades especiais.	3,0m ²
Área de Circulação	Circulação vertical (escadas e elevador) e trecho de acesso ao depósito e sanitários.	28,30m ²

Fonte: A autora, 2019.

O acesso ao sítio das ruínas da Fazenda São Bernardino se dá agora pelo anexo, passando a concentrar a movimentação de visitantes e chegada de veículos na denominada Estrada São Bernardino, rua perpendicular à principal, Estrada Federal de Tinguá. Haverá também um portão de acesso secundário, em meio às grades que limitam o sítio das ruínas, no trecho situado em frente ao pátio onde se localizam Senzala e Engenho. Este poderá ser aberto para acesso de visitantes em dias de eventos no sítio das ruínas, onde poderá ocorrer um maior volume de público.

Para a implantação do anexo sem que houvesse impacto visual prejudicial às ruínas no sítio patrimonial, foi necessária a movimentação de terras do plano inclinado posterior a Casa Grande, onde também houve a implantação de um estacionamento com capacidade para 40 veículos. Foi criado também à beira da Estrada São Bernardino, próximo à entrada pelo anexo, um recuo com capacidade para a parada de 2 ônibus de turismo (Fig. 148).



*Figura 148 - Vista do anexo e parada de ônibus de turismo.
Fonte: Figura produzida pela autora, 2019.*

Na sequência, o projeto da edificação Anexo é ilustrado através de perspectivas à nível do usuário e indicação de materiais aplicados.



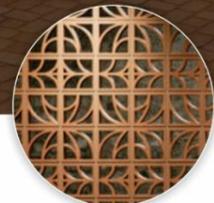
Estrutura: aço corten perfis I e H e laje pré-fabricada



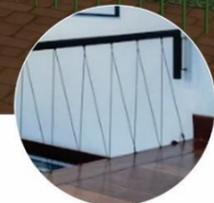
Piso tijoleira intertravado retificado



Revestimento externo em madeira ripada



Fechamentos em tijolos cerâmicos vazados



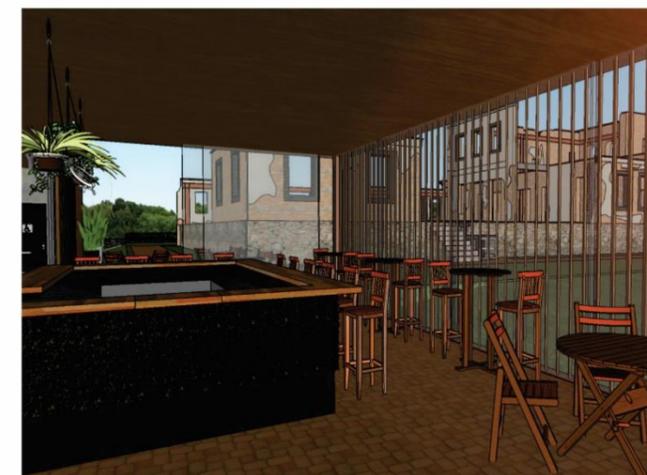
Guarda-corpos com cabos de aço e escadas metálicas na cor preta



Revestimentos internos em cimento queimado



Laje de cobertura com isolamento térmico e acabamento com argila expandida



No projeto de intervenção nas ruínas da Fazenda São Bernardino, parâmetros de acessibilidade para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida foram respeitados, segundo a Lei nº 10.098, de dezembro de 2000 e NBR 9050, tornando o sítio acessível. Os desníveis foram vencidos através da implantação de elevadores PNE no interior do anexo e junto ao muro que leva do nível do Engenho e Senzala ao nível da Casa Grande, instalação de plataforma elevatória na fachada lateral da Casa Grande e rampa com inclinação de 8% para acesso ao engenho. Há também a proposta de implantação de corrimão (barra) na escadaria de pedra original no sítio que leva ao nível da Casa Grande.

Todos os desenhos técnicos referentes ao projeto de intervenção nas ruínas da Fazenda São Bernardino se encontram no Apêndice 4.

Ilustrações de todo projeto de intervenção nas ruínas da Fazenda São Bernardino e possíveis usos dos espaços, através de perspectivas à nível do usuário, são apresentadas na sequência.



Exterior ao sítio: Estrada Federal de Tinguá



Exterior ao sítio: Estrada Federal de Tinguá com Estrada São Bernardino



Exterior ao sítio: Acesso ao anexo

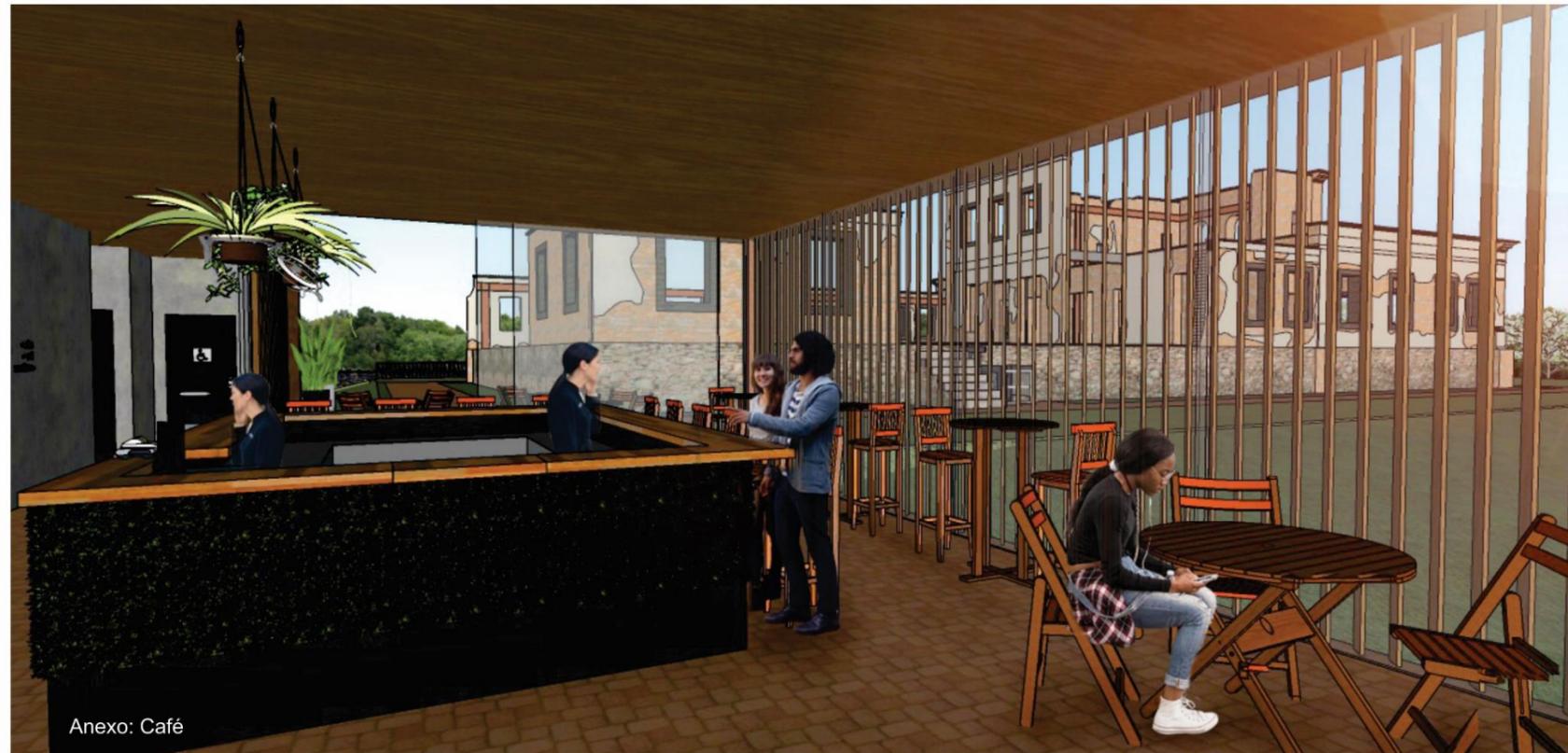


Exterior ao sítio: Anexo e acesso ao estacionamento





Anexo: Sala de exposições



Anexo: Café



Acesso ao nível Casa Grande pelo anexo



Nível Casa Grande



Interior das ruínas da Casa Grande



Nível inferior: Área livre, Engenho e Senzala

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas o curioso é que, enquanto nossa suprema sabedoria consiste em compreender e reproduzir minuciosamente todo o passado da arte, e essa recente virtude nos torna maravilhosamente adaptados para completar as obras de todos os séculos passados, as quais nos chegaram mutiladas, alteradas ou arruinadas, a única coisa sábia que, salvo raros casos, nos resta fazer é esta: deixa-las em paz, ou, quando oportuno, libertá-las das mais ou menos velhas ou mais ou menos más restaurações. (BOITO, 2002, p.37)

A obra de arquitetura, de maneira geral, está sujeita a sofrer com as ações da transformação da paisagem que a cerca e atitudes do homem, como atos de vandalismo ou ações que possam causar danos ao meio ambiente com reflexos futuros. Esses fatores, junto à negligência por parte de autoridades responsáveis, podem, ao longo do tempo, gerar danos físicos inalteráveis nas arquiteturas e despertar no cidadão sentimentos como a angústia ao observar a decadência de uma obra que, enquanto preservada, remeteria a alegria de boas memórias.

É instintivo ao homem a necessidade de manter vivo e formar vínculos com seu passado e uma obrigação como cidadão preservar o Patrimônio que a todos pertence. A restauração se faz na tentativa de resgate do bem quanto à sua materialidade e dos valores e sentimentos que através dele são transmitidos ao usuário, agregados de novos significados, a fim de preservar as arquiteturas e garantir que delas futuramente também possam usufruir.

Ao profissional do patrimônio, ruínas constituem um campo aberto no que se refere a experimentações e práticas, sendo um dos desafios transmitidos àquele que as confronta à aceitação ou não de seu *status quo* como parte relevante de sua história. Cabe a nós trabalhar não somente com a questão física e material do objeto em questão, mas também com as emoções que sentem aqueles que com a obra de algum modo se envolvem.

Buscou-se, nesta dissertação a discussão de teorias, análises e diagnósticos do bem, identificação e compreensão de valores e observação de exemplos visando encontrar

soluções a fim de salvar o patrimônio em ruínas Fazenda São Bernardino da extinção e de devolvê-lo à população de maneira segura, com qualidade de uso.

A arquitetura que por anos perdura sofrendo com o descaso e ações impiedosas do tempo ainda pode sobreviver com suas cicatrizes, sem que seja necessário desconsiderá-las, já que são marcas de sua passagem através dos tempos, parte de sua história. Novas relações e a retomada de valores até então perdidos podem ser estabelecidas no patrimônio no momento presente, sem que a ruína seja interpretada apenas como um fragmento de época anterior e sem que, para isto, se faça necessário o resgate da forma original da edificação.

Tendo como base a compreensão histórico-crítica do monumento, o restauro da ruína pode ser entendido como um ato que propicia soluções criativas de preservação, não se devendo negar quando há a necessidade de reintegrar lacunas ou remover acréscimos. Assim como nos demais bens culturais arquitetônicos, no ato da restauração da ruína, a partir de uma ampla análise em cada caso a ser tratado, também deve haver o respeito às premissas estabelecidas nas teorias do restauro aqui discutidas, como mínima intervenção, distinguibilidade, respeito à materialidade e reversibilidade.

A solução implementada no projeto de intervenção no patrimônio cultural em ruínas da Fazenda São Bernardino visa o respeito à preexistência e os anseios da população na recuperação do patrimônio, com base nas atuais relações entre o usuário e as ruínas. A devida valorização e a manutenção das ruínas da Fazenda São Bernardino serão possíveis, através da implementação de atividades que estimulem uma contínua funcionalidade no sítio patrimonial, permitindo assim sua manutenção e sustentabilidade. Dessa forma, haverá o reconhecimento da importância cultural do patrimônio por toda população, que permite que o bem se mantenha vivo no presente e alcance as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **A Re-Semantização das Ruínas na Modernidade e sua Dignificação pela Arquitetura Contemporânea**. In: Anais do ArquiMemória 3º Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado. Salvador: IAB-BA, 2008. v. 1

ARANHA, Nelson. **Fazenda São Bernardino**, UFF, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/curias/sites/default/files/texto004nelson.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

ARAÚJO, Antônio de Borja. **Fundamentação Teórica do Restauro**. [S.I.] 2003. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/04/fundamentacao-teorica-do-restauro.pdf>, Acesso em 27 jan. 2019.

BAETA, Rodrigo Espinha e NERY, Juliana Cardoso. **Reflexões sobre Intervenções Arquitetônicas Contemporâneas em Ruínas**. In: Dossiê Patrimônio Cultural Ibero-Americano, POSURB PUC-Campinas, 2017.

BOITO, Camillo. **Os restauradores**. Trad. Paulo e Beatriz M. Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRANDI, C. **Teoria da restauração**. Trad. Beatriz M. Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CARTA DE ATENAS, 1931. 6p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2019.

CONSTITUIÇÃO, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 10 dez. 2017.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. 3ª edição, Rio de Janeiro, Iphan, 2004.

DECRETO-LEI Nº 25, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm. Acesso em: 09 dez. 2017.

FLEURY, Sérgio. **Pró-Memória**. Um Patrimônio em Ruínas Transformado em Bens Rentáveis. Jornal do Brasil, p.4. 13 ed. Rio de Janeiro, 1980.

FORTE, J M M. **Memórias da fundação de Iguassu**. Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Comercio, 1993.

FUNDREM, Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **RELATÓRIO**. Rio de Janeiro, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade** (capítulos 3, 4 e 5). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUYSSSEN, A. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

ICOMOS, International Council on Monuments and Sites. **CARTA DE BURRA**, 2013. Disponível em: <https://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

ICOMOS, International Council on Monuments and Sites. **CARTA DE VENEZA**, 1964. Tradução ICOMOS BRASIL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>. Acesso em: 4 mar. 2018.

ICOMOS, International Council on Monuments and Sites. **Declaração de Xi'an sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural**, 2005. Tradução ICOMOS BRASIL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 17 fev. 2019.

ICOMOS, International Council on Monuments and Sites. **Salalah Guidelines for the Management of Public Archaeological Sites**, 2017b. Disponível em: <https://www.icomos.org/>. Acesso em: 11 maio 2019.

ICOMOS-IFLA, Comissão Científica Internacional para as Paisagens Culturais. **Sobre as paisagens rurais como patrimônio**, 2017a. Disponível em: www.worldrurallandscapes.org. Acesso em: 09 maio 2019.

IPHAN, Superintendência, Rio de Janeiro. **Arquivo Fazenda São Bernardino**, Nova Iguaçu, RJ. Pastas Histórico, Atos Legais, Cessão de Uso, Incêndio e Preservação. Rio de Janeiro, 2017.

LATUFF, Carlos. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Nova Iguaçu (Antiga Maxambomba). [S.I.] 2007. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/novaiguacu.htm. Acesso em: 24 jan. 2019.

LOPES, Flavio. **Zonas De Proteção ao Patrimônio Arquitetônico**. 10. ed. Portugal: Caleidoscópio, 2013.

LYRA, Cyro Corrêa. **A importância do uso na preservação da obra de arquitetura**. Revista Arte & Ensaios, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA - UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, n. 16, 2006. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae13_cyro_lyra.pdf. Acesso em: 23 out. 2017.

MENEGUELLO, C. **Da construção das ruínas**: fragmentos e criação do passado histórico. In: XXII ANPUH - Simpósio Nacional de História, 2003, João Pessoa, PB. Anais da XXII ANPUH, 2003.

NIMA. **Educação Ambiental**. Formação de valores ético-ambientais para o exercício da cidadania no município de Nova Iguaçu. PUC-Rio, Petrobrás e Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro, 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**. A problemática dos lugares. Projeto História 10 p. 9, PUCSP, São Paulo, 1993.

NOVA IGUAÇU. **Código de Obras**. Disponível em: <http://www.cmni.rj.gov.br/site/legislacao-municipal/leis-complementares/2015/lei-complementar-049-2015.pdf/>. Acesso em: 21 maio 2017.

NOVA IGUAÇU. **Plano Diretor** de Desenvolvimento Urbano e Sustentável do Município de Nova Iguaçu. Disponível em: <http://www.cmni.rj.gov.br/site/legislacao-municipal/plano-diretor/plano-diretor-republicacao-em-06-06-12-2-31.pdf/>. Acesso em: 22 maio 2017.

PELEGRINI, S. C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**. UNESP/FCLAs/CEDAP, v. 3, n1, 2007, p. 95-109.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU. **História de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/>. Acesso em: 21 maio 2017.

RIBEIRO, Edson. **Uma viagem a Iguaçu através da cartografia**. 1.ed. Rio de Janeiro: Produção Independente Amigos do Patrimônio Cultural, 2017.

RIBEIRO, Paulo Eduardo Vidal Leite. **Fazenda São Bernardino, Vila de Cava, Nova Iguaçu**. Cadernos do PROARQ (UFRJ), v. 12, p. 95-106, 2008.

RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; NÓBREGA, Cláudia C. L. (Orgs) **Projeto e Patrimônio: reflexões e aplicações**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: sua essência e sua gênese**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2006.

RODRIGUES, Angela Rosch. **Ruína e Patrimônio Cultural no Brasil**. São Paulo, 2017.

RUSKIN, John. **The Seven Lamps of Architecture**. Nova York: Dover Publications, 1989.

SANTOS, Leandro Cesar dos. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Nova Iguaçu (Antiga Maxambomba). [S.I.] 2009. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/novaiguacu.htm. Acesso em: 24 jan. 2019.

UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **RECOMENDAÇÃO DE NAIRÓBI**, 1976. 14p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2019.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

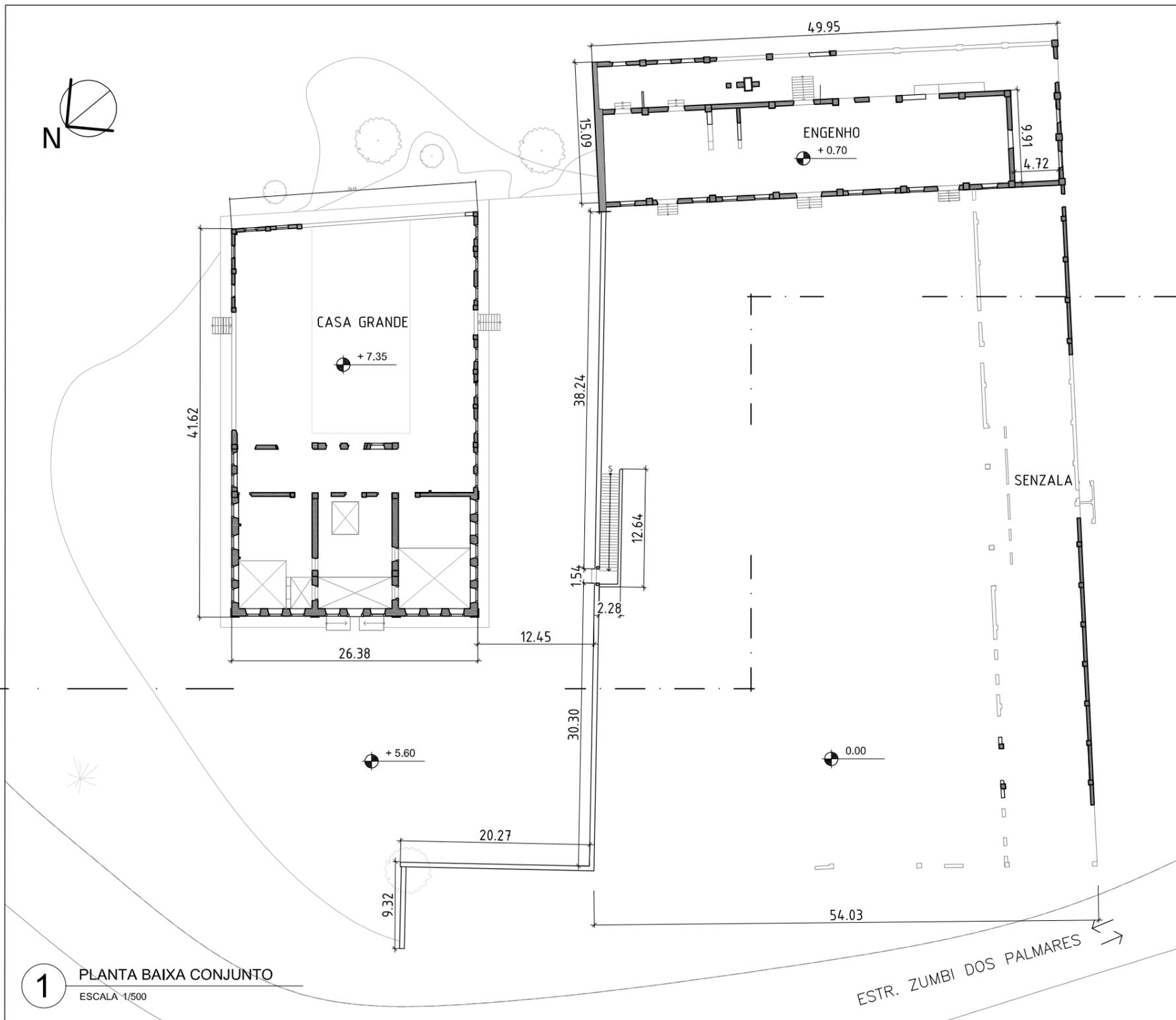
APÊNDICES

Apêndice 1 – Levantamento Arquitetônico

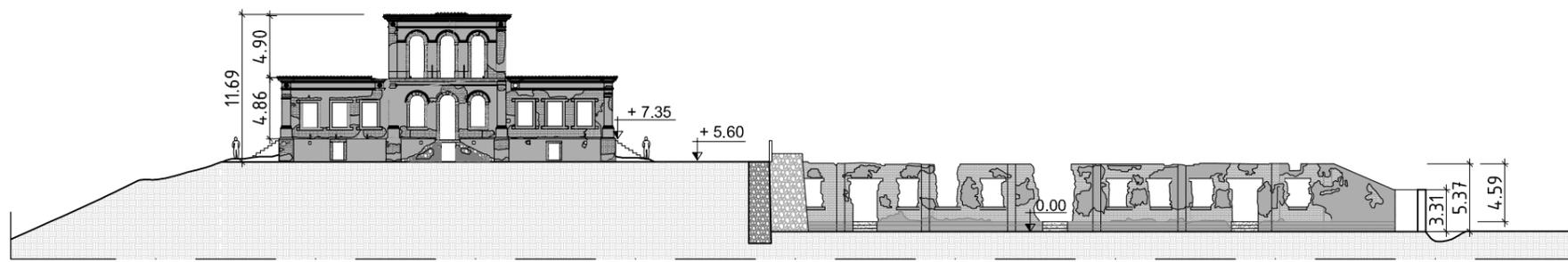


1 PLANTA DE SITUAÇÃO
 ESCALA 1/1250

MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
PLANTA DE SITUAÇÃO	01.01

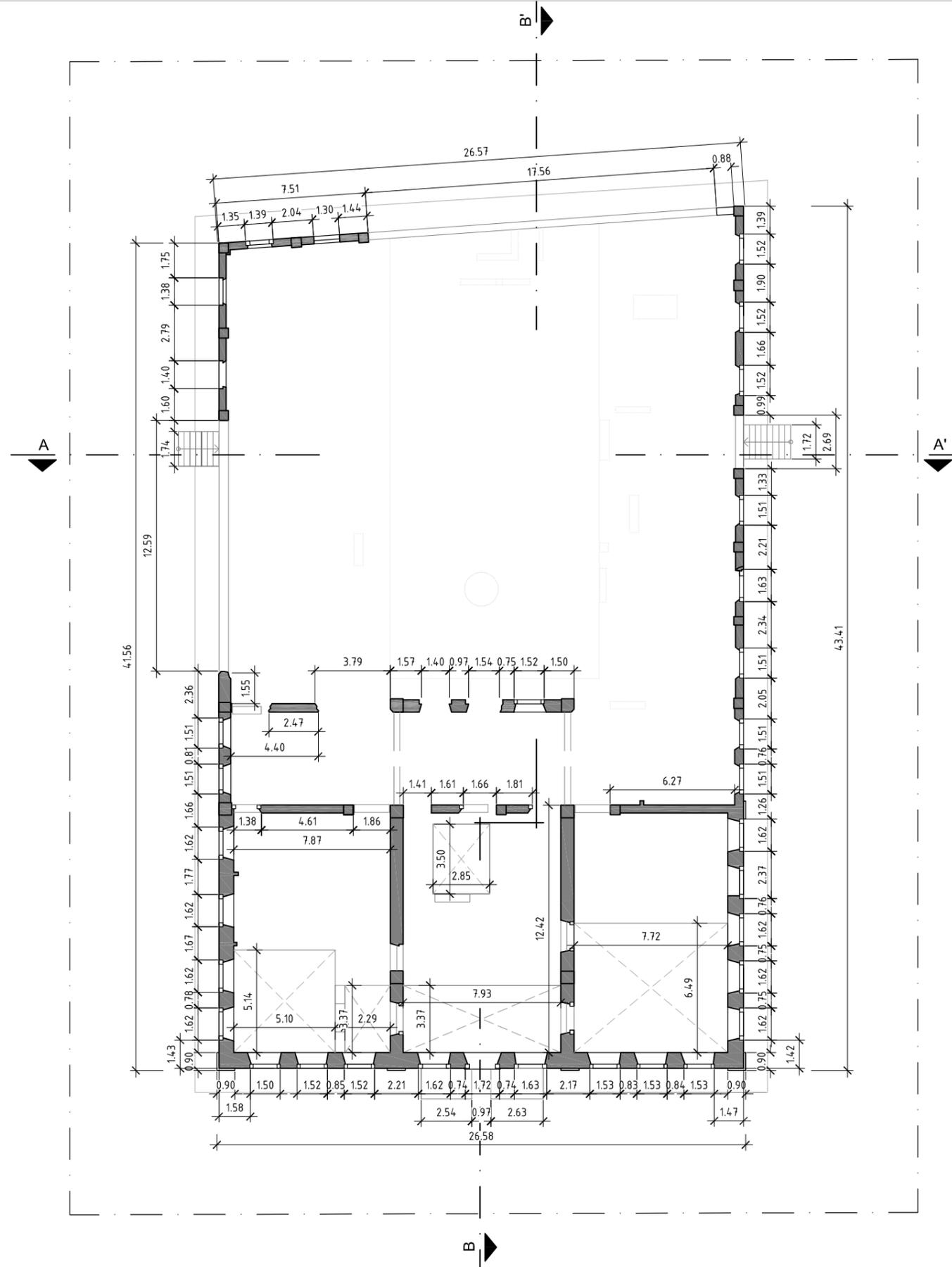


1 PLANTA BAIXA CONJUNTO
ESCALA 1/500

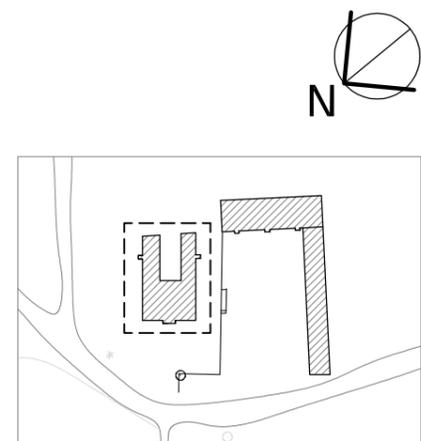


2 CORTE A A'
ESCALA 1/500

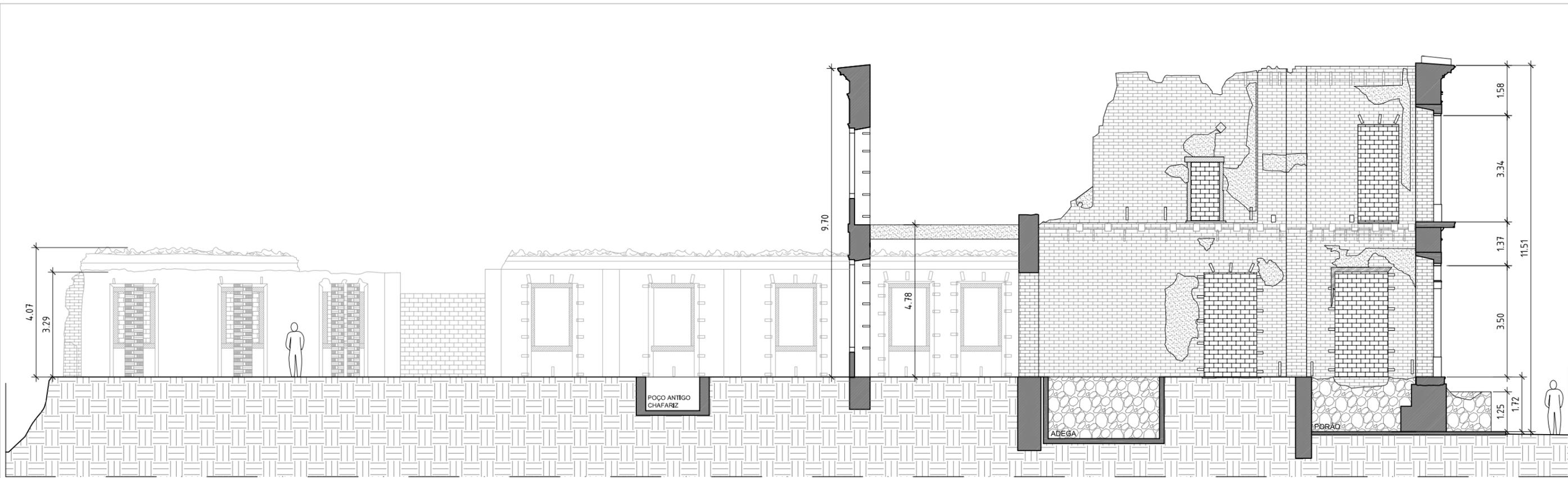
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
PLANTA BAIXA E CORTE DO CONJUNTO	01.02



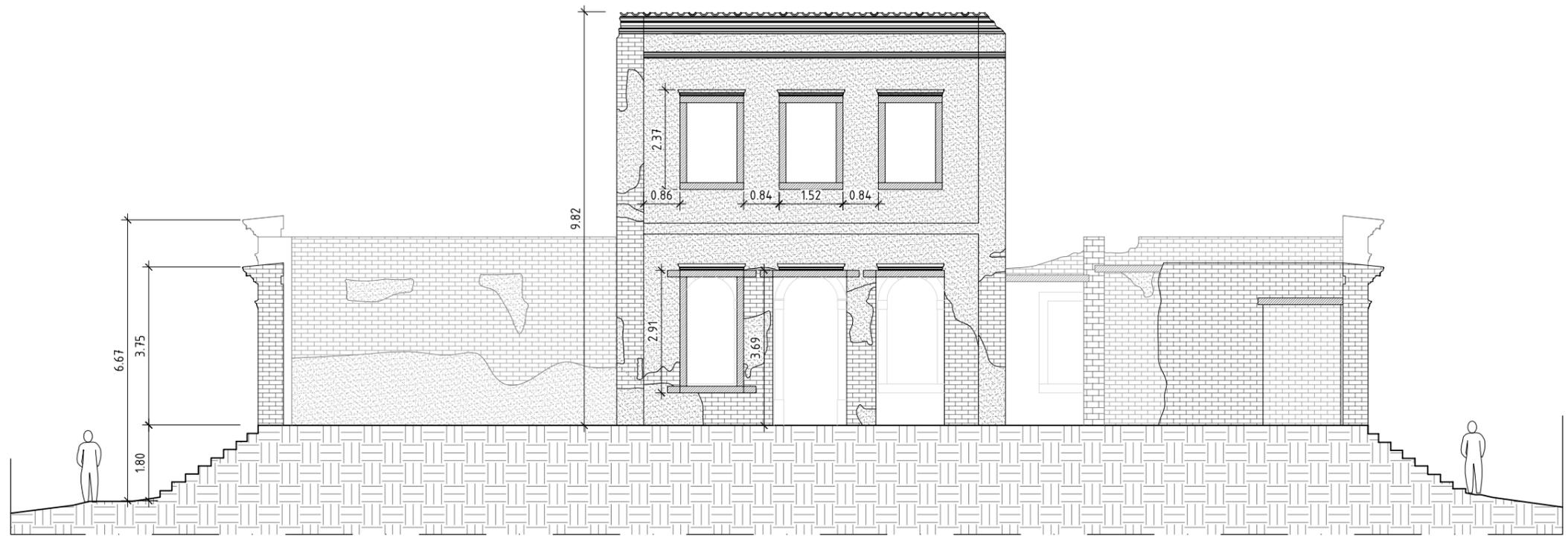
1 PLANTA BAIXA CASA GRANDE
 ESCALA 1/250



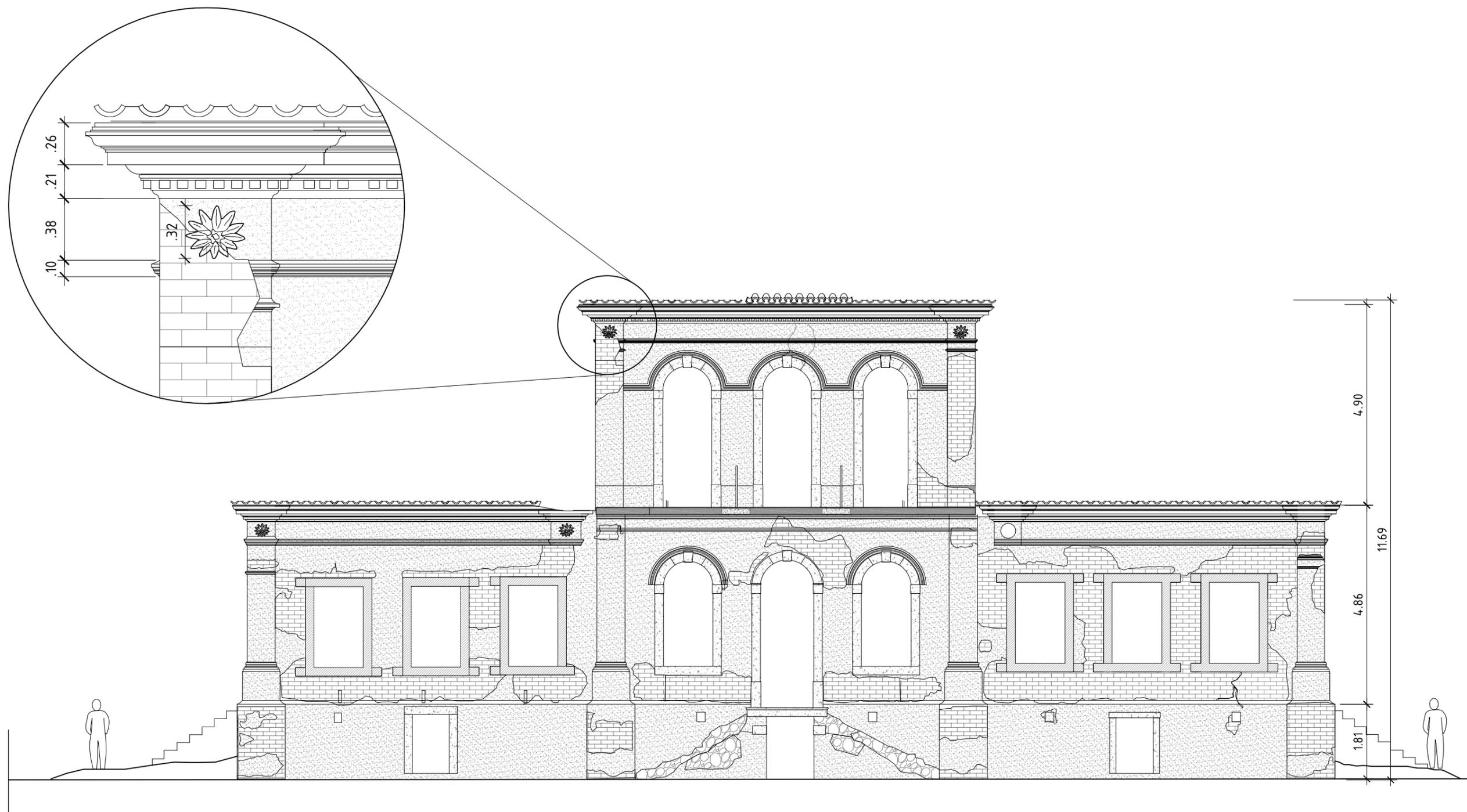
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
CASA GRANDE - PLANTA BAIXA	01.03



2 CORTE BB'
ESCALA 1/125

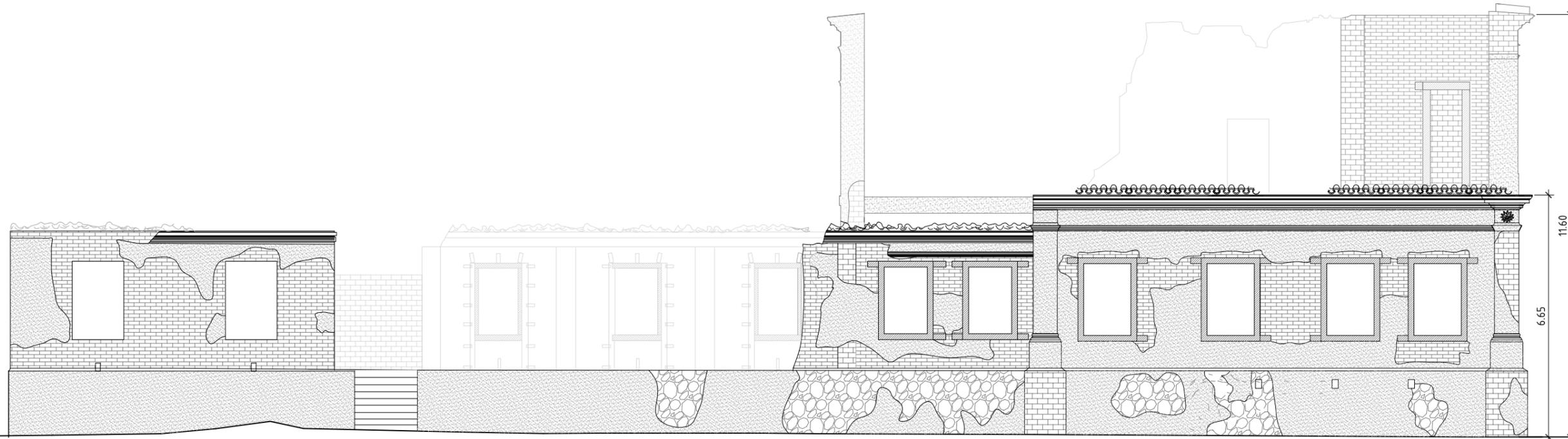


1 CORTE AA'
ESCALA 1/125

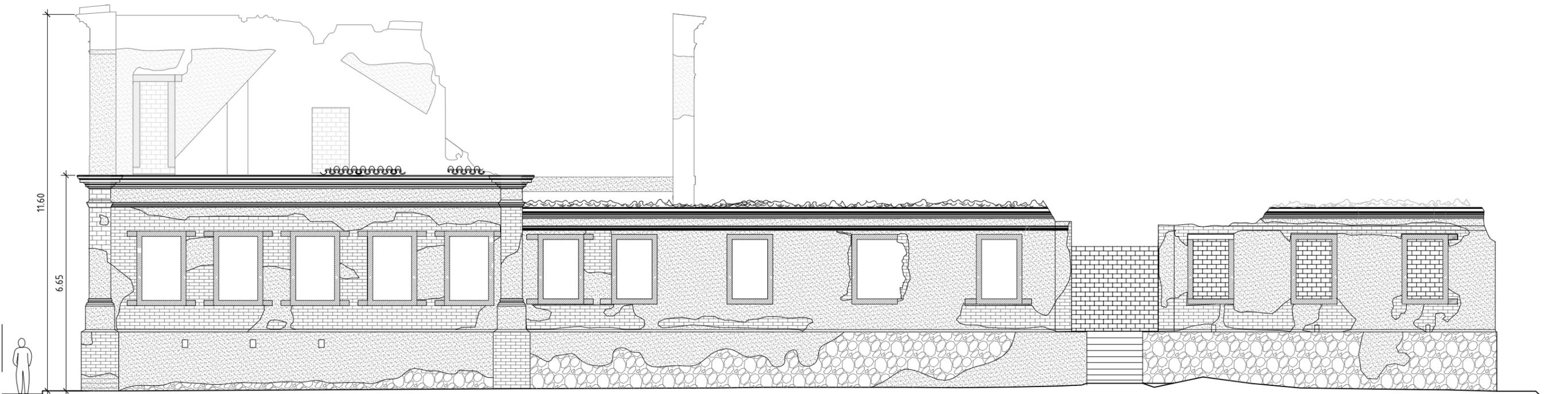


1 FACHADA FRONTAL
 ESCALA 1/100

MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
CASA GRANDE - FACHADA FRONTAL	01.05

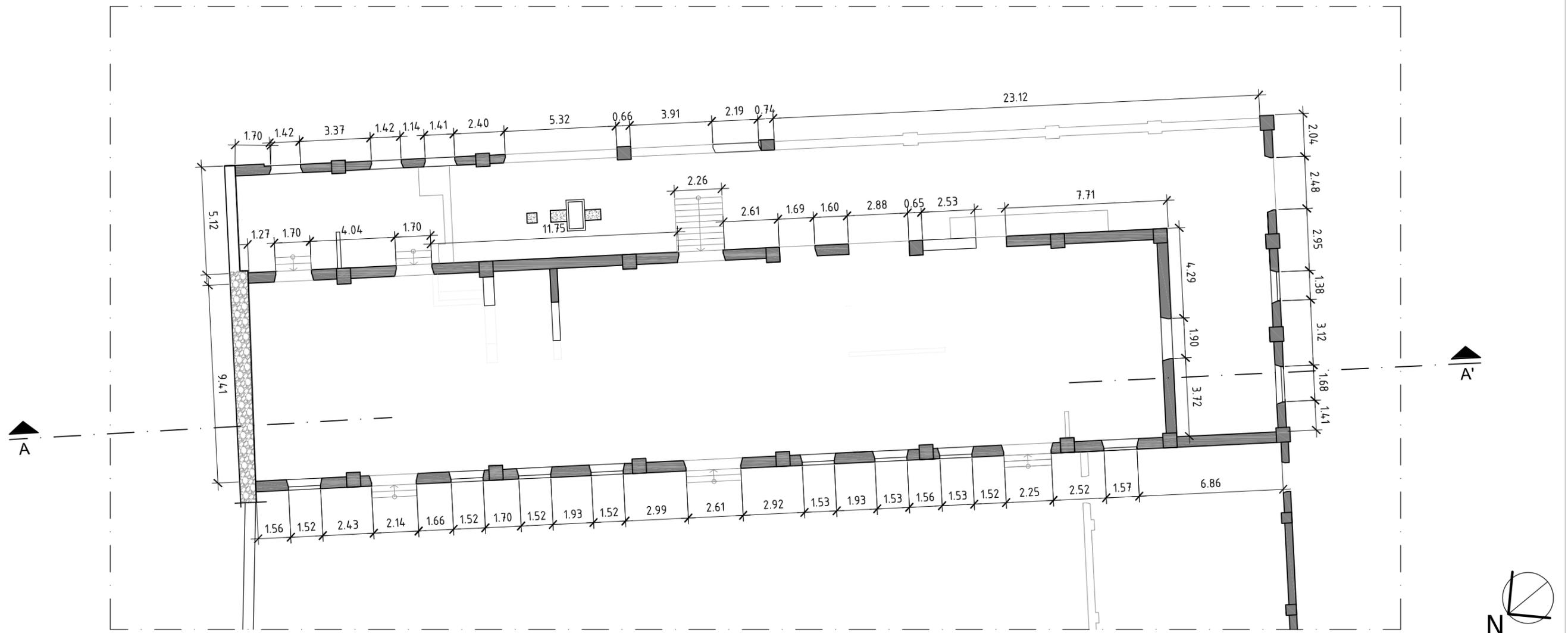


1 FACHADA LATERAL ESQUERDA
ESCALA 1/125

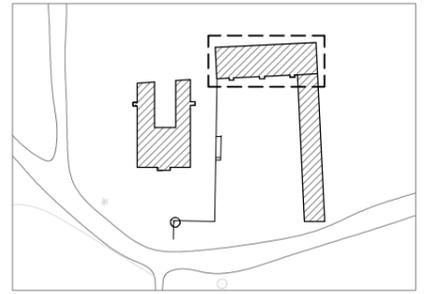


2 FACHADA LATERAL DIREITA
ESCALA 1/125

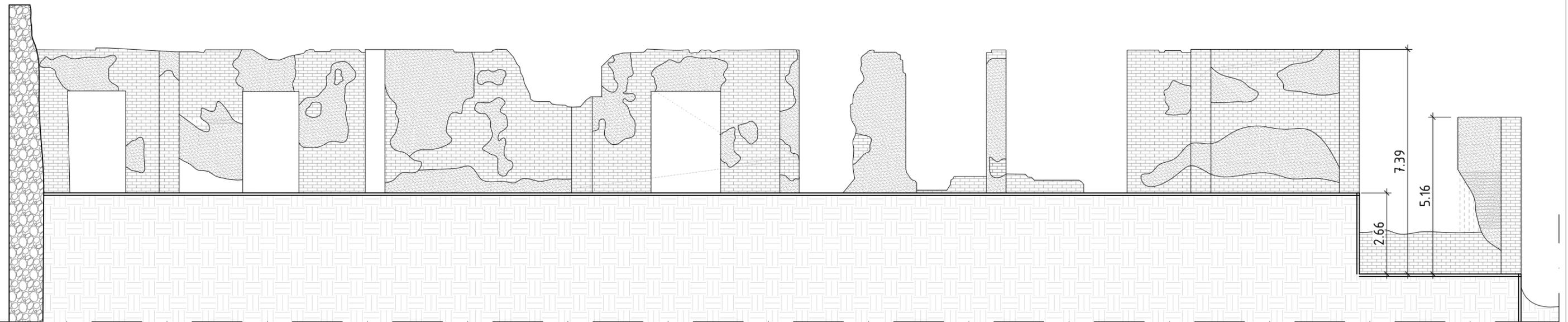
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
CASA GRANDE - FACHADAS LATERAIS	01.06



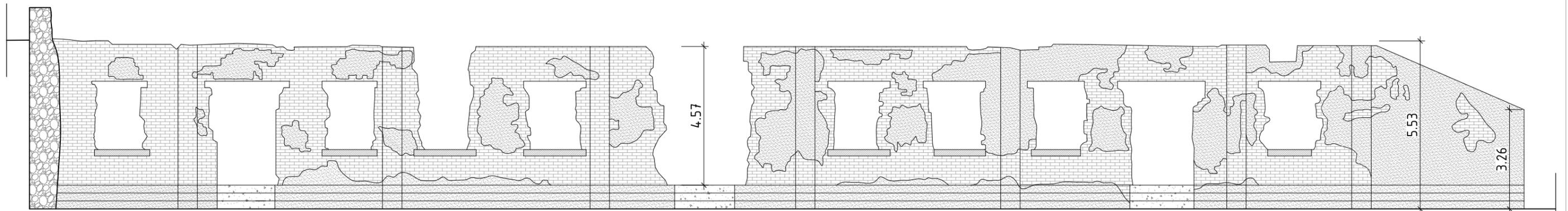
1 PLANTA BAIXA ENGENHO
 ESCALA 1/200



MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
ENGENHO - PLANTA BAIXA	01.07

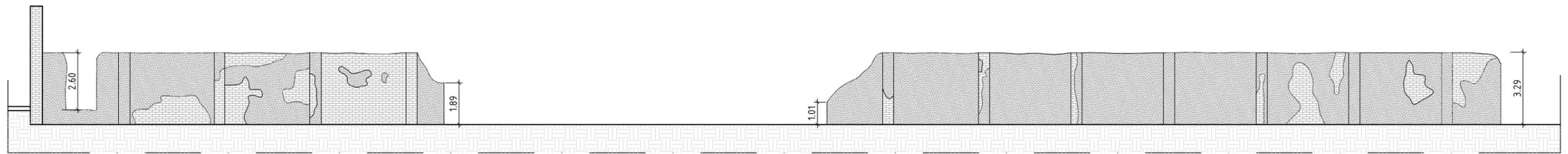


1 CORTE AA'
ESCALA/125

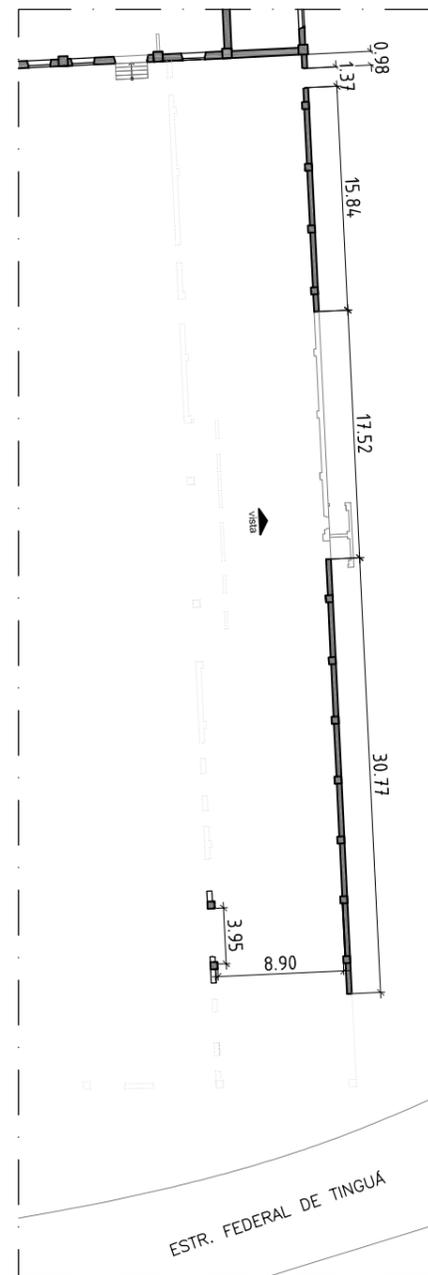


2 FACHADA ENGENHO
ESCALA 1/125

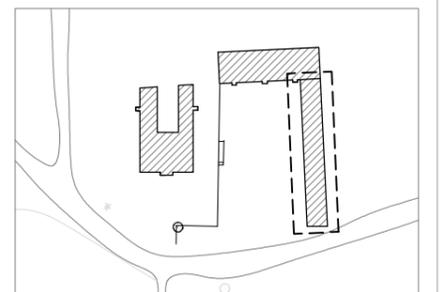
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
ENGENHO - CORTE AA' E FACHADA	01.08



2 VISTA MURO SENZALA
ESCALA 1/200



1 PLANTA BAIXA SENZALA
ESCALA 1/500

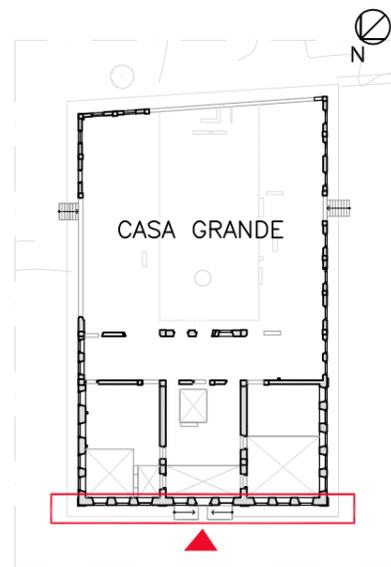


MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO	APÊNDICE
SENZALA - PLANTA E VISTA	01.09

Apêndice 2 – Mapeamento de Danos: Fachada Frontal da Casa Grande

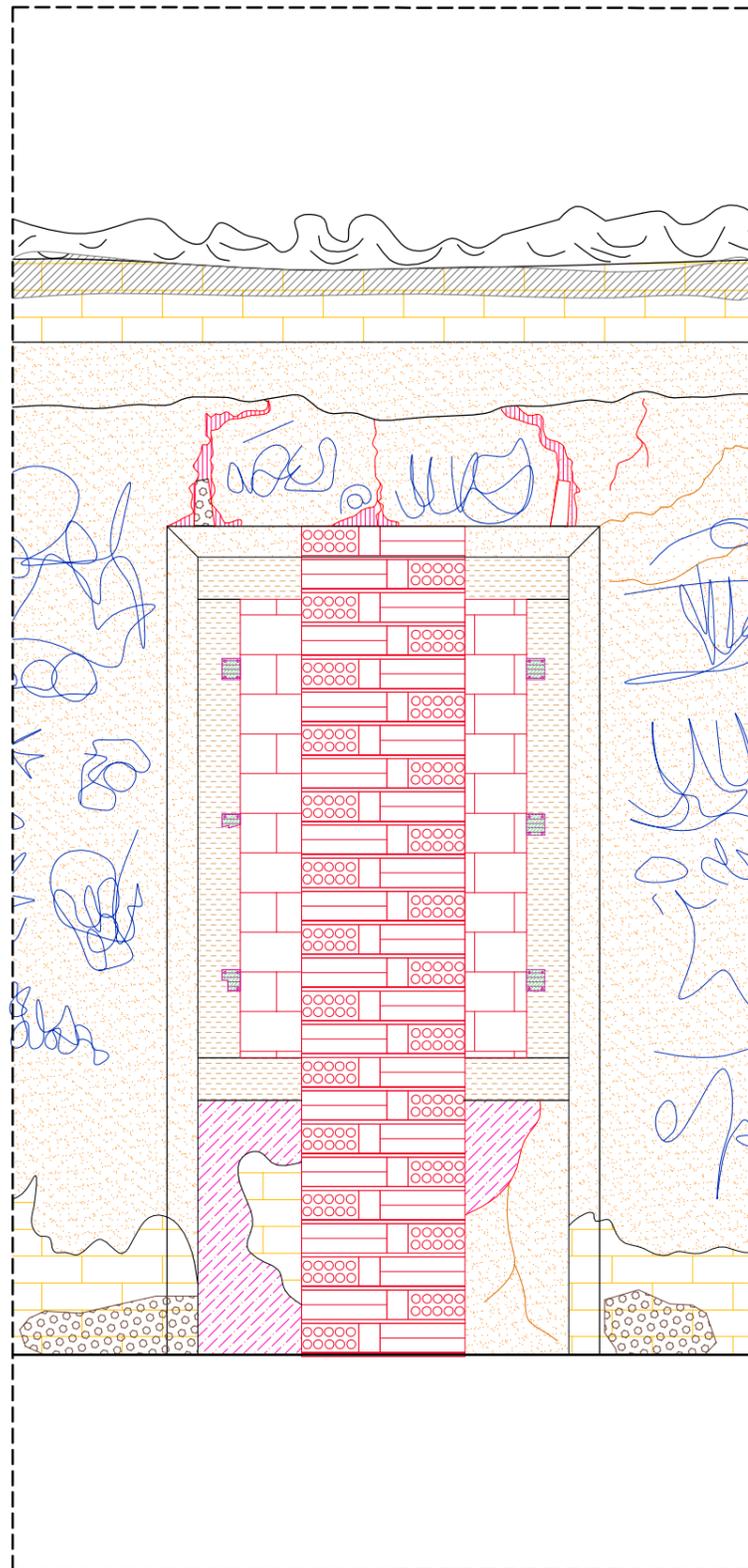


01 FACHADA FRONTAL CASA GRANDE - MAPA DE DANOS
ESCALA 1/100



LEGENDA DE PATOLOGIAS			
	RACHADURA		ESQUADRIA DANIFICADA
	FISSURA		ESQUADRIA DESGASTADA
	DESPLACIMENTO		CANTARIA DESGASTADA
	ARGAMASSA DEGRADADA		GRAFITISMO
	MANCHA NEGRA		VEGETAÇÃO

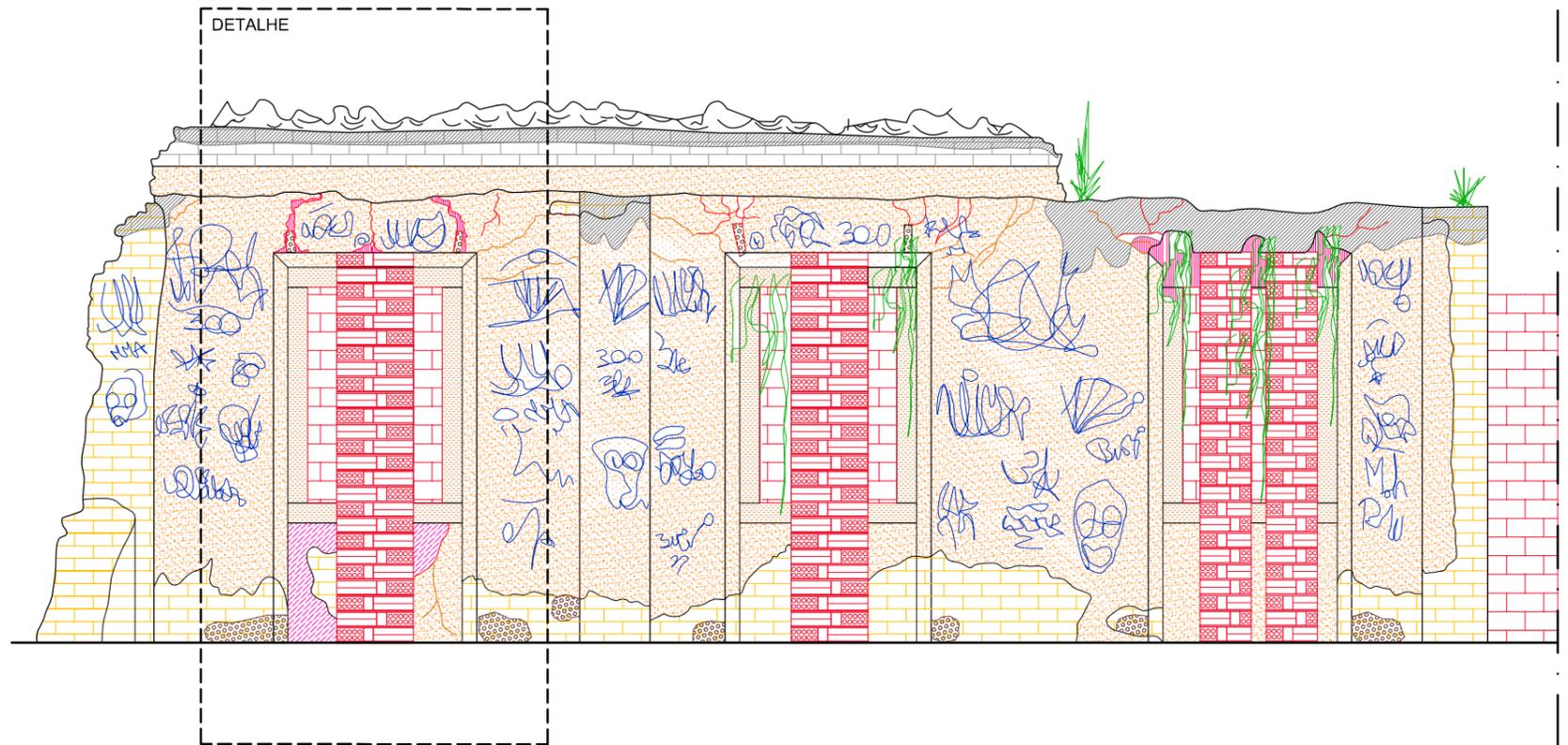
Apêndice 3 – Mapeamento de Danos: Trecho de Fachada Lateral da Casa Grande



02

DETALHE - MAPA DE DANOS

ESCALA 1/25



01

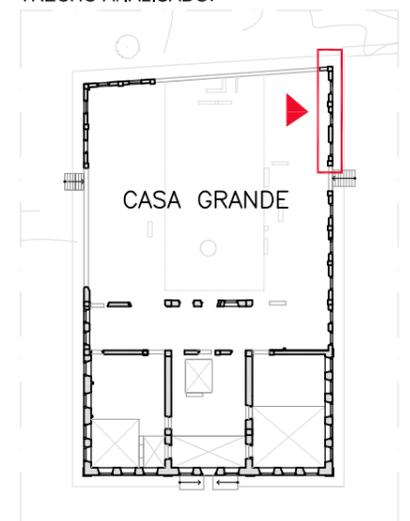
VISTA DO TRECHO ANALISADO - MAPA DE DANOS

ESCALA 1/50

LEGENDA DE PATOLOGIAS

	RACHADURA		ELEMENTO METÁLICO
	FISSURA		ESQUADRIA DANIFICADA
	LACUNAS		OXIDAÇÃO
	DESPLACAMENTO		CANTARIA DETERIORADA
	ARGAMASSA DIFERENCIADA		GRAFITISMO
	ARGAMASSA DEGRADADA		VEGETAÇÃO
	MANCHA NEGRA		ELEMENTO ESPÚRIO

TRECHO ANALISADO:



MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO

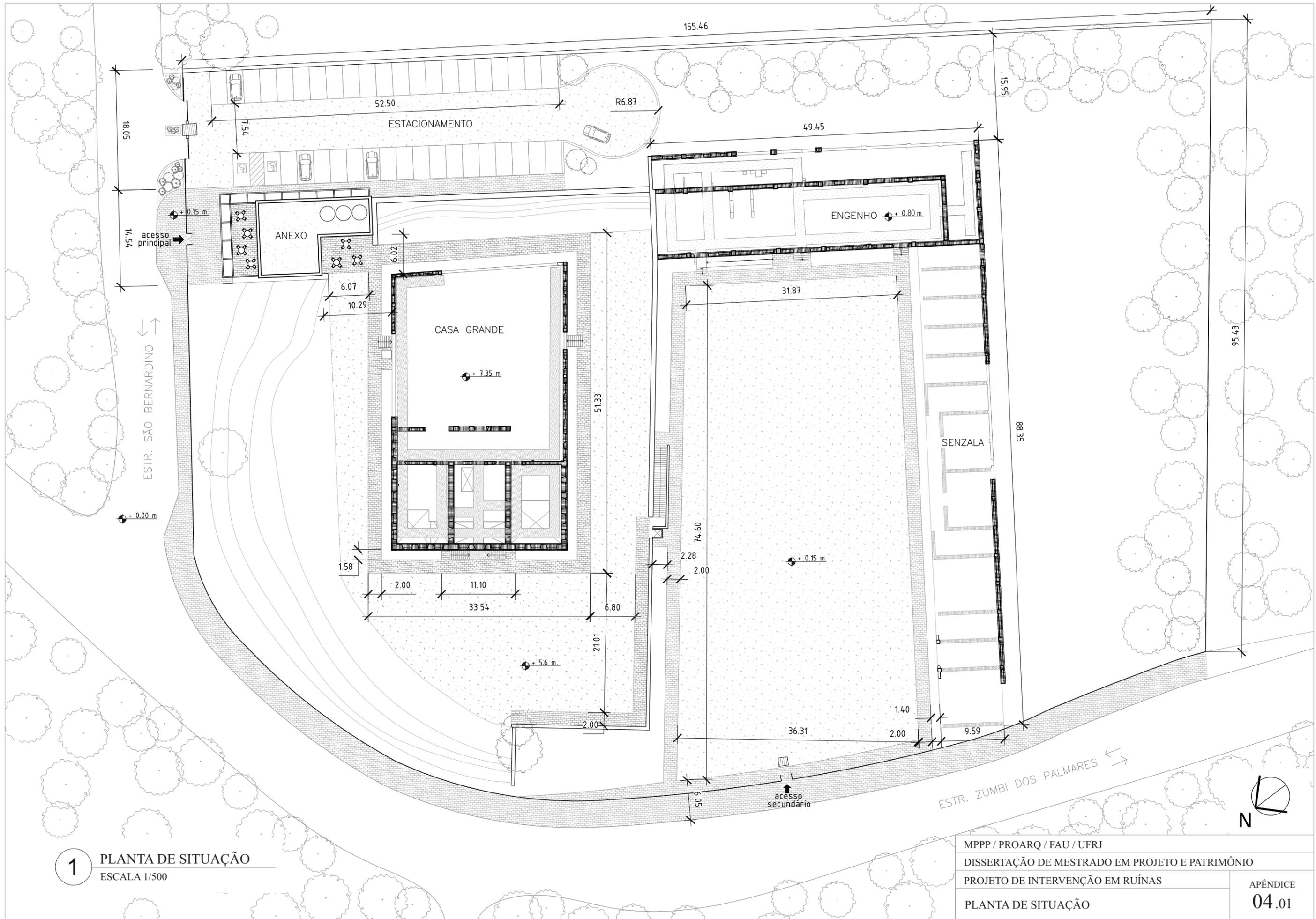
LEVANTAMENTO RUÍNAS FAZENDA SÃO BERNARDINO

MAPA DE DANOS - Trecho Lateral Casa Grande

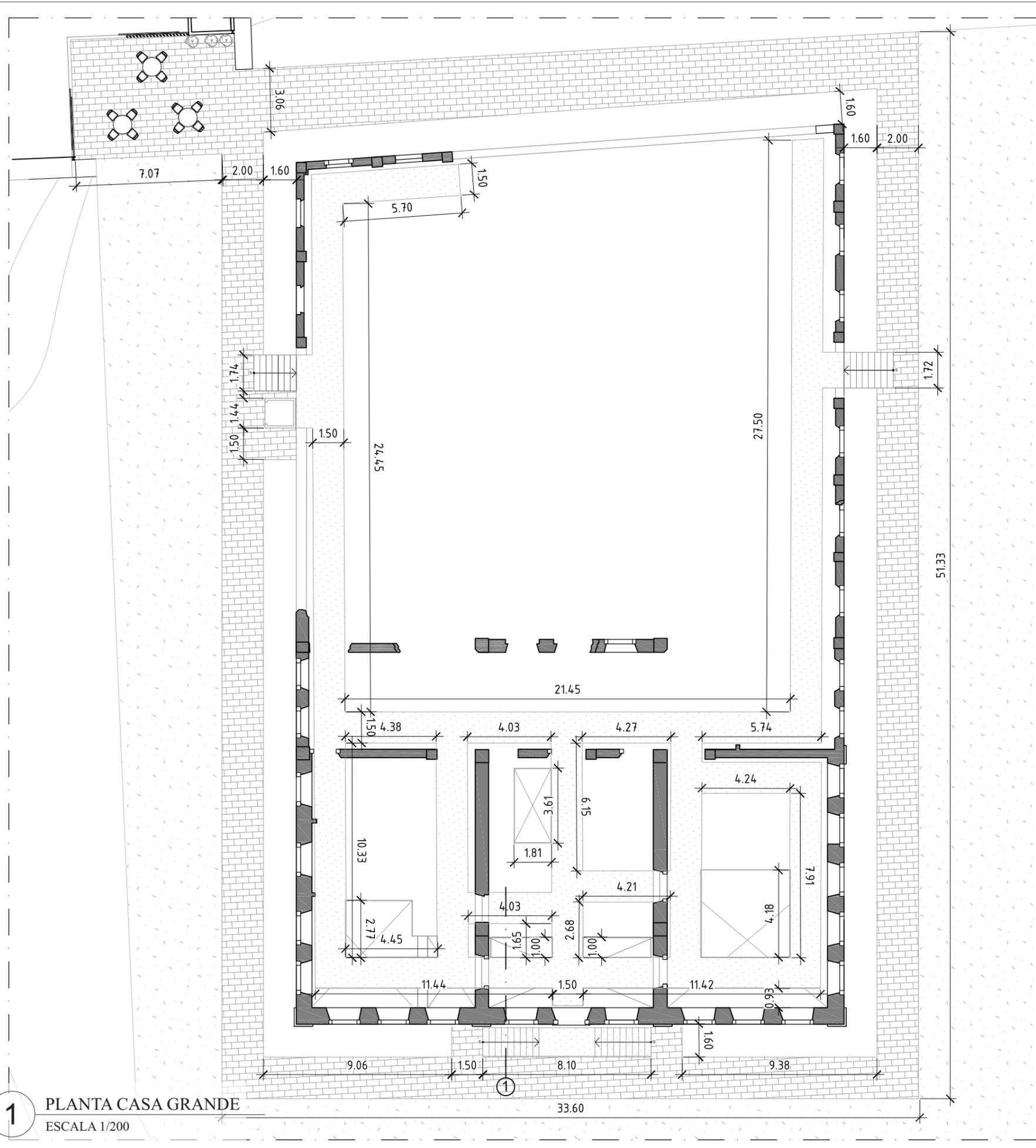
APÊNDICE

03

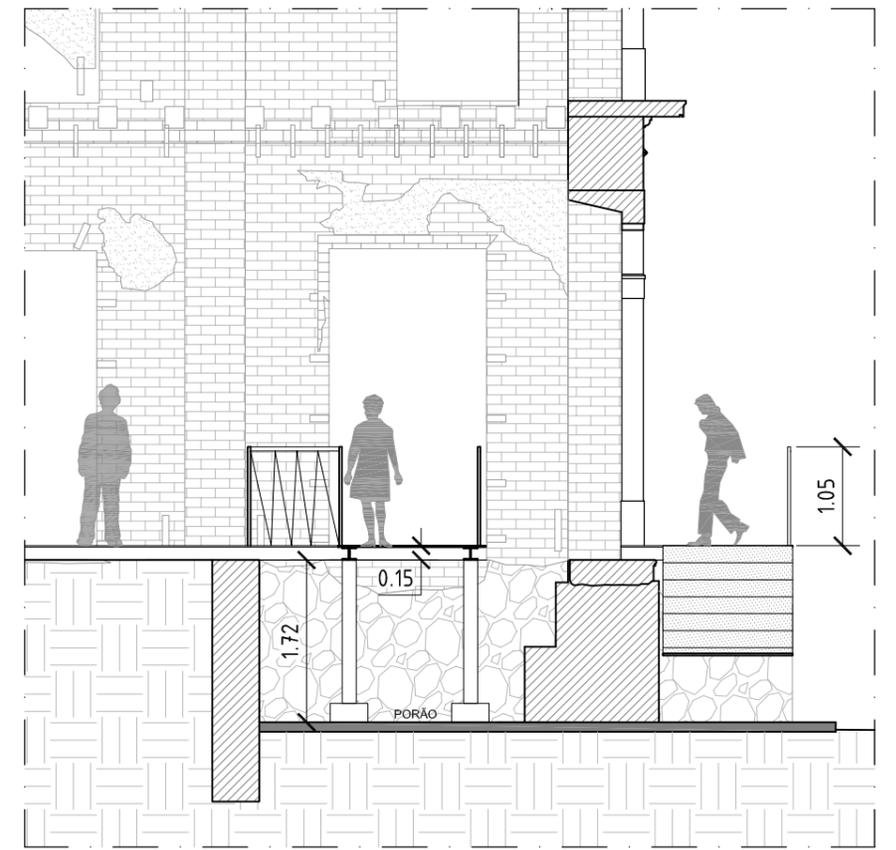
Apêndice 4 – Projeto de Intervenção



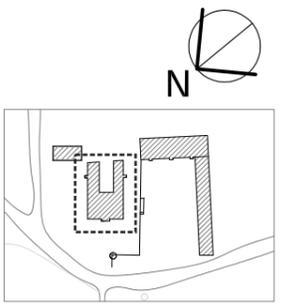
1 PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1/500



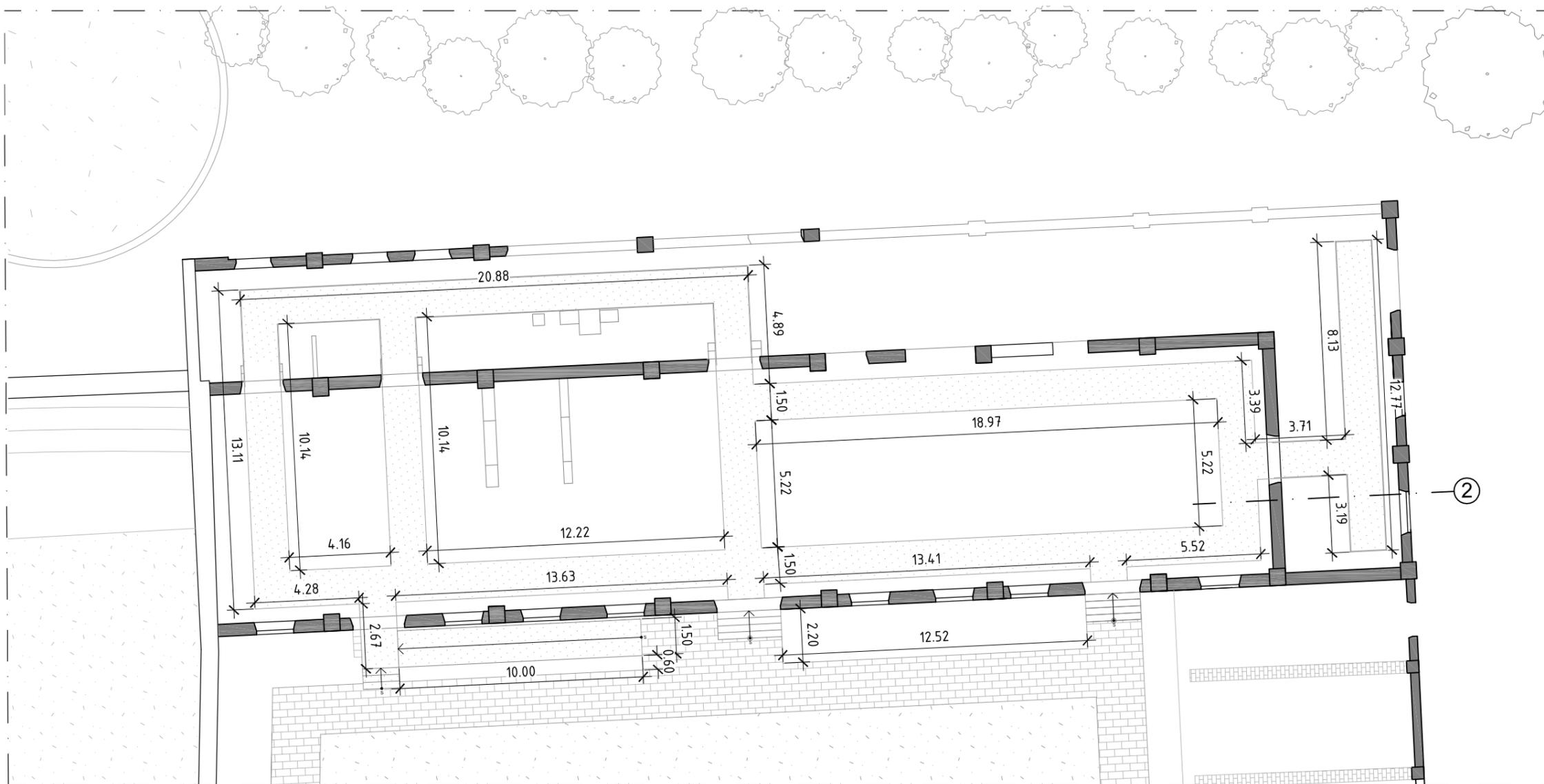
1 PLANTA CASA GRANDE
ESCALA 1/200



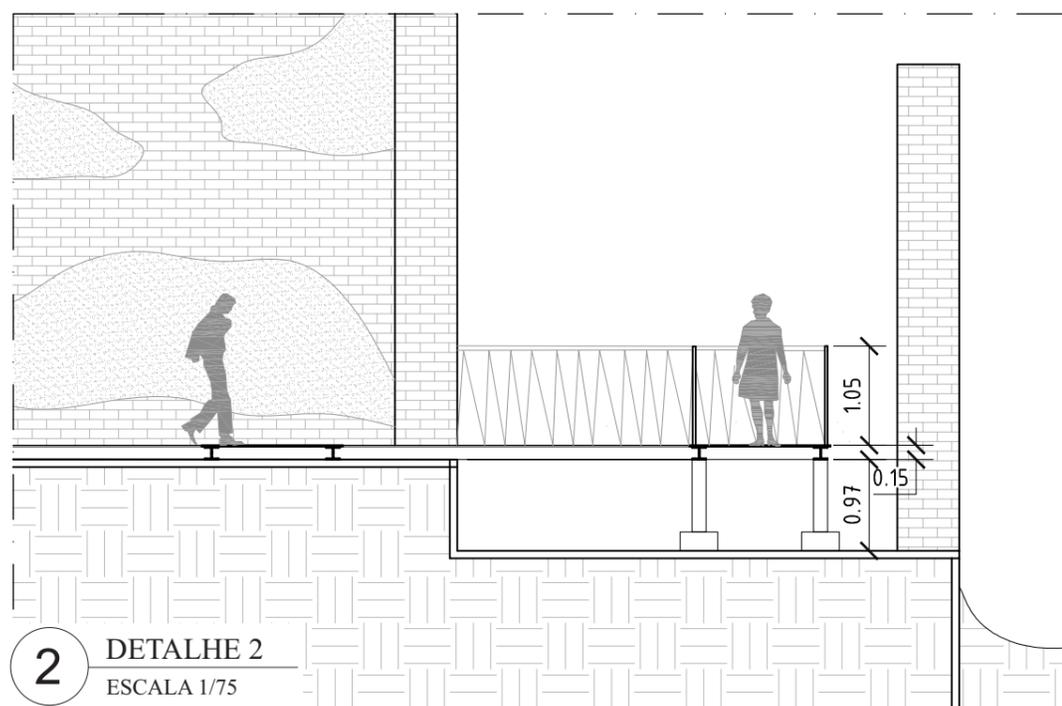
2 DETALHE 1
ESCALA 1/75



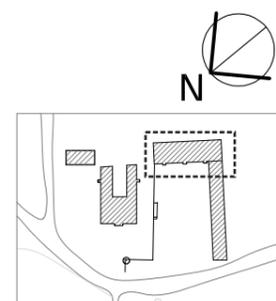
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM RUÍNAS	
CASA GRANDE - PLANTA E DETALHE	APÊNDICE 04.02



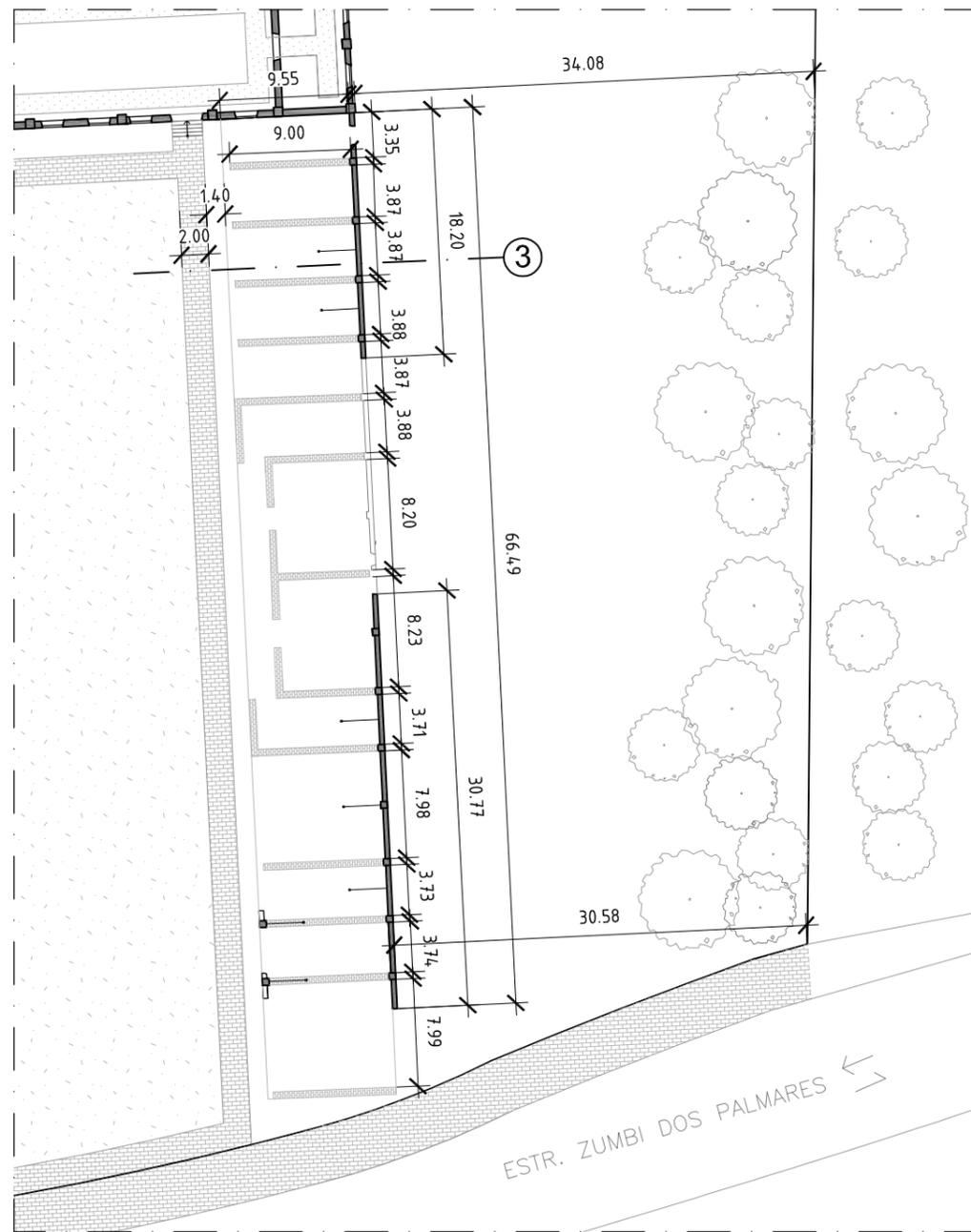
1 PLANTA ENGENHO
ESCALA 1/200



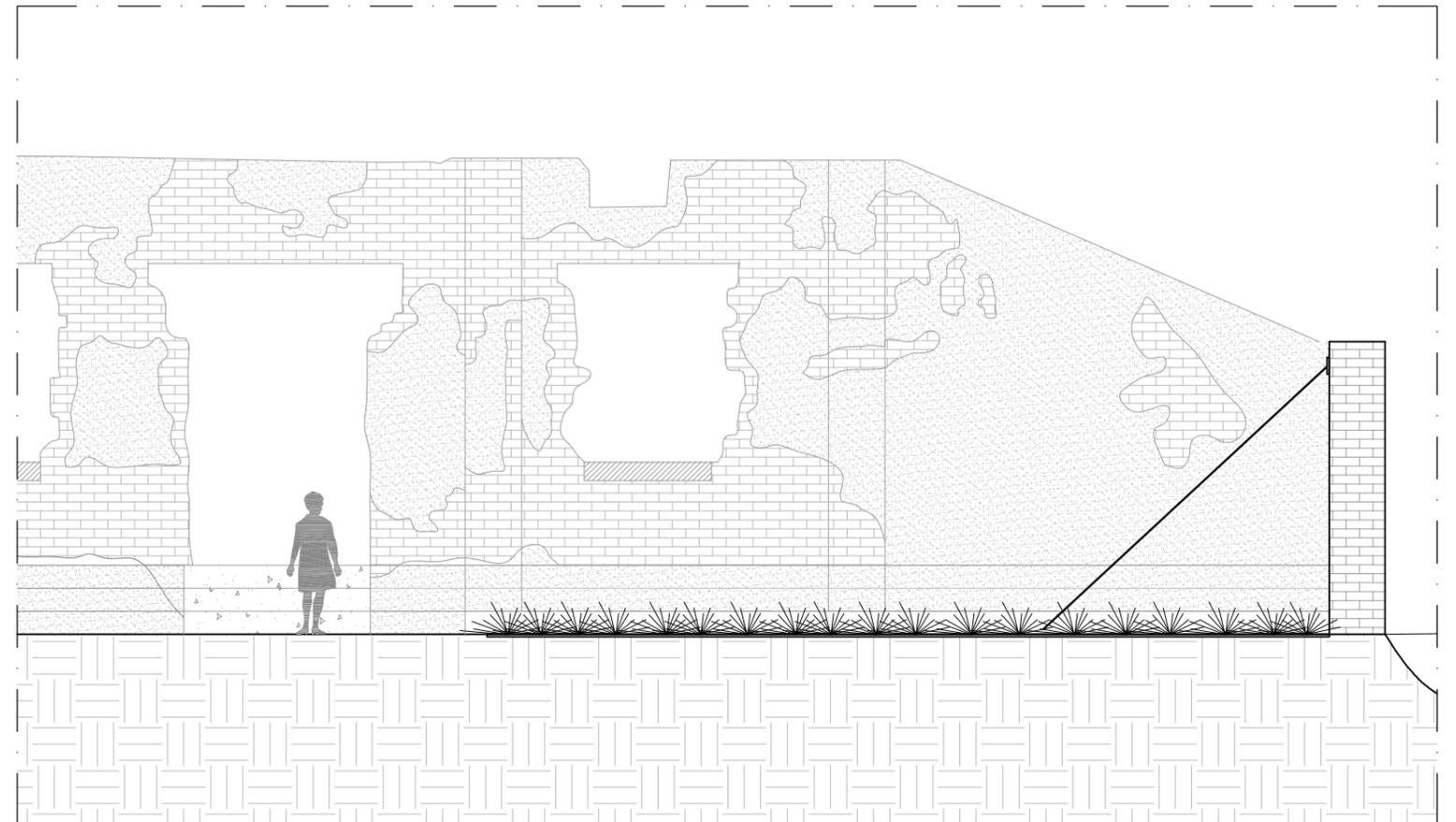
2 DETALHE 2
ESCALA 1/75



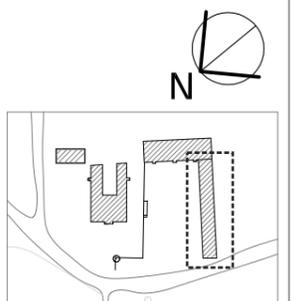
MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM RUÍNAS	
ENGENHO - PLANTA E DETALHE	APÊNDICE 04 .03



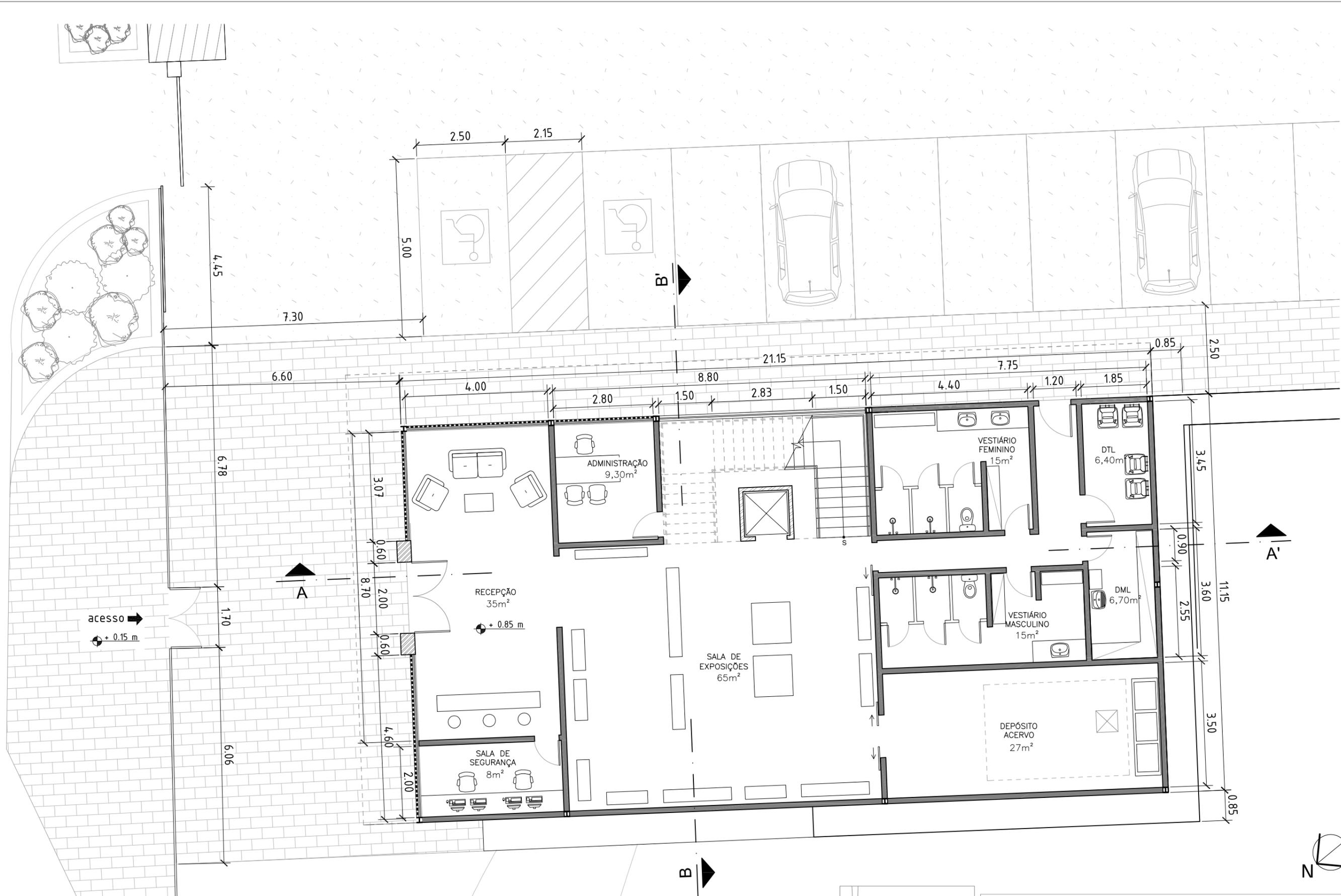
1 PLANTA SENZALA
ESCALA 1/500



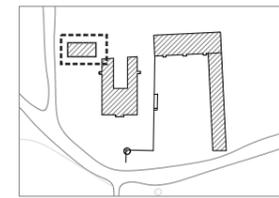
2 DETALHE 3
ESCALA 1/75

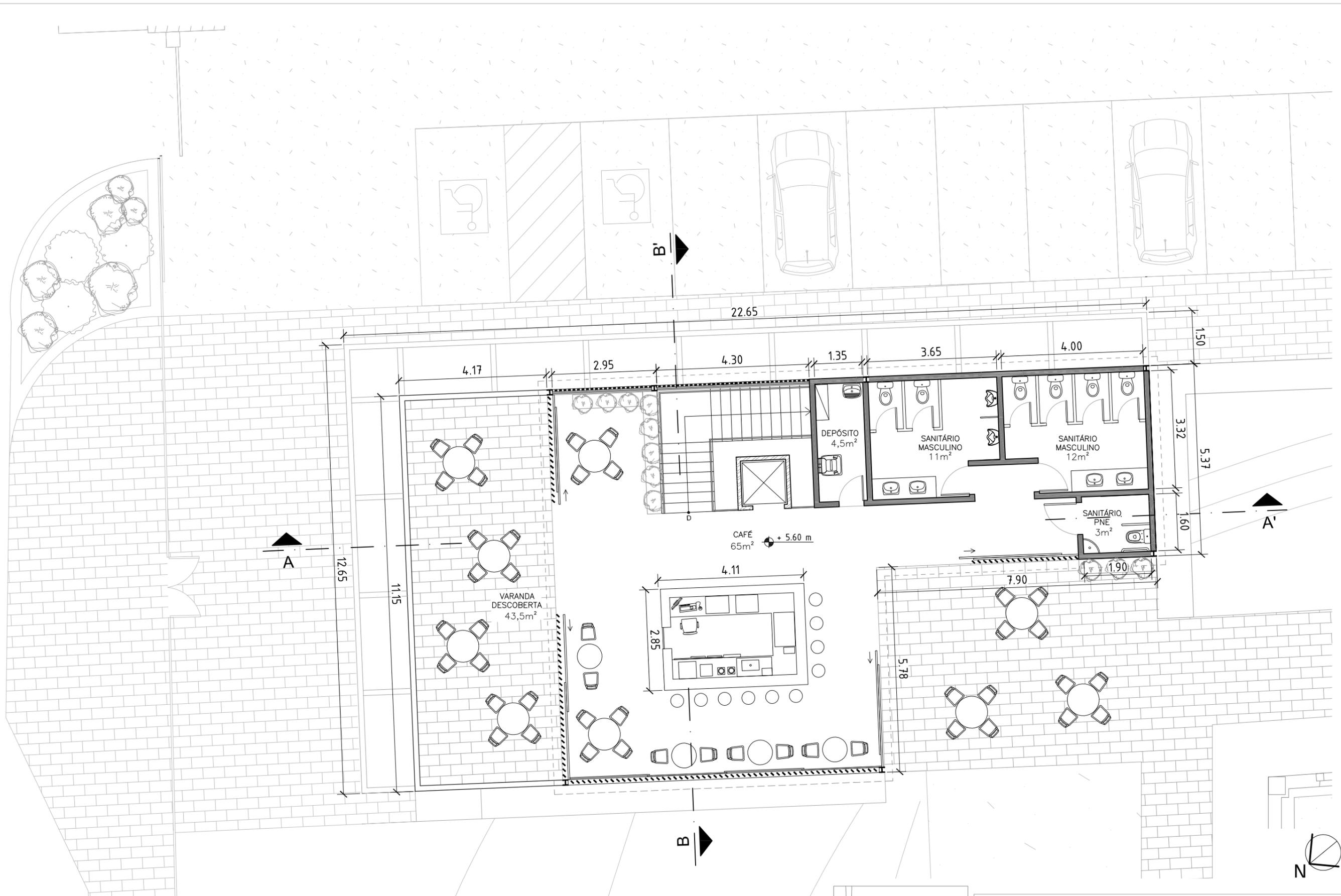


MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM RUÍNAS	APÊNDICE
SENZALA - PLANTA E DETALHE	04 .04

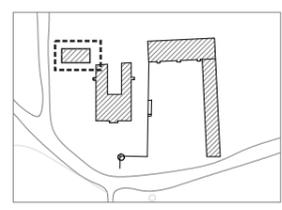


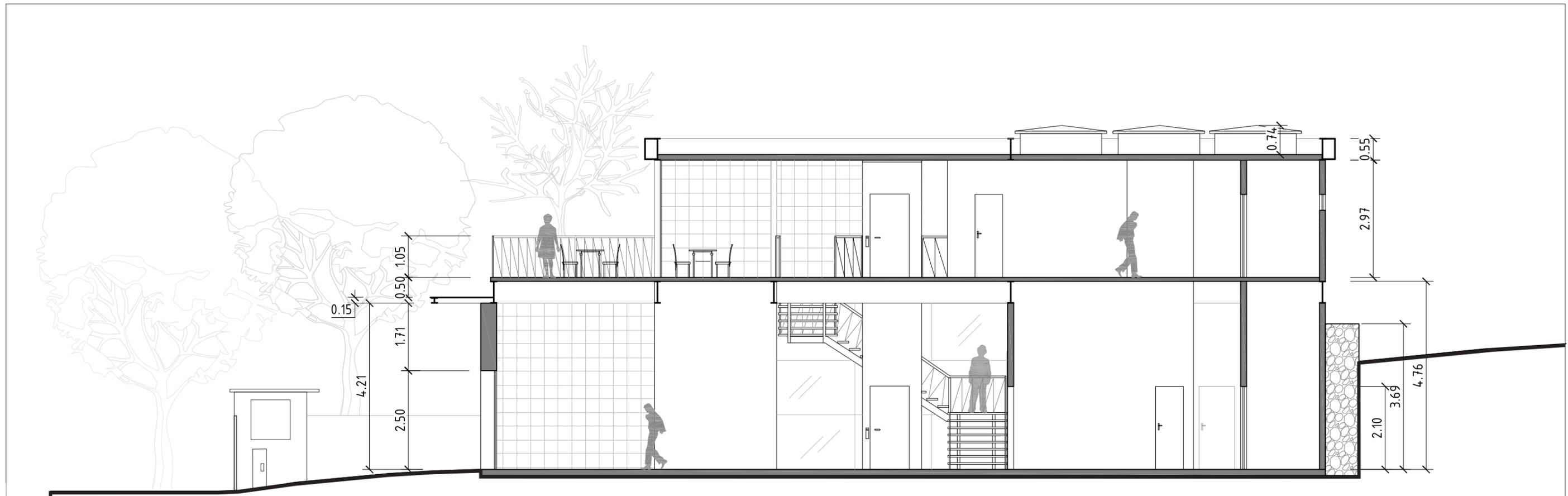
1 PLANTA TÉRREO
 ESCALA 1/100



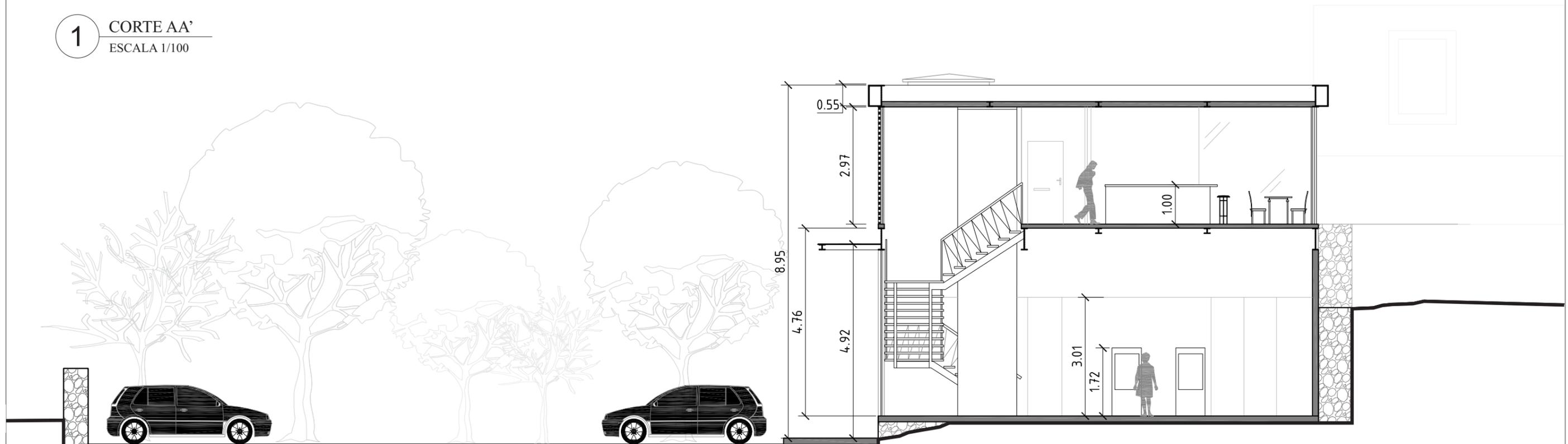


1 PLANTA 2º PAVIMENTO
ESCALA 1/100

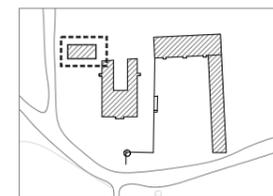




1 CORTE AA'
ESCALA 1/100



2 CORTE BB'
ESCALA 1/100

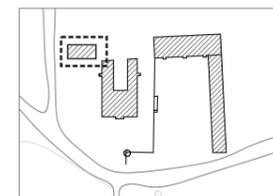




1 FACHADA NORDESTE
ESCALA 1/100



2 FACHADA SUDESTE
ESCALA 1/100



MPPP / PROARQ / FAU / UFRJ	APÊNDICE 04 .08
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PROJETO E PATRIMÔNIO	
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM RUÍNAS	
FACHADAS - ANEXO	

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer do Tombamento



Sr. Diretor:-

Determina o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, pelos seus artigos 1º e 2º, o seguinte:

"Art.1º: Constitui patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens moveis e imoveis existente no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º: Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art.4 desta lei.

§ 2º: Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.

Art.2º: A presente lei se aplica às coisas pertencentes às pessoas naturais, bem como às pessoas jurídicas de direito privado e de direito público interno."

Nessa conformidade, deliberou esta DPHAN, pelo seu Conselho Consultivo, determinar o tombamento da CASA DA FAZENDA SÃO BERNARDINO, por considera-la bem particular de elevado valor artístico, sita na Parada do mesmo nome, Distrito



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

de José Bulhões, município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, de propriedade de Giacomo Gavazzi.

Nesse sentido e por força do disposto no art.9º nº 1 do mencionado decreto-lei, fez notificar o proprietário do imóvel provisoriamente tombado.

Ocorre, porém, que, recebida a notificação que se lhe expediu e antes de esgotar ou sequer iniciar a instância administrativa, impetrou o notificado, contra o ato desta DPHAN, mandado de segurança perante o MM. Juiz de Direito da 3ª Vara dos Feitos da Fazenda Pública, aliás denegado por sentença não reformada, em virtude de ao recurso dela interposto, pelo impetrante, para o Egrégio Tribunal Federal de Recursos, haver sido negado provimento, por intempestivo, em decisão daquela Superior Instância.

Essa veneranda decisão, é verdade, também comporta recurso. Não obstante, deve-se considerar que sejam quais forem as providências judiciais de que se socorra o interessado, terão elas efeito meramente protelatório, uma vez que incapazes, no caso sub judice, de operarem a modificação das conclusões da dita sentença recorrida, fundamentada como ela se acha em tranquila jurisprudência, firmada pelo Tribunal Federal de Recursos e pelo Supremo Tribunal de Federal, que fulminou a alegação de inconstitucionalidade do Decreto-lei nº 25, de 30/11/937.

Do ponto de vista administrativo não há, na hipótese, litígio a considerar.

Dispõe o decreto-lei nº 25 supra citado:

Art. 9: O tombamento compulsório se fará de acordo com o seguinte processo:

1) O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por seu órgão competente, notificará o proprietário para anuir ao tombamento, dentro do prazo de quinze dias, a contar do recebimento da notificação, ou para, se o quiser impugnar, oferecer dentro do mesmo prazo as razões de sua impugnação;

- 2)
-;
- 3)
-

Que o tombamento se processou, no caso, obedidas as formalidades legais não resta dúvida, como dúvida tam-



bem não há de que o interessado recebeu a notificação, tanto assim que, à vista dela e seis dias após a sua expedição por esta DPHAN, impetrou o mandado de segurança denegado.

Destarte, como não haja o interessado, regularmente notificado que foi, anuido ou impugnado, administrativamente, o tombamento, como lhe possibilitou a lei reguladora da espécie, claro resulta que abriu mão da providência facultada pelo nº 1 do art. 9 antes transcrito.

Visto, pois, que o interessado não ofereceu impugnação, segue-se a aplicação do inciso 2º do mesmo art. 9, segundo o qual,

"no caso de não haver impugnação dentro do prazo assinado, que é fatal, o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional mandará por simples despacho que se proceda à inscrição da coisa no competente Livro do Tombo,"

Somos, assim, ex-vi da expressa disposição legal invocada, de parecer que se deverá proceder, compulsoriamente, à inscrição da CASA DA FAZENDA SÃO BERNARDINO no Livro do Tombo das Belas Artes, instituído pelo nº 3 do art. 4º do diploma legal de 1937 tantas vezes referido, transformando-se o tombamento provisório em definitivo, para os fins a que alude o art. 13 do mesmo decreto-lei.

Tendo em vista, outrossim, que o interessado, procurando se furtar aos efeitos do tombamento, está anunciando a venda do imóvel cujo tombamento se recomenda seja ultimado, em caráter definitivo, e considerando:

- I) que ao tombamento definitivo se equipara, para todos os efeitos, o provisório (§ único do art. 10 do decr-lei nº 25, de 30/11/937);

bem como

- II) que a esta DPHAN incumbe, também, a proteção dos bens tombados na forma da lei e a fiscalização dos mesmos (nº III do art. 2 do decr-lei nº 8.534 e nº III do art. 1 do decreto nº 20.303, ambos de 2/1/946),

opinamos, -a fim de assegurar o direito de preferência estabelecido pelo art. 22 e seus parágrafos do decreto-lei nº 25 supra



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

citado-, no sentido de que esta DPHAN officie ao interessado advertindo-o das penas da lei, e, bem assim, ao Sr. Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Nova Iguaçu, para que não opere a transcrição, no competente livro a seu cargo, do contrato translativo de domínio que, porventura, venha a pleiteiar o mesmo interessado, naquele Cartório.

A consideração do Sr. Diretor Geral.

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1951.

Raphaél Carneiro da Rocha
Raphaél Carneiro da Rocha
(Assessor Técnico)

*a S. H. n. D. E. T. 506.
c/lt preparar expediente de
acôrdo com as conclusões do
parecer do Assessor Técnico
, bem assim, à vista do
mesmo parecer, inscrever
a edificação nos livros
do Tombo competente.*

Em 26. 2. 1951

*Prof. M. T. de A. M.
Diretor*

*Feita a inscrição, sob n.º 390,
a fl. 76 do livro do Tombo n.º 3
(Belas Artes).*

*Preparado o expediente su-
perido no parecer.*

*26. II. 1951 P. Drummond
Chefe da S. H.*

Anexo 2 – Denúncia de Abandono. Jornal do Brasil, 1982

Encontro defende menor

Belo Horizonte — A criação em todos os países da América Latina de institutos especializados em prevenir agressões a menores, a exemplo do México, foi a principal proposta apresentada ontem no encerramento do Encontro Latino-Americano sobre a Criança Maltratada e Negligenciada, que reuniu em Minas, durante três dias, cerca de 120 especialistas de todo o mundo.

O presidente do Encontro, médico José Raimundo da Silva Lippi, justificou a reduzida participação de autoridades e da comunidade como "uma demonstração de que a criança continua não sendo uma prioridade nem para a família". O Encontro decidiu tomar permanentemente o Comitê Provisório de Proteção à Criança, criado no ano passado num encontro internacional na Holanda.

AGRESSÃO E MORTE

Para o presidente do Congresso, o mau-trato à criança existe em todos os níveis da sociedade e, diante disso, cria-se na família o medo, ou pelo menos a fantasia de que os temas abordados possam relacionar-se com problemas particulares. Segundo ele, o objetivo do encontro foi alcançado, "já que conseguiu sensibilizar as autoridades e a comunidade para a criança que vem sendo maltratada e negligenciada".

O especialista Jaime Marcovich, presidente do Preman-Instituto de Prevenção ao Mau-trato de Crianças do México, o único existente na América Latina, explicou que conseguiu formar uma equipe de professores, psiquiatras, pediatras, assistentes sociais e outros profissionais para apurar e evitar abusos e agressões a menores. Segundo ele, o Instituto mexicano recebe denúncias por telefone e conta até, com ajuda policial para resgatar crianças maltratadas, que são levadas para hospitais, os pais agressores também recebem tratamento médico. Disse que, inicialmente, as autoridades não acreditavam no Instituto, por acharem que os mau-tratos eram uma fantasia, mas acabaram compreendendo, "depois da ocorrência e registro de muitos casos de espancamentos de crianças, que sofreram fraturas e até morreram depois de agredidas pela própria família".

ADVERTÊNCIA

As políticas de aplicação de recursos e trabalhos de campo desenvolvidos pelo



Os irmãos Pedro e Guido lutam para ter a fazenda de volta, mas os vigias não os deixam nem entrar lá

Fazenda imperial pode desaparecer porque o Governo a abandonou

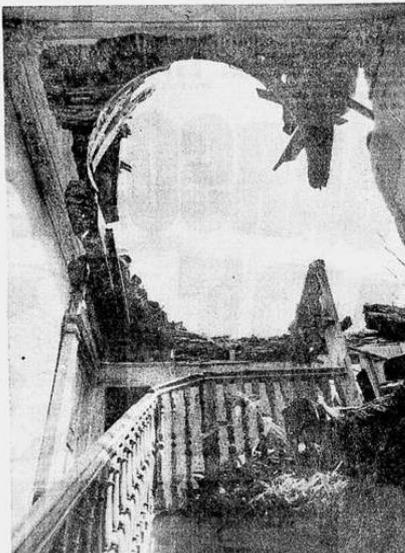
Luciano de Moraes

Dentro de alguns meses, a Fazenda São Bernardino, tombada pelo Governo federal (1951) e desapropriada pela Prefeitura de Nova Iguaçu (1976), será apenas uma lembrança do passado histórico da região. De longe, o casarão de 40 quartos e telhas importadas ainda guarda um pouco da antiga imponência. De perto, é um matagal e o betral de cerâmica importada já quase não existe; os pequenos cascos de vidro lembram os vitrais coloridos, grades, maçanetas e corrimãos foram roubados, vendidos ou levados como lembrança.

Na Prefeitura e na Secretaria Municipal de Educação, ninguém fala no assunto: sem dar o nome, funcionários dizem que não há verbais nem planos para restaurar a fazenda. Na Justiça, os herdeiros de Giacomo Gavazzi, seu antigo proprietário, lutam para reaver a fazenda e sua imensa área de mais de 1 milhão m². O diretor do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, Valdirck Pereira, apenas lamenta "o fim do último marco, do último vínculo do histórico passado iguaçuano com a atualidade". Só o ex-Prefeito João Batista Lotarico, hoje deputado, autor do projeto de desapropriação, tem uma informação concreta: caso a família retorne a área — hipótese que considera viável — vai propor um acordo. A família Gavazzi doa a sede da fazenda e uma área de 500 mil m² ao Governo do Estado e ganha com a valorização das áreas adjacentes.

A fazenda

Em 1875, o comandante português Bernardino José de Souza e Melo era o proprietário de um dos três trapiches da Vila de Iguaçu (hoje Vila de Cava), a mais próspera localidade do Estado do Rio de Janeiro. Com 21 mil 703 habitantes e 7 mil 862 escravos, uma rua de muito movimento, a do Comércio, com o Banco do Souto, o Teatro do Giovanni, a Banda de Música Iguaçuana, a Farmácia do Imbu. Anexa ao quartel, a cadeia tinha quatro presos e o corpo da Guarda era composto por seis homens e três cavaladuras". Viviam-se o



Prefeitura faz mapeamento para conseguir o retrato físico de favelas do Rio

Elyberto de Moraes

As favelas do Rio de Janeiro, algumas centenárias, como o Morro da Providência, na Saúde, e desconhecidas no seu interior, estão sendo mapeadas. Até setembro, cada uma delas terá um minucioso retrato físico, mostrando, entre outros detalhes, a organização urbana, a estrutura dos acessos e caminhos, córregos, valas, tipos de habitação, localização, limites e tendências de expansão.

Esse levantamento, denominado Projeto Classificação de Aglomerações de População de Baixa Renda do Município do Rio de Janeiro, está sendo feito pelo Instituto de Planejamento Municipal, para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, objetivando evitar a dispersão de recursos financeiros, através da identificação das áreas prioritárias.

SOLICITAÇÕES

A ideia do levantamento das necessidades das populações mais carentes partiu do Prefeito Júlio Coutinho, constantemente assediado por representações de favelados que vão ao Palácio da Cidade pedir saneamento básico, postos de saúde, escolas, eletrificação, telefones públicos, abastecimento de água e melhorias nas vias de acesso. No ano passado, ele recebeu em audiência quase uma centena de representações de favelados.

Mas a Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, começou a enfrentar problemas para o atendimento das inúmeras solicitações porque lhe faltava um critério que, entre outras

coisas, identificasse em cada área favelada que necessidade era mais prioritária. Além disso, havia — e há — um grande problema: a falta de dinheiro. O déficit orçamentário deste ano foi estimado em Cr\$ 33 bilhões.

Em face da ausência de critérios e não podendo dispersar recursos financeiros, o Secretário Vespertino Barreto, de Desenvolvimento Social, encomendou um levantamento ao Instituto, de modo a que cada área favelada passasse a ter uma ficha cadastrada com todas as informações necessárias em termos de localização e condições de vida, além de outros dados sócio-econômicos que fizessem possível manipulação pelo IBGE.

Aerofotogrametria

Com base em levantamentos aerofotogramétricos da Cidade do Rio de Janeiro feitos em 1975, bem como num trabalho a respeito de limites de favelas, realizado há três anos, pela Secretaria Municipal de Planejamento, o Instituto iniciou o levantamento pioneiro mostrando, em detalhes minuciosos, todo o interior das favelas, ainda desconhecido pelos setores de Saúde, Educação e até de Segurança pública.

Contou o diretor técnico do Iplanrio, Celso Gerbasini, que, por mais detalhadas que fossem as fotografias aéreas, havia a necessidade de um trabalho de campo para colher todas as informações sobre a vida nas favelas, dentro dos seus limites que já haviam sido delimitados pela aerofotogrametria. Em dezembro de 1980, seis técnicos e 20 estagiários de Sociologia e Arquitetura começaram a visitar as favelas.

Utilizando o método de amostragem, os pesquisadores passaram praticamente todo o ano de 1981 conversando com presidentes de associações de moradores, líderes religiosos e os favelados mais antigos, para saber a origem da favela, um pouco da sua história, necessidades e que soluções alternativas

viam e ouviam Segundo relatos elaborados pelas equipes de campo, nas favelas existem verdadeiras imobiliárias, que controlam a venda, o aluguel e até o fornecimento de escrituras relativas a transações com barracos, sejam de madeira ou de alvenaria.

— Elas controlam cada palmo de terra das favelas — comentou a coordenadora do levantamento, Ione Melo de Carvalho. Outra das conclusões iniciais do levantamento mostrou que existem mais de 380 favelas no Rio de Janeiro e que a maioria delas está na área da Região Administrativa de Madureira, bem como na do Meier, cada uma delas com cerca de 30. Enquanto isso, as regiões de Copacabana e Lagoa, juntas, têm 12 favelas. Até agora a definição do número exato de favelas foi explicada pela multiplicidade de nomes que muitas delas têm, bem como da existência de outras que praticamente herdaram o nome da rua onde começam.

ERRADICAÇÃO

O levantamento cadastral das favelas, que deverá ficar pronto em setembro, é uma demonstração de que não está nas cogita-

Anexo 3 – Certidão do Corpo de Bombeiros: Incêndio, 1983



SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

CERTIDÃO CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
4º GRUPAMENTO DE INCÊNDIO

Em cumprimento ao despacho exarado no Of. Gab. nº Cento e Quarenta Barra Cigenta e Três, do Diretor da Sexta Diretoria Regional. Em que solicita lhe seja passado por CERTIDÃO o que constar neste Corpo, referente ao Médio Incêndio, ocorrido no dia vinte e nove de março de mil novecentos e oitenta e três, na Estrada Federal nº dois mil duzentos e cinquenta Vila de Cava, Município de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, para fins de comprovação de sinistro. C E R T I F I C A D O que conforme consta no quesito preenchido e firmado pelo Comandante do Socorro e arquivado na Seção de Combate a Incêndio, às dezesseis horas e vinte minutos da data acima referenciada, no endereço citado, ocorreu um Médio Incêndio, em um prédio de alvenaria de dois pavimentos cuja construção é antiga e estava abandonado, sendo o mesmo tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional e que a causa do evento não foi possível apurar, o referido incêndio destruiu parcialmente o interior do primeiro e segundo pavimentos e totalmente o forro e madeirames (portas, janelas e caibros). Nada mais consta relativo ao requerido. E eu ..
Roberto José Cesar Veloso - 2º Ten. BM (ROBERTO JOSÉ CESAR VELOSO 2º Ten BM) Respondendo pelo Comando da Seção de Combate a Incêndio confeccionei e mandei datilografar a presente Certidão, a qual vai assinada pelo Sr. Ten Cel BM Comandante do Quarto Grupamento de Incêndio. x .

Nova Iguaçu, em 19 de Abril de 1983

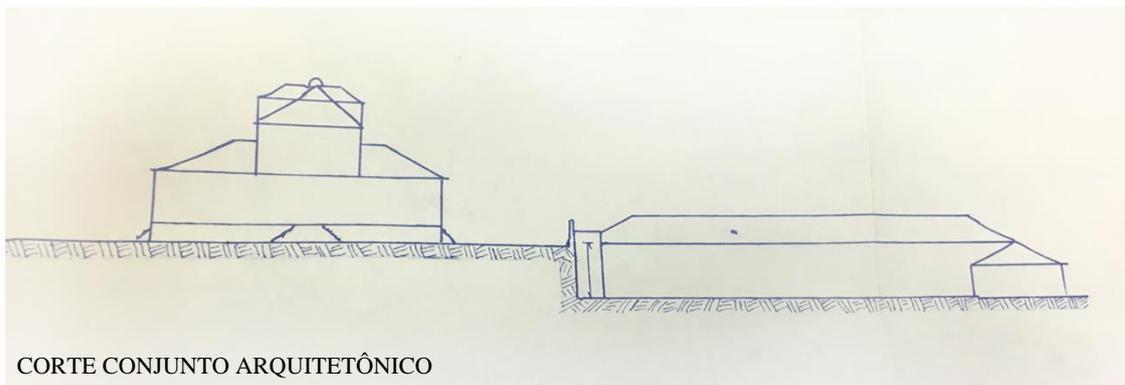
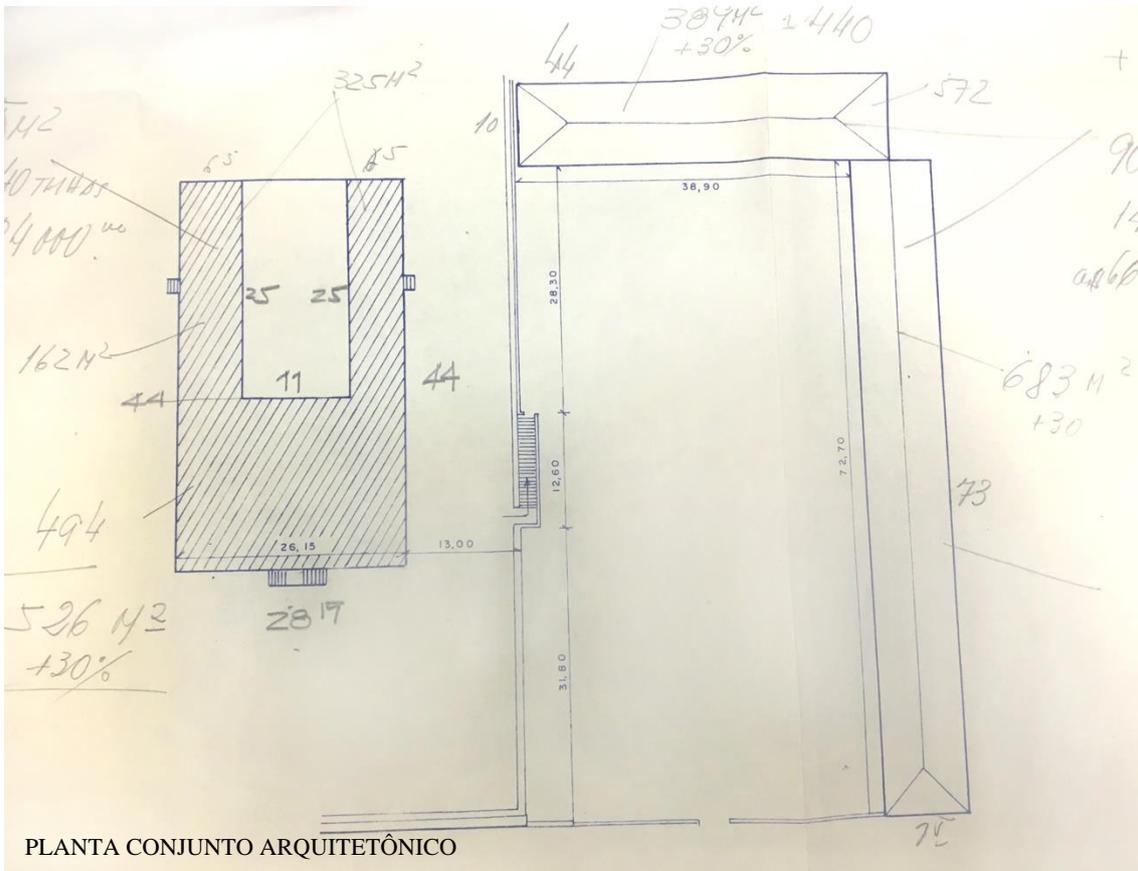


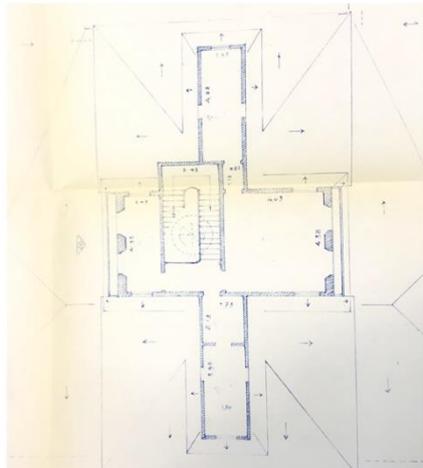
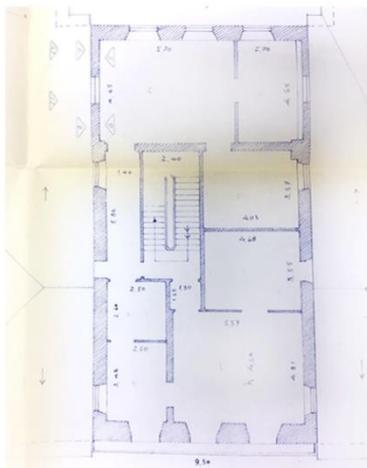
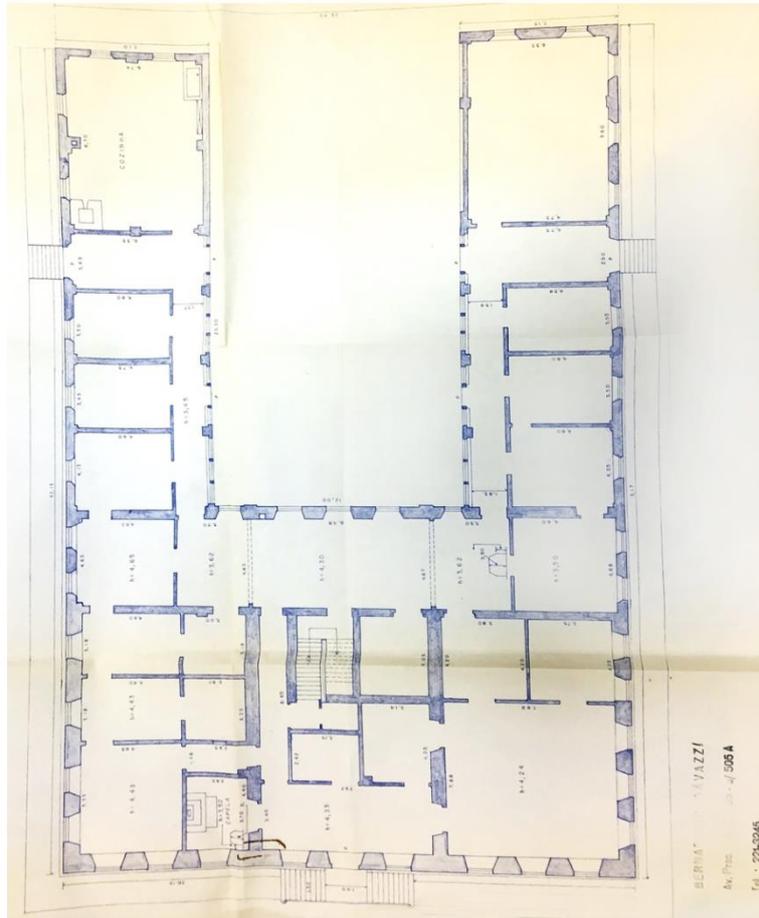
Carlos Alberto Vieira Carneiro

CARLOS ALBERTO VIEIRA CARNEIRO, Ten-Cel BM

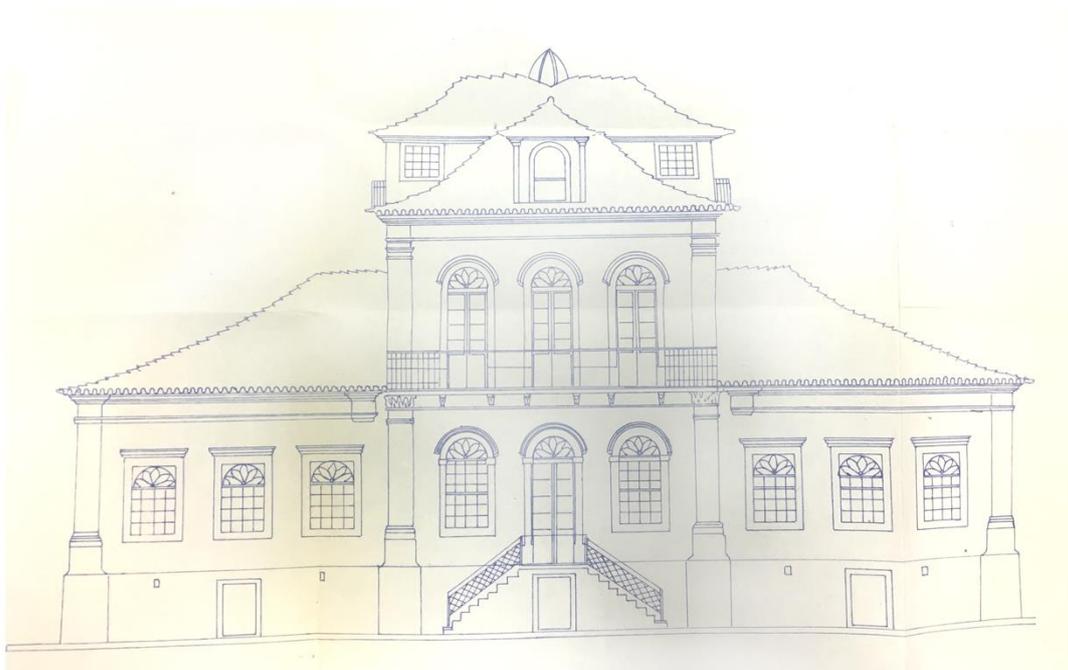
Comandante do 4º GI.

Anexo 4 – Plantas Originais do Conjunto Arquitetônico

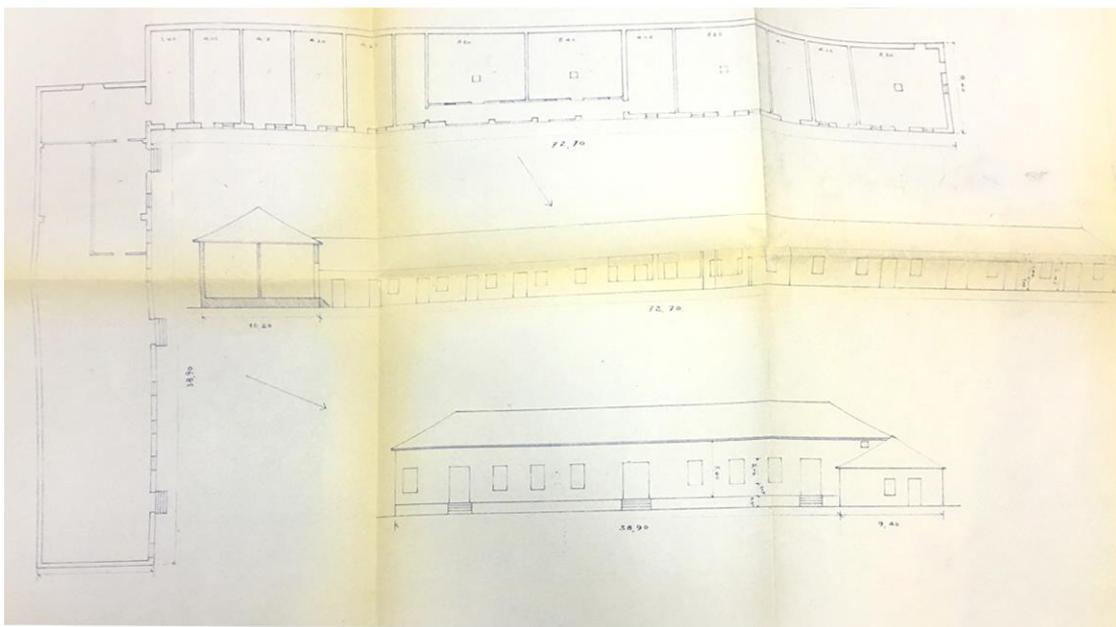




PLANTAS CASA GRANDE - 1º PAVIMENTO, 2º PAVIMENTO E MIRANTE



FACHADA CASA GRANDE



PLANTAS E FACHADAS - ENGENHO E SENZALA

A dark, low-angle photograph of a building's roof and overgrown vegetation against a grey sky. The roof is made of dark, textured tiles, and the vegetation consists of thin, bare branches and some green leaves. The overall mood is somber and neglected.

Para bem restaurar, é necessário amar e entender o monumento [...]. Ora, que séculos souberam amar e entender as belezas do passado? E nós, hoje, em que medida sabemos amá-las e entendê-las? (BOITO, 1884)